

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO – UFSC/ UNIPLAC**

**A PROPOSTA CURRICULAR
DE SANTA CATARINA COMO EIXO DE ANÁLISE PARA
AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

FRANCISCO ALVES DE SÁ



03357873

Florianópolis, fevereiro de 2001

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO –UFSC/UNIPAC**

**A PROPOSTA CURRICULAR
DE SANTA CATARINA COMO EIXO DE ANÁLISE PARA
AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

FRANCISCO ALVES DE SÁ

Dissertação apresentada para a obtenção do título de Mestre no curso de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, orientada pela Dr^a Carmen Sílvia de Arruda Andaló

Florianópolis, fevereiro de 2001



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

“Proposta Curricular de Santa Catarina como eixo de análise para as aulas de Educação Física”.

Dissertação submetida ao Colegiado do Curso de Mestrado em Educação do Centro de Ciências da Educação em cumprimento parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

APROVADO PELA COMISSÃO EXAMINADORA em 23/02/2001

Dra. Carmem Silvia de Arruda Andaló – UFSC (Orientadora)

Dra. Leda Scheibe - UFSC (Examinadora)

Dr. Sidney Ferreira Farias – UFSC (Examinador)

Dra. Diana Carvalho de Carvalho - UFSC (Suplente)

**Prof. Dr. Lucídio Bianchetti
Coordenador PPGE/CED/UFSC**

Francisco Alves de Sá

Florianópolis, Santa Catarina, fevereiro de 2001.

Ao meu pai, "in memorium" e a minha mãe que sempre me apoiaram nos estudos. A minha querida esposa Eliana e as minhas filhas Franciana, Francieli e Francine que entenderam a importância do conhecimento na vida do ser humano. Aos professores que foram incansáveis na transmissão de novos conhecimentos.

AGRADECIMENTOS

Após dois anos e meio dedicados ao Mestrado, muitas pessoas contribuíram para que eu pudesse chegar ao final de mais uma etapa importante na vida. Foi pensando em melhorar os conhecimentos que durante esse período passei grande parte de meu tempo estudando, para poder compartilhar tudo o que aprendi com outras pessoas. Só pude realizar tudo isso com o apoio de muita gente, assim registro meus agradecimento.

À orientadora e professora Dr^a Carmen Sílvia de Arruda Andaló, que me levou a refletir, a organizar o pensamento, apontando algumas alternativas teóricas e metodológicas, e soube, em todos os momentos, ser compreensiva com suas palavras, deixando-me confiante na construção desta dissertação.

Aos professores do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal, que puderam aprofundar meus conhecimentos teóricos.

Aos colegas do curso, pelos bons momentos que passamos juntos, estudando e elaborando trabalhos.

Aos professores que colaboraram com a realização desta pesquisa.

À direção das escolas públicas e particulares que abriram as portas para que eu pudesse realizar essa pesquisa.

À minha querida esposa Eliana que me apoiou durante todo o curso.

Às minhas filhas, Franciana, Franciéli e Francine que me deram forças para que eu pudesse chegar até o fim do mestrado.

À direção da UNIPLAC, pelo apoio que recebi durante todo o curso.

Aos amigos que direta ou indiretamente ajudaram na realização deste trabalho.

À Secretaria Estadual de Ensino pela dispensa de 20 h/aula das atividades docentes durante dois anos, do Centro Educação Profissional "Renato Ramos da Silva." (CEDUP).

RESUMO

Esta pesquisa se constitui num estudo realizado com professores de 8ª série do Ensino Fundamental, de Lages (SC) com o objetivo de verificar se os discursos e os trabalhos realizados por esses professores contemplam as orientações contidas na Proposta Curricular de Santa Catarina (1991/1998). Com base nesta Proposta e nas concepções de Educação Física, apresentadas por Ghiraldelli e outros autores, procurei analisar as observações das aulas de Educação Física e as entrevistas feitas com os professores e com alguns alunos (quatro: dois de cada sexo). A pesquisa foi realizada em duas escolas: uma na rede pública, e outra na rede particular. Na escola pública existia apenas um professor que trabalhava com a turma mista da 8ª série. Na escola particular as aulas eram ministradas por uma professora sem formação universitária, que trabalhava com as alunas, e um professor que trabalhava com os alunos. A escola oferece o treinamento esportivo fora dos horários de aula. A Proposta Curricular procura orientar o trabalho dos professores, adotando a concepção histórico-cultural. Há nessas escolas uma rejeição pela Proposta Curricular, pois os professores a consideram muito teórica. A Educação Física está voltada mais para o esporte de competição. O que se constatou é que eles trabalham desenvolvendo o esporte competitivo, especialmente o futebol e o voleibol. Em função disso havia uma orientação de obediência às regras dos jogos, com um processo claro de "exclusão" daqueles que se mostravam com mais dificuldades, sendo que às vezes chegava a uma "exclusão" de grande parte da turma, que ficava assistindo. Não havia por parte dos professores e nem dos alunos uma compreensão mínima a respeito da Proposta Curricular, o que indica que essa Proposta não chegou a atingir a realidade cotidiana da escola, pelo menos nos casos estudados, o que faz suspeitar que ela não foi apropriada pelas escolas, não sendo implantada definitivamente. Parece que já está anacrônica diante da ênfase atual que o Ministério do Esporte e do Turismo vem dando ao incentivo da prática desportiva, tornando-a obrigatória nas escolas em todo o território nacional a partir de fevereiro de 2001.

ABSTRACT

This research resulted from a study which was held among teachers of the 8th. phase of primary school in Lages and it aimed at verifying whether speech and activity which were performed by those teachers really followed the directions of the Curricular Proposition of de State de Santa Catarina (1991/19980). According to that Proposition and by obeying the conception of Physical Education that were presented by Ghiraldelli and other authors. I tried to analyse the directions, Physical Education classes, and the interviews which were made with teachers and students (four in all, two from each sex).The research was performed in two schools, one from the public net, and other from the private one. In public school there was na only teacher who worked with the mixed group of the 8th. phase. In the private one the classes were given by a teacher who did not have universitary formation - she worked with the girls while a he-teacher worked with the boys. The school offers sports training out of the regular scholar schedule. The Curricular Proposition tries to guide the teachers' work by adopting a historic-cultural approach. In the schools that were object of our reseach there is clear rejection to the Curricular Proposition because theachers consider it too theoretical. Physical Education is more involved with sports and competition. The study showed that teachers work so as to develop competitive sports, especially soccer and vollleyball. Due to that, students were taught to obey the the rules of each specific sports, with a clear process of " exclusion" for those who showed greater difficulty for the sports in concern and sometimes it was easy to notice that a lot of students became mere passive spectators. Neither teachers nor students showed any knowledge of the Curricular Proposition, and that demonstrated clearly that such a Proposition had not come in contact with the school daily routine - at least to the stent of the researched reality - and that fact makes us almost sure that such a Proposition was not even assumed by the schools, and so it was not definitely implanted. It Seems already anachronic in face of the present emphasis that Ministry of Sports and Tourism is giving to the challenge of sporting pratice, which makes it obligatory in schools all over the national territory, from february 2001 on.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I.....	15
1 - UM RESGATE HISTÓRICO	15
1.1- A Educação Física no Brasil	16
1.1.1- A Educação Física higienista (até 1930).....	17
1.1.2- A Educação Física militarista (1930–1945).....	17
1.1.3- A Educação Física pedagógicista (1945-1960).....	18
1.1.4- A Educação Física competitivista (1960-1970).....	19
1.1.5- A Educação Física popular (1920 - 1990).....	20
1.2 - O marco teórico.....	24
1.3 - A Educação Física em Santa Catarina.....	36
1.3.1- A Proposta Curricular de Santa Catarina.....	38
1.3.2- A Educação Física em Lages	41
CAPÍTULO II.....	43
2 - A PESQUISA NA ESCOLA PÚBLICA.....	43
2.1 - A metodologia.....	43
2.2 - A escola pesquisada.....	50
2.3 - A participação do professor e dos alunos.....	51
2.4 - Observações do professor Lúcio	53
2.5 - A entrevista do professor Lúcio.....	54
2.6 - A entrevista com a aluna Marta	63
2.7 - A entrevista do aluno Antônio	66
CAPÍTULO III.....	70
3 - A PESQUISA NO COLÉGIO PARTICULAR.....	70
3.1 - O colégio.....	70
3.2 - A participação dos professores e dos alunos.....	71
3.3 - As observações das aulas da professora Marisa.....	72
3.4 - A entrevista com a professora Marisa.....	73
3.5 - As observações das aulas do professor Mário	82
3.6 - A entrevista com o professor Mário.....	83
3.7 - A entrevista com a aluna Carla	89
3.8 - A entrevista com o aluno Paulo	93

CAPÍTULO IV	95
4 - ANÁLISE DOS DADOS.....	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	109
A N E X O S.....	112
ANEXO 1 - O roteiro de observações das aulas	113
ANEXO 2 - O roteiro de entrevistas com os professores	114
ANEXO 3 - O roteiro de entrevistas com os alunos	116
ANEXO 4 - Entrevista com a Professora Marisa a título de ilustração.....	118
ANEXO 5 - A entrevista com a aluna Carla a título de ilustração.....	126
ANEXO 6 - AS 26 Coordenadorias regionais de Ensino de Santa Catarina ...	132

INTRODUÇÃO

A reflexão sobre o tema proposto está presente no dia-a-dia dos educadores em geral. Muitas vezes, ouve-se falar que a Proposta Curricular de Santa Catarina, ainda não foi aceita por muitos professores que a consideram muito teórica. Isso despertou-me o interesse, pois, como trabalho com a disciplina de Educação Física, pretendo utilizar a Proposta Curricular de Santa Catarina como eixo de análise das aulas de Educação Física e verificar se existe uma aproximação entre o trabalho realizado pelos professores desta disciplina na escola pública e na particular com a referida Proposta. Ela foi elaborada por um grupo multidisciplinar com o objetivo de traçar uma linha pedagógica para a ação dos professores que é apoiada na concepção histórico-cultural de Vigotsky. Nos dois tipos de instituição a disciplina de Educação Física tem ocupado um espaço importante no processo de formação do educando, no sentido de desenvolver a cidadania.

Possivelmente, devido à postura de grupos compostos por Governantes federais, estaduais e municipais, a Educação Física perdeu espaço no contexto educacional, uma vez que as leis que regulam o ensino a estão colocando numa posição de mera coadjuvante no processo educacional. Isso fica claro na NOVA LDB, que revestiu esta disciplina de um caráter facultativo para os educandos dos cursos noturnos, e diminuiu uma aula no ensino do 2º grau do período diurno.

Os diretores escolares pouco têm contribuído para que a Educação Física seja mais valorizada na área educacional, e com isso alguns professores não se interessam em buscar no conhecimento uma melhoria na qualidade de ensino. A Proposta Curricular de Santa Catarina foi implantada em 1991 tendo como eixos norteadores uma concepção de homem como um ser social e histórico e uma concepção de aprendizagem conhecida como histórico-cultural, também chamada de sócio-histórica.

Segundo a Proposta Curricular (1998:15), "o professor deverá garantir o conhecimento a todos os alunos". Na teoria isso parece fácil, mas na prática é

difícil acontecer. Para refletir sobre essa questão há que se interrogar a respeito do papel do profissional que atua nesta área. Existe uma sintonia entre o agir pedagógico do professor e a Proposta Curricular de Santa Catarina? Alguns professores comentam que trabalham dentro da Proposta Curricular, mas na prática parece que isso não acontece.

Essa pesquisa foi realizada em duas escolas da cidade, com alunos das 8^{as} séries do Ensino Fundamental, para que se pudesse estabelecer um paralelo entre essas duas realidades. Fizeram parte da pesquisa na escola pública um professor, um aluno e uma aluna, representando a turma e escolhidos pelo pesquisador. Na escola particular participaram da pesquisa um professor e uma professora, além de um aluno e uma aluna representando a 8^a série e foram escolhidos também pelo pesquisador.

Para tentar compreender os professores é necessário que se entenda um pouco das tendências da Educação Física e sobre a concepção histórico-cultural, base referencial da Proposta Curricular. Existem professores que adotam uma linha pedagógica em suas aulas, mais voltada para a educação ao passo que outros têm uma orientação mais voltada para o esporte, baseada na linha pedagógica tecnicista¹. Essas duas linhas, em geral, norteiam as aulas de Educação Física. Muitas escolas não definiram ainda o Projeto Político Pedagógico, entendido aqui como um processo democrático de tomada de decisões, com o objetivo de organizar o trabalho pedagógico. É constituído com o envolvimento de todos, pela discussão, análise e posicionamento e se organiza a nível pedagógico e político. Político porque intenciona a formação de um determinado tipo de homem, escola e sociedade e pedagógico porque efetiva essas concepções através da ação educativa que deve remeter a uma reflexão sobre a relação do homem no mundo e com o mundo e a explicação destes determinantes. Segundo a Proposta Curricular (1998:102) "... é no diálogo permanente com a comunidade escolar que se elencam os objetivos a serem alcançados e se explica o eixo da ação pedagógica, tendo em vista a formação do homem e da sociedade que queremos".

Procurei buscar em alguns autores embasamentos teóricos que dessem uma contribuição para essa pesquisa. A Proposta Curricular de Santa Catarina

¹ Segundo Saviani (1993:25), "Na Pedagogia Tecnicista o processo define o que os professores e alunos devem fazer, assim também quando e como o farão, com o objetivo de aumentar a produtividade."

será o pano de fundo da mesma, visto que ela vem orientando o trabalho dos professores desde 1991, sendo reeditada em 1997 e 1998. Ela orienta na perspectiva de formar o cidadão na concepção "Histórico-cultural"². Também busquei subsídios em autores como Andaló, Bracht, Borges, Foucault, Giroux, Griffi, Santin, Patto, Oliveira, Santin, e outros, na tentativa de compreender a realidade da Educação Física na escola.

Existem aspectos que poderão ter influenciado no trabalho dos professores, como os baixos salários, o descaso com a Educação Física e a própria Educação em geral.

O governo, por questões econômicas, diminuiu uma aula de Educação Física no 2º grau. As aulas do curso noturno são facultativas para os alunos, os diretores nem sequer levam esse assunto ao conhecimento dos mesmos, demonstrando que não são coerentes nas suas atitudes, pois se as aulas são facultativas, os alunos, deveriam ter o direito de escolher entre poder usufruir de seus benefícios ou não. Sabe-se que os diretores, pensando em economizar, estão diminuindo o campo de trabalho desses profissionais e tirando a oportunidade dos alunos poderem melhorar sua qualidade de vida.

A falta da Educação Física nas escolas e nas Universidades também tem contribuído para agravar problemas como o uso de drogas, a violência, os crimes. Na área da saúde a Educação Física tem contribuído na prevenção de doenças. A taxa de obesos, de fumantes, de criminalidade, tem aumentado nos últimos anos, e muitos médicos recomendam atividades físicas, pelo menos 3 vezes por semana.

Alguns autores trabalham na perspectiva de mostrar a importância da Educação Física no processo Educacional. Os professores às vezes comungam com essa idéia, mas na prática não estão comprometidos com a educação dos alunos. É mais fácil "apenas dar uma bola para que os alunos possam jogar", mas Educação Física significa muito mais do que isso. Sua função é educar o cidadão para que possa atingir uma melhor qualidade de vida.

Essa área, enquanto área do conhecimento, tem como objeto de estudo o corpo em movimento, como saber constituído no interior das relações. Por esse

² A concepção "Histórico-Cultural" segundo a Proposta Curricular(1998:17), " tem como preocupação compreensão de como as interações sociais são importantes na formação das funções psicológicas."

motivo, a Educação Física tem uma função social a cumprir no espaço escolar, função essa que, segundo Saviani, apud Tolkmitt (1993:15) é “a transmissão do saber sistematizado, legado cultural da humanidade”.

Segundo a Proposta Curricular (1998:15), “os saberes que os alunos trazem de casa, não podem ser ignorados pela escola”. O Coletivo de Autores (1998:18), citando Paulo Freire (em *Pedagogia da Autonomia*) indica que o professor, através do seu exemplo, deve mostrar o compromisso que tem com a Educação. Com a frase: “Sou professor a favor da boniteza da minha própria prática, boniteza que dela some se não cuida do saber que devo ensinar”, Freire mostra o carinho que tinha com a Educação.

Observa-se que existe uma preocupação dos autores em cuidar dos saberes que devem ser ensinados. Será que os professores pensam assim nas escolas? Ou continuam reproduzindo o ensino tradicional, centralizado na figura do professor e na concepção que procura eliminar os mais “fracos?”.

Mesmo com a evolução do conhecimento, onde se procura a produção e, não a simples reprodução, parece que os professores não estão preocupados com isso, pois dizem que o governo “finge que paga”, eles “fingem que ensinam”, e os alunos “fingem que aprendem”. Isso contraria a Proposta Curricular de Santa Catarina (1998:15) onde “o conhecimento é um patrimônio coletivo, e por isso deve ser socializado”.

De modo a contribuir para detectar a origem dos aspectos que têm causado este tipo de postura, cabe fazer as seguintes perguntas: Os professores têm acompanhado a evolução da Educação Física? Eles têm conhecimento da Proposta Curricular e a utilizam?

Acredito que a escolha desse tema foi motivada pela contradição empírica de ambigüidades que existem no discurso e na prática dos professores de Educação Física. Alguns se dizem transformadores, alegando que trabalham de acordo com a Proposta Curricular, mas na prática continuam reproduzindo velhos esquemas através das atividades desenvolvidas com os alunos. Outros se dizem tecnicistas e apresentam um discurso de cunho pedagógico ou vice-versa. Existe um descompasso entre o discurso proferido e a prática efetivamente realizada.

Pesquisar sobre o cotidiano numa abordagem qualitativa é buscar aproximações com a realidade escolar e com a tarefa do professor trata-se de um desafio difícil, mas compensador. Procurar verificar se os professores utilizam a

Proposta Curricular³ como ponto de referência pedagógica, poderá contribuir para as possíveis mudanças no processo ensino - aprendizagem.

³ A Proposta Curricular de Santa Catarina é uma proposta pedagógica elaborada por um grupo multidisciplinar. Tem sua origem no movimento de discussão curricular ocorrido no país entre a década

CAPÍTULO I

1 - UM RESGATE HISTÓRICO

Para entender o processo da Educação Física convém situá-la através dos tempos. Suas raízes estão na antiga Grécia. Na cidade de Esparta ela era utilizada na preparação dos gladiadores e dos soldados para as guerras. Em Atenas, os grandes filósofos como Sócrates, Platão, Aristóteles influenciaram as teorias da Educação Física.

Para Sócrates (469-399 a.C.), apud Griffi (1989:49), "conhecer-se a si mesmo" significava "conhecer a própria alma, à qual o corpo era subordinado". Para esse mesmo autor, Platão (427-348 a.C.), discípulo de Sócrates, tinha como tema fundamental de ensino em sua obra "República", levar em consideração a utilidade da Educação Física como preparação para a guerra e, portanto, como defesa ao estado e na formação de guerreiros. Em "Timeo", obra mais filosófica, Platão menciona a ginástica sob o ponto de vista físico, levando mais em consideração a importância que essa tem no desenvolvimento e na formação harmoniosa da personalidade humana. Aristóteles (384-322 a.C.) apud Mello (1989:23), sobre o dualismo corpo/alma comenta: "uma certa quantidade de matéria (seu corpo), moldada uma forma ("sua alma)".

Para Vitorino de Feltre (1378-1446), apud Griffi (1989:157), pode ser considerado "o verdadeiro criador da Educação Física", por considerá-la uma disciplina específica, teve o grande mérito de ter "revalorizado o exercício físico", não somente como recreação, mas inserindo-o como exigência de harmonioso desenvolvimento no "sistema educativo". Outro personagem que teve uma participação muito importante na história da Educação Física e do esporte foi o Sacerdote inglês Thomas Arnauld (1795-1842), que promoveu o desenvolvimento dos esportes não só nas escolas, mas nos costumes da sociedade inglesa. De acordo com Griffi (1989:254), "Junto à educação intelectual e religiosa, Arnauld deu um lugar de destaque à educação física, os jogos tinham um particular valor

formativo na personalidade dos jovens”. Outro personagem marcante segundo esse autor (1989:256), foi Pierre de Coubertin (1863-1937), que se inspirou no trabalho realizado por Arnauld da Inglaterra, onde estivera em 1887. Voltando impressionado com a ênfase que se imprimia à prática esportiva, em 1888 publica o livro “ A Educação na Inglaterra”, onde afirma ser necessário incluir os exercícios físicos e esportivos no sistema francês de educação. A partir daí sua luta se resume em tentar incluir a prática esportiva nas escolas. Ao nível Internacional foi Coubertin quem fez renascer os Jogos Olímpicos da Era Moderna. Isso ocorreu em Atenas, em 1896. Os Jogos completaram agora 104 anos, sendo que o seu lema era: “o importante é competir”. Hoje o enfoque mudou, sendo que “o importante não é só competir, mas vencer”.

Houve uma influência da Educação Física francesa, no Brasil. Em 1921, adotou-se como método Oficial de Educação Física, “o regulamento nº 7” ou o método Francês, que era obrigatório como diretriz da prática da Educação Física na rede escolar brasileira.

Em Paris, em 1933, foi instituída uma Escola Normal Superior de Educação Física. Com isso o curso cessava de ser monopólio da faculdade de Educação Física de Joinville de Le Point (França), que mais tarde inspirou o curso de Educação Física na cidade catarinense de Joinville.

Em 1945, a federação de Educação Física Francesa, apresentou um projeto de doutrina de Educação Física Desportiva baseado em formas de trabalho coletivos e lúdicos, muito apreciado por professores brasileiros que atuavam nas escolas.

1.1. A Educação Física no Brasil

A retrospectiva histórica sobre a Educação Física no Brasil, apresentada por Ghiraldelli, visa a esclarecer os caminhos trilhados pelos professores de Educação Física, ou seja, a que tendência dão mais ênfase. Procurando oferecer subsídios para o entendimento destas tendências, elas serão apresentadas sem pretender obviamente esgotar o tema.

No final do Império foi recomendada a ginástica alemã, que havia sido adotada nos meios militares, na preparação dos soldados. Em 1858, o exercício físico tornou-se obrigatório nas escolas. Esse autor (1988:22), estabelece uma

periodização, que corresponde à orientação dominante em determinadas épocas, as quais servirão também para analisar a concepção adotada pelos professores dessa pesquisa.

1.1.1 A Educação Física higienista (até 1930)

Caracteriza-se por privilegiar a tese de que a Educação Física seja uma atividade capaz de garantir a aquisição e manutenção da saúde individual. Dentro desta perspectiva cabe a formação de homens e mulheres sadios, fortes e dispostos a ação. Ela tem, por objetivo resolver o problema da saúde pública, através da educação.

Esta função reveste-se de tal importância que Rui Barbosa afirmou: “a higiene do corpo e a higiene da mente são inseparáveis”. Com isso, concebe-se à Educação Física como a disciplina escolar capaz de satisfazer o apetite infantil pelo movimento.

Na realidade, a Educação Física Higienista se constitui numa teoria que resultou em estudos realizados na primeira República (1889-1930), que enfatizava a aquisição e preservação da saúde.

O método Francês, introduzido no Brasil em 1921, foi um marco, para Ghiraldelli, no sentido de romper com a hegemonia da concepção higienista, e dar impulso à Educação Física Militarista.

1.1.2. A Educação Física militarista (1930–1945)

Tem como objetivo fundamental a obtenção de uma juventude capaz de suportar o combate, a luta, a guerra. Claramente influenciada pelo clima das grandes guerras. Seu papel é de colaborar no processo de seleção natural, eliminando os “fracos” e premiando os “fortes”. Visa à formação do cidadão soldado, capaz de obedecer cegamente às ordens superiores e de servir de exemplo para o restante da juventude, pela sua bravura e coragem.

Rui Barbosa aconselhava às escolas a prática de Educação Física Militarista e, em 1932 a legislação a inclui como disciplina obrigatória nos cursos secundários. Em 1933 foi fundada a Escola de Educação Física do Exército, cujo

objetivo era formar homens obedientes e adestrados. Sua idéia central era o “aperfeiçoamento da raça”.

Para Foucault (1984:125),

Houve, durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplica.

Em sua obra “Vigiar e Punir!”, este autor evidencia que o corpo é manipulado, muitas vezes é disciplinado, doutrinado, apenas para obedecer. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. Isso aparece nas aulas de Educação Física e na sociedade em geral.

Mesmo extinta em 1946, por decreto do presidente Dutra, a instrução militar influenciou muito a Educação Física, tanto nos seus métodos quanto na sua prática, e ainda hoje está presente na prática.

A Educação Física era ministrada por instrutores físicos do exército, que traziam para essas instituições os rígidos métodos militares da disciplina e da hierarquia. Constrói-se, nesse sentido, um projeto de homem disciplinado, obediente, submisso, profundo respeitador da hierarquia social.

Comentam esses autores que, nesse período, a Educação Física escolar era entendida como atividade exclusivamente prática. Foi criada a primeira escola civil de formação de professores de Educação Física, pelo Decreto-lei nº 122212 de 17 de abril de 1939, que já tinha como objetivo desenvolver a Educação Física de cunho educativo.

1.1.3. A Educação Física pedagogicista (1945-1960)

Aponta essa disciplina como uma prática educativa. Advogando a “Educação do movimento”, como a única forma capaz de mover a “Educação Geral”, a perspectiva Pedagogicista, impregnada pela sociologia de Durkheim e pelo funcionalismo de Dewey, se preocupa com a juventude que frequenta as escolas. A dança, a ginástica e os esportes são considerados meios de educação para o aluno. Há uma valorização do profissional da área e começam a aumentar os estudos sobre a Educação Física. Muitos artigos aparecem nesta época, com

uma aceitação dos modelos americanos, visando melhorar a saúde, a formação do cidadão.

1.1.4. A Educação Física competitivista (1960-1970)

Tinha a competição e a superação individual como valores fundamentais e desejados por uma sociedade moderna, numa clara perspectiva capitalista. Nesse sentido fica reduzida ao "desporto de alto nível", a prática desportiva deve se "popularizar", para daí poderem brotarem "os expoentes" capazes de brindar o país com medalhas olímpicas".

Educação Física é então sinônimo de desporto que, por sua vez, é sinônimo de verificação de "performance". Volta-se para o culto do "atleta-herói"; aquele que a despeito de todas as dificuldades chega ao "podium". Tal perspectiva se torna hegemônica na época do Golpe Militar de 1964.

Hoje ela está presente na maioria das aulas de Educação Física e na sociedade em geral. Nesse período procura-se elevar o conceito do docente e quem formava boas equipes era considerado "bom professor."

A partir da década de sessenta, o professor passou a ser considerado um dos principais transmissores da ideologia dominante. Para Chauí (2000:113),

Ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (idéias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer...

Na verdade, o desporto de alto nível servia de "analgésico" para os movimentos sociais em ebulição. Vivia-se na época da ditadura militar, o Brasil conquistava bons resultados em nível internacional, como a Copa do Mundo de futebol de 1970. Assim é que o Brasil era tri-campeão mundial de futebol a ditadura militar expandia sua ação autoritária sobre a população. A competição ainda está fortemente enraizada. Nas escolas, os atletas encontram no esporte uma forma de adquirir prestígio. Mas para isso suas equipes precisam ser treinadas.

Na década de setenta, o esporte impõe à Educação Física seu conteúdo e sentido. O discurso pedagógico foi dominado pelo discurso da “performance esportiva”, literalmente influenciada pela importância da conquista das medalhas olímpicas.

Essa concepção também valoriza o “melhor”, aquele que se sobressai, reforçando assim a perspectiva individualista e meritocrática. Nas demais modalidades esportivas, os atletas destacados ganhavam bolsas de estudo no exterior. A idéia de “conquistar um lugar ao sol pelo esforço próprio” era ilustrada todo momento com os ídolos do esporte com Pelé e Emerson Fittipaldi.

1.1.5. A Educação Física popular (1920 - 1990)

O movimento popular da Educação Física brasileira iniciou-se nos anos 20 com o Partido Comunista Brasileiro. Sendo transmitida de pai para filhos através desses tempos, passou a exercer crescente influência nas camadas populares. A Educação Física e o Desporto não eram vistos com bons olhos pelas lideranças anarquistas, mas entram em ação no país através dos imigrantes italianos e espanhóis.

Com o fim da II Guerra Mundial, o Partido Comunista Brasileiro começou a organizar competições visando ao lazer. A Educação Física passou a fazer parte desse movimento popular com a construção de quadras nos bairros e nas escolas.

Essa perspectiva se estrutura com os movimentos populares, após a ditadura Vargas. Sua preocupação voltou-se para os movimentos populares e privilegiava a ludicidade, a solidariedade, a organização e a mobilidade dos trabalhadores, na tarefa de construir uma sociedade justa e democrática.

Nessa mesma década estruturam-se os movimentos renovadores de Educação Física do qual faz parte o movimento “humanista”, que se caracteriza por princípios filosóficos em torno do ser humano entendido aqui como um resgate do homem no processo educacional.

Segundo o Coletivo de Autores (1992:55),

Os princípios veiculados pela pedagogia humanista tratada por Vitor Marinho de Oliveira no livro intitulado Educação Física Humanista, no qual o autor se orienta na psicologia humanista de Maslow e Rogers. Essa perspectiva teórica situa os objetivos no plano geral da educação integral.

Na década de 80 alguns professores, influenciados por autores progressistas, procuravam desenvolver suas aulas numa perspectiva democrática.

Conforme Bracht (1999:24),

É a partir do contexto do debate pedagógico brasileiro das décadas de 70 – 80 que profissionais do campo da Educação Física como Oliveira, Medina, Freire, Castellani, Ghiraldelli, Borges, Taffarel, Kunz, Santin, Coletivo de Autores, vêm reforçando a necessidade da construção de uma teoria para a Educação Física entendida como prática pedagógica.

Colaborando com esses autores Barbosa (1999:21) comenta:

No meu entender, o principal papel da Educação Física (...) é de formar cidadãos críticos, autônomos e conscientes de seus atos, visando a uma transformação social. A nova sociedade formada por esta transformação social redefinirá o papel da Educação Física e da escola, como reprodutora de uma situação, mas agora reproduzindo esta sociedade sem classes, em que não há dominantes e dominados.

Esses autores reforçam a idéia contida na Proposta Curricular, que é de procurar trabalhar as "igualdades sociais" nas aulas de Educação Física visando construir um mundo mais justo. Para esse autor: "a Educação Física não se restringe ao ensino do desporto, como muitos acreditam" (1997:25).

A formação esportivizada, presente na realidade escolar até nossos dias, cresceu muito na década de 70 e 80. Centrada na "performance" esportiva, acentuava as contradições existentes entre a teoria e a prática, entre o aluno e o atleta, entre o professor e o técnico. Para ser professor, nesta época era preciso fazer muita atividade física, executar com perfeição os movimentos.

De acordo com Barbosa (1997:24),

Atualmente os cursos de graduação vivem um conflito interno entre formar o técnico desportivo ou o educador. Se o conflito já existe dentro da graduação, aumentará quando

o professor estiver atuando no magistério, ele sofrerá verdadeiras “crises de identidade” entre ser um técnico desportivo (ensinando os movimentos desportivos) ou ser um agente de transformação social (trabalhando o “movimento social”).

Em 1998 o Ministério da Educação e da Cultura (MEC) lança os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) destinados aos alunos do Ensino Fundamental (5ª a 8ª séries) e o Ensino Médio (2º grau), tendo como objetivo a compreensão da cidadania como participação social e política.

De acordo com os PCNs (1998:29),

A Educação Física escolar deve dar oportunidades a todos os alunos para que desenvolvam suas potencialidades, de forma democrática e não seletiva, visando seu aprimoramento como seres humanos.

Evidencia-se aqui a importância da área no Ensino Fundamental, por ela contemplar tópicos importantes para a formação dos alunos. A Educação Física para os discentes do curso noturno, como foi dito anteriormente, passa a ser facultativa, por regulamentação da nova LDB.

Segundo o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (1997:126),

A nova LDB, ao estabelecer que a Educação Física é um componente curricular facultativo para os cursos noturnos, deixa dúvidas se essa opção é da escola ou do aluno. Entretanto o Conselho Nacional de Educação, por meio do parecer n. 05/97, esclarece: Certamente, à escola caberá decidir se deseja oferecer educação física em cursos que funcionam no horário noturno. E, ainda que o faça, ao aluno será facultativo optar por não freqüentar tais atividades, se esta for a sua vontade.

Os Parâmetros Curriculares elaborados pelo MEC, segundo o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (1997:37),

Os PCNs são uma farsa da autonomia, proposta pelas políticas do MEC para a Educação. O que se explica é o centralismo e controle ideológico pela vida dos PCNs.

O MEC não considerou os estudos feitos pelo Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte e por autores que pensam a disciplina de Educação Física como possibilidade de mudanças.

Segundo o Coletivo de Autores (1992:50), “perguntar o que é Educação Física só faz sentido, quando a preocupação é compreender essa prática para transformá-la”.

O que se observou, no entanto, é que diferentes respostas são construídas sem contribuírem, efetivamente, para a superação da prática conservadora existente, centralizada mais nas concepções militarista e competitivista. Hoje a Educação Física é vista sob vários olhares, mostrando a evolução que vem atravessando.

Segundo Daolio (1998:88),

Existem várias abordagens de Educação Física, mas a abordagem que enfatiza a abordagem do movimento humano, é de fundamental importância para garantir a especificidade da Educação Física.

Propiciar a vivência da corporeidade⁵ e do movimento humano é de fundamental importância para a Educação Física Escolar. Para reforçar a essa idéia, nos valem da reflexão de Gonçalves (1994:176), apud Proposta Curricular (1998:233).

A Educação Física, lidando com a corporeidade e movimento, não tem diante de si um corpo simplesmente biológico (...) a práxis humana se efetiva porque o homem é um ser corpóreo, que possui necessidades materiais e espirituais.

Existem algumas propostas para rever os currículos nos cursos de Educação Física no Brasil, que de acordo com Piccolo (1999) foi realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro um seminário para discussão e apresentação de propostas de um novo currículo para formação superior em Educação Física, cujos principais pontos tratados foram:

⁵ Marx in Gonçalves (apud Proposta Curricular 1998:221), define “corporeidade” como uma visão de totalidade. Não havendo dissociação entre consciência e corpo”.

1. Crítica às escolas de Educação Física, que pela supervalorização do atleta, conduziram a filosofia educacional existente e a formação técnico-desportiva.

2. É dever das Escolas enfatizar o aspecto humanístico, visando à formação com conotação de pedagogo.

3. Busca do perfil do professor como educador.

Para Kunz (1991), a Educação Física escolar parece ter a obrigação de copiar o desporto de competição, típico dos clubes esportivos que se caracteriza pelo treinamento e pela competição. Ele não é favorável ao “princípio de sobrepujança”, onde a idéia é vencer constantemente, mas concorda que sejam oferecidas chances iguais a todos nas disputas esportivas.

Inicialmente a Educação Física em Santa Catarina estava muito centrada na concepção militarista, onde os alunos obedeciam aos professores, havendo uma exclusão dos menos hábeis e uma valorização daqueles que sobressaíam nas atividades físicas. A Abordagem competitivista também se fazia presente. As faculdades adotavam essa linha, sendo que o principal objetivo era formar o atleta para as competições locais, regionais e estaduais.

1.2 - O marco teórico

Para que a Educação Física não seja apenas uma disciplina, com conteúdos restritos à ginástica e aos esportes, apresenta-se aqui um Marco Teórico: educar os alunos para que possam participar das transformações sociais de uma forma mais democrática, evitando a reprodução mecânica dos movimentos, tornando-os mais críticos, mais participativos, para exercer a sua cidadania.

O Coletivo de Autores (1992:62), coloca que a problemática vivida pelos professores de Educação Física no momento é a seguinte:

A área está diante de duas alternativas, ou aperfeiçoa as técnicas do rendimento esportivo visando o esporte de rendimento ou busca nos valores pedagógicos opção de transformação.

O aperfeiçoamento das técnicas esportivas leva à reprodução dos movimentos, não dando oportunidade de desenvolver a criatividade aos alunos. De acordo com Mochcovitch (1988:8), “Gramsci não nega a função reprodutora da escola, mas seu pensamento tem um compromisso com a transformação”.

Observa-se, no entanto, que a formação de atletas nas aulas pode mudar a concepção de educar nas escolas, pois nela o objetivo é o rendimento das qualidades físicas. Isso contraria a concepção da Proposta Curricular, que tem o esporte escolar como um fim educativo, por visar ao desenvolvimento integral do aluno.

Bracht (1999:6), evidencia que “a Educação Física tematiza com a intenção pedagógica, as manifestações da cultura corporal”. Essa sua contribuição vem reforçar a linha pedagógica adotada na Proposta Curricular. Em contrapartida, o esporte de rendimento visa aos “resultados”, aponta o princípio de “sobrepujança”, onde muitas vezes os resultados têm mais valor do que a participação e, às vezes são manipulados. Os atletas são tratados, muitas vezes como mercadoria, pois são vendidos, trocados, e colocados à disposição dos empresários esportivos.

Para o Coletivo de Autores (1992:63),

A Educação Física e os esportes detêm a outra fatia do poder de agir sobre os corpos. A Educação Física não classifica os corpos com critérios de doença ou saúde, mas dentro da ótica da aptidão e da capacidade para a prática de determinados exercícios.

Atualmente, a Educação Física nas escolas está quase exclusivamente voltada para as práticas esportivas. Muitos profissionais tiveram uma formação nessa direção e continuam priorizando o esporte nas suas aulas. São poucos os que trabalham dentro de um enfoque pedagógico. A mídia reforça o esporte como uma forma de sucesso profissional, mas será que todos os alunos terão oportunidade de ter sucesso através do esporte?

As práticas esportivas, nas escolas, em geral comandam a maior parte das atividades desenvolvidas pelos professores. Eles entendem que a Educação Física passa por algumas modificações, mas continuam na mesma rotina. Como trabalhar o esporte na escola? Qual é o enfoque pedagógico que pode ser dado

às competições esportivas? A Proposta Curricular sugere que os professores trabalhem a competição presente no jogo como forma de estimular a cooperação, a igualdade de oportunidades e a socialização.

Ela aparece como um ponto de referência para os profissionais da área, pois nela e nos autores progressistas são encontradas as possibilidades de mudanças. Existe na Proposta Curricular a intenção de trabalhar as atividades visando a desenvolver mais o espírito coletivo, conforme o evidenciado em Gebara et ali (1992:208),

A pedagogia do movimento no século XXI provavelmente privilegiará a cooperação na competição, o prazer nas atividades realizadas com consciência, o lúdico pela exacerbação do alto rendimento e o movimento corporal expressivo em detrimento do movimento corporal imitativo.

Essa preocupação passa a ser a preocupação de vários professores de Educação Física. Mas, como ficarão as aulas de Educação Física sem o esporte, que tem a finalidade de superação? Não é isso que se pretende, mas sim mostrar que o esporte pode ser um meio de educar para ampliar as igualdades sociais e para a solidariedade. Isso é diferente da postura assumida por alguns professores que adotam a filosofia dominante de “superação e sucesso”.

Hoje os professores se defrontam com um problema, não sabem qual direção seguir. Isso poderá causar uma polêmica ainda maior. Valorizar o esporte na escola, ou procurar educar através do esporte? O esporte na escola ou o pedagógico na Educação Física?

Essa tendência do esporte vem da mídia, vem de toda uma sociedade que valoriza o individualismo, tomando como exemplo, Pelé, Ayrton Sena, Guga, e outros. Possivelmente este enfoque se revista de tal importância que se constitua o ponto de referência desta pesquisa, pois permitirá vislumbrar uma ação pedagógica na Educação Física, através da Proposta Curricular, voltada para as necessidades deste homem que está por vir, mas que já começa a se construir.

Piccolo (1993:136), ao se referir de como essa questão é tratada, diz: “trata-se de um homem que possa implementar uma transformação da realidade, que propicie uma evolução em todos os seus aspectos”.

A escola, na perspectiva de uma pedagogia crítica transformadora, deve optar por conteúdos que promovam a leitura da realidade, estabelecendo laços concretos com projetos de mudanças sociais.

De acordo com Brito (1996:148),

A Educação Física tem como objetivo o desenvolvimento integral do indivíduo. Para isso, faz uso das atividades físicas esportivas e recreativas, como agentes de transformação do processo educacional, atuando sobre os aspectos de natureza afetiva, psicomotora, cognitiva e social.

Dentro dessa filosofia, que tem por fim a valorização total do indivíduo, a educação e o educador deve conta da natureza do homem integral e da necessidade do conhecimento.

Os interesses esportivos fora da escola são muito fortes, e não são trabalhados na perspectiva da Proposta Curricular. O sistema capitalista é quem dita às ordens, e isso parece ter influenciado o trabalho dos professores.

Hoje se fala muito em trabalhar numa perspectiva de transformações, mas será que na prática realmente isso vem acontecendo? Frequentemente se escuta que “quanto mais se fala em mudanças, menos elas acontecem”, quanto mais se fala em democracia menos a temos. Quanto mais campanhas são feitas para acabar com as drogas, mais drogados aparecem. Será que quanto mais se falar em Educação Física dentro de um enfoque pedagógico, mais se estará fortalecendo a competição esportiva nas escolas?

Kunz (1991:182), em seu livro “Educação Física Ensino e mudanças” comenta que, “é necessária uma mudança total da concepção da Educação Física e no seu processo de ensino-aprendizagem”. Isso significa que ela não pode ser visualizada como uma atividade ou disciplina isolada do contexto social.

Para esse autor, essa disciplina deverá estar voltada para a área pedagógica e não para a área esportiva, nas suas palavras (1991:186),

Gostaria de alertar que não pretendo negar totalmente o esporte, não se pode considerá-lo como uma cultura da classe dominante, um meio de destituído de qualquer valor pedagógico... A consequência deste procedimento é a função seletiva, a classificação social do aluno, assumida pela Educação Física, quando os de bom rendimento

esportivo são separados dos de rendimento considerados fracos, essa função não pode ser mais permitida para a Educação Física, como disciplina pedagógica.

Comenta ainda que a Educação Física deverá transformar as suas especificidades práticas, em tarefas pedagógicas, não excluindo a prática do esporte, dos movimentos e dos jogos, mas através deles, desenvolver a função social e política que é inerente de toda ação pedagógica.

E para que isso aconteça deverá existir uma mudança muito grande por parte dos profissionais que trabalham nessa área. A interferência de muitos dirigentes esportivos, no entanto, poderá impedir tais mudanças pedagógicas dentro da escola.

Cabe aqui uma reflexão também sobre as outras disciplinas. Será que nessas disciplinas não existem os “bons alunos” e os alunos “fracos”. Será que é só nas aulas de Educação Física que existe essa discriminação? Será que hoje em dia ainda não existe esse tipo de discriminação na sociedade? Será que se quer “tapar o sol com a peneira”, querendo culpar o esporte pelas discriminações sociais, quando na realidade a Educação Física, reflete o que ocorre num âmbito macro-social.

A Proposta Curricular aponta alguns caminhos, mas parece que na prática isso vai demorar acontecer. Essa pesquisa mostrará um pouco da realidade escolar. Será que os professores se aproximam das propostas pedagógicas apontadas na Proposta Curricular, ou apenas continuam desenvolvendo práticas voltadas para o esporte de competição?

Pretende-se mostrar as perspectivas pedagógicas que a Educação Física aponta para serem desenvolvidas nas aulas. Sabe-se que outros segmentos da sociedade, como os clubes, as representações nacionais trabalham mais na perspectiva de uma Educação Física voltada para a competição e entendem que o atleta olímpico começa na escola. Assim o fenômeno esporte está presente no dia-a-dia do aluno.

Cabe aqui questionar um pouco da linha de trabalho adotado nas universidades. A formação inicial dos professores tem repercutido nas suas práticas no meio escolar: trabalham na perspectiva pedagógica ou na área esportiva visando ao rendimento esportivo. Esse aspecto está ligado ao trabalho

dos professores e atribuído à mídia esportiva, que tem influenciado na escolha dos conteúdos escolares para as aulas de Educação Física.

Os cursos de formação não adotam a mesma linha, o perfil profissional varia muito de Universidade para Universidade. Há aqueles que desenvolvem mais o lado voltado para o esporte, e aquelas em que o perfil profissional está centralizado mais na área pedagógica. E na prática como isso vem acontecendo? Nas escolas pesquisadas como será que os professores trabalham?

Em Santa Catarina, por exemplo, existem universidades que adotam o esporte como “marketing”. É o caso da Unisul de Tubarão, que pretende oficializar o seu curso de Educação Física em Florianópolis, já para 2001, tendo contratado alguns atletas da seleção Brasileira de voleibol para disputar a liga Nacional, e que também participaram dos Jogos Olímpicos em Sidney.

A Universidade da região de Blumenau. (Furb) já formou muitos atletas responsáveis pela conquista de muitos Jogos Abertos de Santa Catarina. A própria Universidade Federal teve a sua equipe de Atletismo, na década de 70, e hoje mantém equipes de treinamento em várias modalidades, sendo destaque nos Jogos Universitários Catarinenses realizados em Blumenau em 1999. A Escola de Educação Física onde realizei meus estudos em Joinville enfatizava mais a área esportiva. A Uniplac em uma ligação muito forte na área pedagógica e com a Proposta Curricular, mas mesmo assim está formando suas equipes de treinamentos esportivos.

O esporte faz parte também dos currículos das universidades, das escolas particulares, públicas, estaduais e municipais. O que se vê na televisão, nos clubes esportivos, nas Fundações Municipais de esportes não contempla o processo educativo, segundo a Proposta Curricular. A Educação Física na escola, poderá oportunizar a participação de todos não sendo seletiva.

O esporte está presente no dia a dia dos brasileiros e o futebol aparece como sendo o mais praticado no país, seguido pelo voleibol. Com o resultado das Olimpíadas poderá haver mudanças nos currículos escolares. Será que a Educação Física competitivista muito difundida na década de 70 está voltando? Segundo alguns atletas Olímpicos como Oscar, Hortência, Paula, ex-jogadores da seleção brasileira de basquetebol, “o esporte precisa ser iniciado nas escolas, para que o Brasil possa ser uma potência Olímpica”. Existem dois eixos nas aulas de Educação Física: “educar o cidadão ou incentivar o esporte de rendimento”. A

Proposta Curricular também visa desenvolver a educação através das atividades esportivas.

Existe o interesse do governo federal em desenvolver projetos para novamente tentar popularizar o esporte nas escolas. Desta forma talvez consiga desviar atenções das crises internas existentes no país, com uma situação econômica que gera a pobreza, o desemprego, o analfabetismo, etc. Alguns profissionais pensam que a "iniciação esportiva"⁴ deverá começar na escola. A Proposta Curricular, pelo contrário, entende que não é função social da escola formar atletas. No entanto, a própria Secretaria da Educação promoveu muitas competições, visando a selecionar talentos para representar Santa Catarina ao nível nacional.

A formação esportivizada, centrada na formação atlética, acentua as contradições entre a teoria e a prática, entre a universidade, e a escola, entre o professor e o técnico, entre o aluno e o atleta. Essa formação existia em muitas universidades, e agora está voltando, o que ficou bem evidenciado nas recentes Olimpíadas de Sidney.

Na escola está havendo uma mudança no sentido de tornar a Educação Física mais democrática, mas parece que ela segue o seu ritmo normal, centrada mais na figura do professor, do técnico esportivo. Pretendo verificar através deste estudo se há alguma mudança nesse sentido que possa influenciar o trabalho dos professores.

Observo empiricamente que, em algumas escolas da cidade, as aulas de Educação Física continuam voltadas mais para o esporte. Os professores preparam seus alunos para competirem e, principalmente, para vencerem, esquecendo muitas vezes o valor educativo do esporte.

As aulas de Educação Física ainda estão centradas na concepção do esporte de rendimento e, a grande maioria dos cursos que são ministrados na região Sul do Brasil estão voltados mais para a área esportiva, visando aumentar a clientela nos clubes. O último 4º Meeting Sports/ Fitness & Fisioterapia realizado em Florianópolis, em setembro de 2000, pouco contemplou o aspecto pedagógico, enfatizou mais a área esportiva. A grande maioria dos cursos realizados no Brasil estão voltados para o esporte ou para as academias, que

⁴ "Iniciação esportiva, parece assimilar do Francês "inicion sportive" que traduz a idéia de introduzir um comportamento novo, começar os movimentos básicos de determinada modalidade. (Kirsch (1983:2)

visam a melhorar a qualidade de vida. Como mudar essa concepção esportiva na escola, se diariamente os programas exibidos nas televisões estão voltados mais para o esporte? A Proposta entende que o esporte deve ser utilizado como um meio educativo, mas muitos professores ainda acham que ele deve estar voltado apenas para a competição.

O próprio Ministro Nacional do Desporto, Lars Graef afirma: "precisamos popularizar o esporte nas escolas, para termos um campeão Olímpico (medalha de ouro) já nas olimpíadas de Atenas na Grécia em 2004".

Um ponto desta pesquisa, encontra-se no fato de investigar um fragmento da realidade do ensino da Educação Física da Região de Lages.

Parece existir um problema que diz respeito ao fato de muitos professores de Educação Física não terem conhecimento e clareza quanto à concepção que sustenta a sua prática. Isso ocorre porque há, neste universo, profissionais que não têm como hábito uma constante leitura de sua ação pedagógica, enfocada através das linhas de ação da tendência de educação adotada na Proposta Curricular.

Esta postura implica na inexistência de renovação diante das mudanças da sociedade, enquanto na escola, as mudanças deveriam interferir no cotidiano dos educandos e dos educadores. Além disso, a escola acomoda o profissional e impede que ele seja capaz de um movimento de apropriação de novos conhecimentos e a conseqüente reflexão, no sentido de fazer a leitura da realidade, da sua ação pedagógica e das necessidades de mudanças encontradas na Proposta Curricular.

Apresento aqui alguns dados que poderão ajudar a entender melhor o agir do professor de Educação Física.

- Há falta de uma política salarial, que valorize os profissionais da Educação o que pode ter desmotivado os educadores na construção de novos conhecimentos.

- Os professores de Educação Física deveriam constituir-se em profissionais capazes de fazer a leitura de sua ação pedagógica e, se necessário repensá-la, para poder transformar a realidade.

- O papel da Universidade é oferecer subsídios para que o futuro profissional da área domine as várias tendências do ensino e consiga atuar dentro daquela que julgar a melhor opção para suas necessidades.

- O ensino de Educação Física precisa se adequar às mudanças que ocorrem no interior da sociedade e ao mesmo tempo estar se preparando para atender as mudanças futuras.

Em minha experiência como professor de Educação Física junto ao ensino de 1º e 2º graus foi possível constatar empiricamente que há falta de livros específicos e atualizados de Educação Física nas bibliotecas escolares. Além disso, os professores da área não têm por hábito buscar nos livros a apropriação do conhecimento, e freqüentemente desconhecem a concepção de Educação Física contida na Proposta Curricular de Santa Catarina e nos PCNS (Planos Curriculares Nacionais). Muitos profissionais geralmente não fazem a associação entre a concepção de ensino e a metodologia adotada em sua prática, não tendo por hábito refletir, analisar e repensar sua própria prática.

Observa-se que alguns professores não participam mais de cursos de aperfeiçoamento profissional, deixando de se atualizar ficando com isso afastados das mudanças que estão acontecendo nos campos pedagógico, esportivo, recreativo e na área da saúde.

A Proposta Curricular de Santa Catarina, e os PCNS apresentam algumas sugestões para as aulas de Educação Física, as quais pretendem que os profissionais da área tenham acesso a esse conhecimento e que possam pensar nas possibilidades de mudanças, oportunizando a participação também dos alunos nessas transformações. Com isso seria possível evitar a valorização da cultura corporal do desporto de rendimento, buscando a formação integral do aluno, através de um processo político-pedagógico. Político porque encaminha propostas de intervenção da realidade social, e pedagógico porque propõe uma reflexão sobre a ação dos homens na realidade atual.

As abordagens críticas dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998:26), sugerem que:

Os conteúdos selecionados para as aulas de Educação Física devem proporcionar uma leitura crítica da realidade dos alunos, e possibilitar inserções transformadoras nessa realidade.

Neste ponto os Parâmetros Curriculares Nacionais e a Proposta Curricular de Santa Catarina estão de acordo, pois procuram evidenciar que há necessidade de transformar a realidade, procurando uma sociedade mais justa.

Segundo Vasconcelos (1994: 69), "A Educação Escolar tem seu núcleo na formação do ser humano. O sujeito não se forma sozinho; precisa de interação com o outro para vir a ser pessoa".

Sendo assim, a Educação Física deveria dar oportunidade a todos os alunos de se desenvolverem de forma democrática e não seletiva, visando ao seu aproveitamento como seres capazes de aprender a mudar as regras do jogo, para que no futuro tenham condições de transformar o mundo onde vivem.

A Educação Física não deve, pois, se ater a ensinar apenas a reprodução dos movimentos, mas contribuir para desenvolver a criatividade dos alunos, produzindo novas regras e educando-os para as grandes transformações sociais.

Makarenko (1981) um dos mais importantes educadores soviéticos, ressaltou a importância do jogo quando bem orientado. De acordo com Mello (1989:64), esse autor afirmou que para educar o futuro homem de ação, não se deve eliminar o jogo, mas organizá-lo de tal forma que, sem desvirtuar seu caráter, contribua para formar as qualidades do trabalhador e cidadão do futuro.

O jogo é entendido aqui como uma atividade física e mental, organizada por um sistema de regras que define o vencedor ou o perdedor.

Esse educador mostra que é viável educar o cidadão do futuro através do esporte, o que contraria alguns educadores brasileiros. Oliveira, por exemplo, defende que exista uma separação entre Educação Física e esporte. De acordo com Borges (1998:33),

A proposta defendida por Oliveira (1988) tem como base, as diferenças entre Educação Física e esporte, o autor propõe que a Universidade de São Paulo ofereça curso de bacharelado em Educação Física; licenciatura em Educação Física.

Há alguns professores que trabalham na Educação Física dentro de um enfoque pedagógico, outros desenvolvem as atividades dentro da área esportiva.

De acordo com Giroux, (1987:31),

A concepção de Gramsci, segundo a qual os intelectuais representam uma categoria social e não uma classe, aponta questões interessantes a respeito da forma como os educadores devem ser considerados nos diferentes níveis do sistema escolar, em termos de sua política, da natureza de seus discursos e das funções pedagógicas que desempenham.

Ele aponta algumas categorias por meio das quais analisa a função social as quais utilizarei juntamente com a Proposta Curricular para analisar o trabalho dos professores investigados.

Esse autor estabelece quatro categorias típico-ideais de intelectuais que utilizarei para as análises desta pesquisa, juntamente com a Proposta Curricular de Santa Catarina.

Para Giroux (1987:32),

A 1ª categoria é a dos intelectuais transformadores que visa:

Desenvolver as culturas e tradições emancipatórias, dentro e fora das esferas públicas. Sua tarefa central é tornar o “pedagógico” mais “político”, e o “político” mais “pedagógico”, o que significa “inserir a educação na esfera política”. Isso implica tratar os alunos como “agentes críticos”, no combate às injustiças sociais através da escolarização. Tornando o político mais pedagógico significa tratar os alunos como agentes críticos para se tornarem coletivamente mais cidadãos.

Nesta categoria o professor de Educação Física deverá desenvolver atividades que visam a uma transformação social, educando um aluno para que possa combater as injustiças sociais, visando a uma sociedade mais justa e democrática.

A 2ª categoria é a dos intelectuais críticos,

Sua postura na maioria das vezes é apolítica e “não se consideram ligados a qualquer formação social específica”. Como indivíduos, são críticos das desigualdades e

injustiças, mas freqüentemente se recusam ou são incapazes de avançar de sua postura para o terreno da solidariedade coletiva e da luta. (1987:33)

Nesta categoria os professores de Educação Física mesmo sendo crítico das desigualdades são incapazes de avançar no terreno da solidariedade coletiva ficando alienado na construção de uma sociedade mais justa.

A 3ª categoria é a dos intelectuais adaptados,

Em geral, “adotam posições ideológicas e um conjunto de práticas materiais a que sustentam a sociedade dominante”. Em geral “não estão conscientes desse processo, uma vez que não se definem como agentes do “**status quo**”, embora sua postura política promova os interesses das classes dominantes (1987:37).

Nesta categoria os professores de Educação Física adotam uma postura que vem reforçar a ideologia dominante, deixando tudo como está, não se envolvendo nas transformações sociais.

A 4ª categoria é a dos intelectuais hegemônicos,

(...) colocam-se à disposição das classes dominantes. Podem ser encontrados (...) “como gerentes na indústria cultural e, na prática educacional, em pastas docentes de vários níveis de ensino. Como trabalhadores”, (...) eles vendem sua força de trabalho e não têm controle sobre o aparelho educacional como um todo (1987:38).

Nesta última categoria os professores de Educação Física fazem o jogo das classes dominantes, procurando tirar proveito em benefício próprio.

Essas categorias auxiliarão nas análises das atividades desenvolvidas pelos professores desta pesquisa. A categoria dos “Intelectuais Transformadores” está presente na filosofia da Proposta Curricular, pois visa a desenvolver as culturas e tradições emancipatórias procurando evidenciar um mundo mais justo. Nessa perspectiva que os professores devem encaminhar o trabalho na escola.

A história da Educação Física tem mostrado que a exclusão, a seletividade e a discriminação são predominantes nas práticas vividas na escola e na sociedade em geral.

Segundo Giroux (1987:25),

A teoria educacional deve ser compreendida como tendo um profundo compromisso em desenvolver a escola como um espaço que prepare os estudantes para participarem e lutarem por esferas públicas democráticas.

Desta forma as aulas de Educação Física deveriam ser um espaço onde os alunos pudessem exercer cidadania, trabalhando na perspectiva de diminuir as desigualdades sociais. De acordo com Saviani (1993:87). "A democracia é uma conquista e essa deverá estar presente no dia-a-dia dos educadores".

Gramsci apud Mochcovitch (1988:56),

Na necessidade de garantir pelo menos nos níveis básicos de ensino a existência da escola formativa, desinteressada, que representa a verdadeira tendência democrática. A escola democrática, que deve ser assegurada a todos pelo Estado... É aquela através da qual a sociedade coloca "cada cidadão", em termos gerais e pelo menos "abstratamente", na condição de se tornar "governante".

Com isso as igualdades de oportunidades seriam oferecidas para todos, oportunizando uma sociedade mais justa.

1.3 - A Educação Física em Santa Catarina.

A cidade de Joinville foi pioneira na formação de professores de Educação Física. Colaborando com alguns dados históricos Costa (1999:197), declara que o decreto Nº 66.313, de 13 de março de 1970 autoriza o funcionamento da Escola de Educação Física de Joinville, Santa Catarina, a qual, nesta ocasião, estava voltada para a formação de atletas, seguindo mais a linha esportiva.

Outros cursos de Educação Física foram aparecendo no estado como, o da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o curso da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC), ambos situados em Florianópolis, O curso da Universidade da Regional de Blumenau, o curso de Criciúma, de Concórdia, mais tarde no planalto catarinense (Lages), depois Mafra, Videira e Xanxarê.

Em 1984 foi realizado em Florianópolis o V encontro nacional dos estudantes de Educação Física (Vº ENEEF), com a presença do Lino Castellani, que apoiado numa concepção histórico-crítica da educação procura dar início a uma prática transformadora da Educação Física. Numa carta escrita ao seu amigo Manuel Sérgio, Castellani (1991:207), comenta a situação que a Educação Física vivia naquele momento:

O que vi e assisti encheu-me de força e esperança. De repente ali estavam reunidos cerca de 600 alunos de Educação Física vindo de todas as partes do país, discutindo o compromisso social e profissional de Educação Física... Não tenho dúvidas de que as pessoas, hoje na condição de alunos, num futuro bem próximo estarão contribuindo decisivamente para a sedimentação de uma nova postura profissional na Educação Física brasileira...

Esse e outros cursos contribuíram para mudar um pouco o perfil da Educação Física no estado, que esteve voltado para o esporte de competição e ainda continua como "marketing" para as instituições universitárias.

Os cursos de Educação Física continuam aumentando. Em 2001 a Unisul de Tubarão estará oficializando o seu curso de Educação Física em Florianópolis, e a Univali poderá ter também o seu. A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC) poderão abrir seus cursos de doutorado. Os trabalhos realizados pelos profissionais desses cursos poderão estar ligados à área pedagógica ou esportiva, o que poderá influenciar as concepções adotadas pelos professores. A formação inicial e continuada definem a concepção a ser trabalhada por esses profissionais, desde que não sobram influências externas.

1.3.1 - A Proposta Curricular de Santa Catarina

A Proposta Curricular de Santa Catarina (1991-1998), começou a mudar o perfil dos profissionais de Educação. Ela evidencia que todos os temas devem ser entendidos numa perspectiva histórico-cultural, com o objetivo de contribuir para a formação dos cidadãos, pois somente dessa forma existe a possibilidade de trabalhar para a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Segundo a Secretaria da Educação e do Desporto (2000:8),

A Proposta Curricular de Santa Catarina fundamenta-se numa determinada concepção de humanidade e de sociedade e numa determinada concepção de aprendizagem. Como concepção de humanidade e de sociedade, orienta-se pelo Materialismo Histórico, e como concepção de aprendizagem alinha-se pela perspectiva Histórico-Cultural.

Essa Proposta estuda o homem a partir da prática social e da evolução histórica da sociedade através dos tempos, vendo-o enquanto produto e processo de contradições e transformações.

A Proposta Curricular foi elaborada por um grupo de educadores, que definiu os conteúdos das disciplinas a serem trabalhados visando formar uma concepção de homem e de aprendizagem. Na área de Educação Física, ela foi construída por poucos professores, que representaram algumas regiões do estado, mas não contemplaram nem a quarta parte das coordenadorias regionais de educação existente no estado.

A concepção histórico-cultural, base da Proposta Curricular, estuda o ser humano a partir da prática social e da evolução histórica da sociedade através dos tempos vendo-o enquanto produto e processo de contradições e transformações. Nesta concepção, todo o sistema educacional tem o compromisso com um indivíduo crítico, participativo, consciente e politizado, procurando buscar a superação das contradições existentes em nossa sociedade.

O grupo da Educação Física selecionou corporeidade, movimento humano como os temas principais desta área. A civilização grega nos levou à visão dualista do Homem (corpo e alma). Esse dualismo ainda se faz presente na

sociedade atual, e na Educação Física se materializou através da máxima de Juvenal “mente sã em corpo sã”.

A civilização industrial acentua a distinção entre trabalho manual e trabalho intelectual. O trabalho manual é sempre destinado à classe inferior, pela idéia de ser mais físico (pouco pensante) e o intelectual é destinado à classe dominante, por ser mais nobre, de racionalidade. O movimento humano orienta a ação do professor de Educação Física e deve extrapolar os limites orgânicos e biológicos, pois o homem é um ser eminentemente cultural.

Com base nesse pensar, o jogo, o esporte, a ginástica, a dança são importantes na aprendizagem da Educação Física escolar. Todos os temas devem ser entendidos na perspectiva histórico-cultural e, desta forma, se entende a possibilidade de mudar as regras, de produzir novos jogos e atividades de forma que se projete uma consciência mais participativa, cooperativa e que favoreçam a produção coletiva, a convivência entre as diferenças e os interesses dos participantes.

A referida Proposta pretende “o desenvolvimento do aluno como ser social”, preconizando que a seleção dos conteúdos e as metodologias deverão contribuir para o processo educacional. De acordo com a mesma, deve-se trabalhar o aluno dentro de uma visão de totalidade e o esporte escolar tem um fim educativo. Assim sendo, não pretende eliminar o esporte da escola, mas torná-lo uma prática educativa. O difícil é realizar essa tarefa nas escolas, enfrentando professores com formação básica numa perspectiva fortemente desportivista, voltada para o esporte onde a competição, a meritocracia e o individualismo são predominantes.

A competição, presente no jogo, deve servir para estimular o aluno jogar com o outro de forma cooperativa, de modo que o adversário seja visto como parceiro possibilitando a realização do próprio jogo e não como inimigo a ser vencido e aniquilado. A competição faz parte intrínseca da sociedade em que vivemos, com uma constante valorização dos poucos expoentes que se destacam.

Essa Proposta encaminha-se no sentido desta disciplina construir uma prática transformadora. Ela procura mostrar que houve uma separação entre o corpo e a mente, no seu processo histórico, e está atenta ao fato de que a corporeidade humana deve ser entendida a partir de uma visão de totalidade.

Diante disso, a Educação Física entende o corpo como uma construção social. Existem, porém, interesses das instituições esportivas de utilizar a Educação Física escolar com o objetivo de buscar talentos para o esporte de rendimento. Com isso o esporte na escola, tão combatido por muitos, volta a reproduzir a ideologia dominante. Para os educadores, o esporte poderia ser tratado como um meio de educação, onde os opositores são todos tratados como companheiros de jogo e não como rivais, de forma a integrar as pessoas.

A Educação Física escolar deve reunir o que for mais significativo ao movimento humano para contribuir com a formação do cidadão.

A cultura da exclusão está materializada na organização e na estrutura do sistema escolar. Para mudar essa concepção há necessidade que os professores tenham conhecimento e se apropriem das metas da Proposta Curricular.

Segundo essa Proposta (1998:220),

Faz-se necessário buscar um “novo fazer”, reflexivo, criativo e que enriqueça as aulas de Educação Física. Se enquanto educadores, assim procedermos, com certeza estaremos contribuindo para legitimar a Educação Física no âmbito escolar comprometidos com uma sociedade mais justa, oportunizando a participação de todos, de modo a romper com o processo seletivo e elitista.

Segundo essa Proposta, professores e alunos devem apoiar-se no conhecimento de forma dialética. Para Politzer (1954:29), “a dialética explica o movimento pela luta dos contrários”.

O que se pretende com a Proposta Curricular são novas formas de abordar os conteúdos com a intenção crítica de superação, sendo necessário buscar conhecimentos de autores da Educação Física e de outras áreas sustentadas na perspectiva histórico-cultural para apontarem novos rumos.

O esporte é um fenômeno social que tem influenciado a Educação Física escolar e tem contribuído para fortalecer as desigualdades, promovendo experiências de sucesso para uma minoria e experiências de fracasso para a grande maioria, tendo como consequência, a exclusão contrariando a Proposta Curricular. Ele deve ser trabalhado de forma educativa, oportunizando a participação de todos, procurando manter uma maior igualdade entre seus participantes.

Com a redemocratização política do país a partir de 1985, ganhou corpo um movimento de discussão educacional. Os ensinamentos de Marx, Gramsci, Vygotsky, Wallon, Paulo Freire e outros pensadores contribuíram para a elaboração da Proposta Curricular.

1.3.2 - A Educação Física em Lages

Até a década de 70, a Educação Física era quase inexistente. A partir de 1975 alguns lageanos que estudavam em Joinville, após concluírem seus cursos, voltaram a trabalhar em Lages. O número de professores de Educação Física aumentou quando a cidade recebeu alguns paulistas, vindos do interior, principalmente das cidades de Presidente Prudente e Tupã.

Nos anos 70 e 80, existia uma grande participação dos profissionais da área nos jogos escolares da cidade. Nessa época, os professores se organizaram e fundaram a Associação dos Professores de Educação Física da Região Serrana (APEFIRS) com o objetivo de unir mais a categoria e oportunizar maior acesso ao conhecimento. Ela foi responsável pela vinda dos primeiros cursos de pós-graduação na área de Educação Física.

Em 1981 a cidade foi sede os Jogos Abertos de Santa Catarina, e alguns docentes atletas foram contratados para jogarem basquetebol. Eram remunerados pelo estado, não precisavam lecionar, apenas treinar. Isso desestimulou alguns professores que participavam das competições da cidade, a qual ficou com o título dos Jogos Abertos de Santa Catarina no basquetebol. Acabando os jogos, poucos ficaram na cidade e com isso houve uma diminuição acentuada na área esportiva, com reflexos até hoje.

O esporte era forte na cidade também em outras modalidades. Os professores de Educação Física treinavam seus alunos para participarem das competições, existia grande rivalidade entre os colégios, enquanto o aspecto pedagógico ficava relegado ao segundo plano.

Em 1991 alguns cursos começavam a dar ênfase a Proposta Curricular, procurando mudar a concepção adotada nas escolas públicas e estaduais. Inicialmente houve rejeição por parte dos professores em geral.

Em 1995, a Associação dos Professores de Educação Física, pensando em acabar com os leigos que atuavam na área, procurou a atual Universidade do

Planalto Catarinense para viabilizar um convênio com a UDESC, com o objetivo de trazer o curso de Educação Física para a cidade. Como não houve interesse dessa instituição, a Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC) acabou fazendo o convênio com a (FURB) Universidade Regional de Blumenau, visando a viabilizar três vestibulares, procurando suprir então, às necessidades do mercado de trabalho.

Em 1998 a Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC) oficializou o curso de Educação Física o qual adota a Proposta Curricular como ponto de referência. Na região são mais de duzentos profissionais na área da Educação Física.

CAPÍTULO II

2 - A PESQUISA NA ESCOLA PÚBLICA

2.1. A metodologia

Para construir o universo desta pesquisa foram escolhidas duas escolas da rede pública de ensino que serviram como pesquisa-piloto, com o objetivo de colher dados para elaborar o roteiro das observações e do questionário, assim como treinar o pesquisador na técnica de entrevista e obter um melhor conhecimento na área da pesquisa. Essas escolas foram escolhidas pelo pesquisador, não em função da sua estrutura, mas porque eles aceitaram fazer parte da pesquisa, visto que em algumas escolas os professores não quiseram participar.

Foram realizadas observações das aulas ministradas pelos professores, através de um roteiro (ver anexo1), e feitas entrevistas semi-estruturadas com os professores (ver anexo2), e com os alunos (ver anexo3), cujo roteiro foi elaborado a partir da entrevista-piloto e dos objetivos da pesquisa.

Decidiu-se investigar as oitavas séries, pois nesta etapa, os alunos já são capazes de participar mais ativamente, trazendo contribuições significativas, já que têm toda uma vivência anterior, mais experiência e conhecimento.

Para a entrevista com o professor e com os alunos, foram utilizadas gravações em audio e filmagens. Como ponto de referência foi elaborado inicialmente um roteiro semi-estruturado de perguntas, cujo objetivo foi verificar se existe uma integração dos ensinamentos propostos pelo professor e a Proposta Curricular de Santa Catarina.

A primeira escola da pesquisa-piloto é uma escola pública e fica situada no centro da cidade. É considerada uma das maiores da região, e tem toda a estrutura física necessária para a prática da Educação Física. Oferece o ensino de 1º e 2º graus, a mais de mil alunos. Para a prática da Educação Física dispõe de boas instalações, tendo um ginásio de esportes, uma pista de atletismo, um

campo de futebol, duas quadras polivalentes, uma sala de ginástica, uma sala de xadrez, um local para tênis de mesa, bem como todo o material necessário para a realização das atividades práticas. Os professores de Educação Física quase não desenvolvem suas atividades dentro da Proposta Curricular de Santa Catarina.

O professor pesquisado fez o curso de Educação Física, foi atleta de judô, e participou de competições nesta modalidade. Mostra-se atualizado e tem pós-graduação em desportos coletivos.

Ele declara que a Educação Física na escola “continua sendo relegada a 2º plano porque muitos professores continuam tratando o corpo separado da mente”. Sua filosofia de trabalho está voltada para “formar o cidadão abordando a área biológica, para que possa haver uma melhoria na qualidade de vida, não o homem atleta”. Pretende que “a Educação Física seja uma ferramenta na formação do indivíduo auxiliando na Educação”. Em função das atividades fora da escola, porém, se ausenta muito, razão pela qual os alunos reclamam. Declarou que quando está presente se preocupa em motivá-los a participar. Considera as aulas de Educação Física “importantes para o desenvolvimento físico e mental dos alunos”.

Demonstrou, ainda, estar preocupado com a educação dos alunos, mostrando coerência nas suas aulas, enquanto estava sendo filmado. Na frente das câmaras observei que sentava em círculo com a turma, estimulava o diálogo dando oportunidades a todos. Os meninos jogavam futebol de mãos dadas com as meninas. A dinâmica das aulas, comuns, entretanto, parece ser diferente daquela adotada distante das câmaras, continuava trabalhando da forma tradicional, ou seja, os meninos jogando futebol entre si, e as meninas jogam voleibol separadamente dos meninos.

Parte das aulas ministradas não eram co-educativas, existindo uma separação entre os dois sexos. Voltava às aulas tradicionais, com ênfase esportiva e competitiva, sem muito planejamento. Com frequência o professor tirava atestado médico. Na sua ausência os alunos ficavam no pátio sem orientação. Reconheceu que não tinha muito tempo para preparar as aulas, reclamou dos baixos salários que estão sendo pagos ao magistério público estadual, e se mostrou indignado com a situação vergonhosa que os professores enfrentam atualmente.

Como conteúdo desenvolve “o esporte de competição, o esporte participação, atividades ligadas à saúde e qualidade de vida, pretendendo formar o homem cidadão, o homem crítico”. Considera “a Proposta Curricular de Santa Catarina uma filosofia de trabalho”, identificando-se muito com ela, em nível de discurso. Considera a “melhor Proposta que já apareceu”, declarando:

A gente criar novas regras, para que haja uma igualdade melhor entre todos. O aluno deixa de ser um mero executor de tarefas, e vai ser tornar uma pessoa criativa e alguém que pense realmente, não uma pessoa que só obedeça às ordens sem pensar. A mudança começa na sala de aula, dentro do ato pedagógico, e aí se espera que o aluno seja alguém, que saiba ler a realidade e alguém que possa atuar como cidadão capaz de mudar essa realidade.

Analisando a participação do professor pode-se concluir que ele tem conhecimento da Proposta Curricular, pois declarou desenvolver suas aulas na perspectiva de formar o cidadão crítico e participativo. Observei que na frente das câmaras suas aulas eram desenvolvidas com mais qualidade, mas longe delas as atividades aconteciam de forma tradicional, não havendo o empenho anterior, provavelmente pela falta de motivação. Segundo ele, causada pelos baixos salários que o magistério público enfrenta.

A aluna entrevistada estuda no colégio desde a 5ª série. Comentou que gosta das aulas de Educação Física, apenas lamentando que “o professor falte muito”. Disse que ele “precisa trabalhar em outros lugares para ter uma qualidade de vida melhor”. Gosta de participar das aulas mistas, mas comenta que “os meninos preferem jogar futebol e as meninas voleibol”. Considera essas aulas “importantes para o desenvolvimento físico e intelectual”. Declara não conhecer a Proposta Curricular, que “o professor não debateu com a turma sobre a Proposta”, e afirma ainda que “os objetivos da Educação Física não estão claros para a turma”.

Ela acha que os professores do colégio diversificam as atividades de Educação Física. Os alunos muitas vezes utilizam o esporte de forma competitivista, para mostrar que são “os melhores”, não respeitando os demais.

Não têm aulas teóricas, acrescentando que "teoria é ficar na sala", mas que ninguém gosta disso. Comenta também que "os alunos obedecem às regras que fazem", mas entende que elas "devem ser cumpridas e que não deveriam ser mudadas".

Pela participação da aluna é possível verificar que o professor tem bom conhecimento da Educação Física, mas não socializa esse conhecimento com os alunos. A aluna declara que gostam mais de trabalhar com o corpo,. Através das suas colocações constatou-se que os alunos não têm conhecimento da Proposta Curricular.

O aluno entrevistado acha que as aulas de Educação Física servem para aliviar as tensões, pois as atividades físicas reforçam essa idéia. Argumenta que são raras as aulas teóricas, mas que o professor dá ênfase à importância da Educação Física para melhorar a saúde. Pondera, entretanto, que os alunos não gostam das aulas teóricas.

Argumenta, que nas aulas práticas deve ter sempre futebol e recreação, mas que os colegas gostam de jogar futebol separado das meninas, já dito, às vezes elas ficam fazendo o papel de figuras decorativas porque, segundo ele, consideram-nas mais "fracas fisicamente" e sem muita coordenação para desenvolverem certas modalidades esportivas. Pessoalmente pondera que "de vez em quando" é bom jogar com as meninas.

Declara que os alunos não têm conhecimento da Proposta Curricular e que o professor parece trabalhar sem um planejamento definido, não deixando claros os objetivos da Educação Física. Afirma que a maioria dos meninos prefere jogar futebol, mas que o professor preferia dar mais voleibol. No entanto, futebol é o que mais jogam durante o ano. Como sugestão para melhorar essas aulas entende que deveriam ser incluídos a dança, a capoeira, a expressão corporal e o teatro. Argumenta que gostam de mudar as regras do jogo, mas que muitas vezes quem faz essas mudanças é o professor.

Com a participação do aluno foi possível perceber que o professor não dá liberdade aos alunos para criarem as atividades. Ele se diz democrático, mas na prática não oportuniza que os discentes desenvolvam a criatividade. Os alunos não têm conhecimento da Proposta Curricular, conhecimento esse que fica restrito ao professor. Na teoria, o professor procura desenvolver suas atividades

voltadas para a Proposta Curricular, mas na atuação cotidiana ainda existe um distanciamento entre ela e o trabalho do professor.

A Segunda escola da pesquisa-piloto localizada num bairro da cidade oferece apenas o ensino de 1º grau. Dispõe de um grande espaço físico, mas sem as instalações necessárias para desenvolver as aulas de Educação Física, o material para a prática das atividades é precário. O nível sócio-econômico da sua clientela é formado pela camada econômica média-baixa. Ela tem um número aproximado de quinhentos alunos que estudam no período matutino e vespertino.

Com relação ao professor pesquisado, sabe-se que se formou na década de 1980, optou pelo curso porque era atleta, tendo uma boa vivência na área esportiva. Enfrentou um problema de “stress”, pensando até em desistir da profissão. É muito teórico e na prática deixa a desejar, emite um discurso confuso e pouco coerente. Quase não acompanha os alunos nas atividades, e algumas vezes, observa-os através da janela da sala de aula, ficando distante dos mesmos.

Declara que a Educação Física mudou muito, pois saiu da universidade com uma formação tecnicista, com uma estrutura bem montada, para enfrentar a realidade da escola pública, sem nenhuma estrutura, e tendo que “mudar essa realidade, procurando mudar a cabeça do ser humano.”

Ele comenta que fez o planejamento, “para quatro a cinco anos de acordo com a realidade”, procurando associar uma filosofia de “corporeidade, mostrando ao aluno que ele tem um corpo, que é um ser humano, e que é um cidadão”

Diz que procura dar “os referenciais teóricos básicos, e que às vezes com a prática eles se quebram um pouco”. Considera a estrutura da escola “falha” e que “muitas vezes precisa pegar uma picareta para fazer buracos para melhorar a estrutura da Educação Física”. Considera essa disciplina fundamental para “a formação do ser humano” Entende que a Educação Física hoje, está voltada para a saúde, na melhoria da qualidade de vida, para o lado físico, técnico e social, visando a formar o cidadão.

Este professor questiona a formação dos professores nas universidades; dizendo que “além de ser um educador físico, é preciso ser um educador”. Relata ainda que “a Educação Física está em crise, pois se formos aplicar o militarismo dos anos 70, na realidade da geração do ano 2000, é uma pura utopia”. Ele

entende que não tem mais sentido, mas na realidade isso ainda acontece no dia-a-dia das aulas de Educação Física.

Com respeito à Proposta Curricular comenta,

Procuro me basear no início da Proposta. Com o passar do tempo o tecnicismo foi substituído pela filosofia do corpo, o corpo nada mais é do que o aspecto físico, que hoje se interligam, e que automaticamente no somatório final, vai ter um resultado bem mais positivo.

Seu discurso era um tanto confuso. Condena o tecnicismo, mas adota o esporte com mais ênfase nas suas aulas, demonstrando uma grande incoerência. Coloca que a Educação Física moderna oportuniza meninos e meninas estarem frente a frente nas atividades, mas na prática os meninos pegam uma bola dada por ele no início da aula, jogam separados das meninas, que ficam em pequenos grupos conversando.

Coloca, ainda, que está com vontade de largar tudo, e partir para outra profissão, pois os baixos salários não motivam mais nenhum professor. Entende, entretanto, que com a globalização o professor precisa encontrar outras alternativas de sobrevivência.

Com a realização dessa pesquisa-piloto pude constatar que o entrevistado tem conhecimento parcial da Proposta Curricular, mas que na prática seus ensinamentos estão distantes da filosofia desta Proposta. Demonstra ser muito teórico, mas falta uma sintonia com a prática.

Percebe-se, ainda, que ele prega uma filosofia democrática, mas na prática não cumpre o acordo feito com os alunos. Fala muito em Educação, porém demonstra falta de compromisso com os alunos, deixando-os meio soltos nas atividades que, muitas vezes, observa de longe.

A aluna estuda nesse colégio desde o pré-escolar, demonstrou não gostar de Educação Física por falta de uma boa estrutura física, e ainda porque o professor quase não fica com a turma. Conta que algumas vezes ele apenas entrega a bola para que possam jogar futebol ou voleibol, recolhendo-a no final da aula. Relata que nas últimas aulas, alguns alunos vão embora, (saem fugidos) sem que o professor perceba, uma vez que não fica junto com a turma. Comenta ainda que ele fala demais, razão pela qual o considera muito teórico.

Entende que Educação Física não é só “praticar exercícios”, pois essa disciplina precisa “ajudar no desenvolvimento mental”. Declara que não gosta de fazer atividades físicas em grupo, prefere individualmente, como andar de bicicleta. Relata que, antes da 8ª série fazia alguma atividade física, como “brincadeiras de correr, jogava bola, aquelas coisas de criança”. De acordo com o seu depoimento, “às vezes o professor joga a bola para a gente jogar futebol, e fica olhando lá da sala, talvez avaliando a gente. A gente quase não faz nada, de vez em quando jogamos voleibol”.

Sobre o planejamento comenta que “o professor sempre diz o que vamos fazer, mas a gente não faz nada”. Na prática o que se observou é que as meninas pediram aulas de dança, mas não tiveram, pois segundo esta aluna “ele não é ajeitado para essas coisas”.

A entrevistada coloca que estão sendo educadas “mais para obedecer”, contrariando muitas colocações feitas pelo professor. Ele combate o militarismo, mas às vezes parece adotar essa postura. Não dá muito espaço para que os alunos sejam criativos. Como sugestão declara “o professor precisa ficar mais com a turma, dizendo o que a gente precisa fazer”.

O aluno estuda no colégio há quatro anos, declara gostar muito de Educação Física considerando-a muito importante para o desenvolvimento físico e psicológico do ser humano. Demonstra ter amizade com o professor, pois durante uma entrevista elogiou-o muito. O maior problema que aponta é a falta de um local apropriado para a prática da Educação Física. Os alunos gostariam que o colégio tivesse um campo de futebol, uma quadra polivalente e os materiais necessários para a prática desta disciplina. Os rapazes preferem jogar futebol, e as meninas de ficar conversando.

O entrevistado acrescenta que “o professor acompanha sempre os alunos nas aulas”, mas entra em contradição dizendo que “ele pode não estar com a gente, mas distante está sempre acompanhando. Através da janela ele fica analisando a gente”.

Coloca também que “os alunos têm conhecimento do plano de ensino”, que os temas apresentados servem para ajudar. Comenta ainda que “os alunos conhecem e obedecem às regras dos jogos”.

O entrevistado demonstra ter afinidade com o professor, pois sempre o está defendendo, questão que fica evidenciada quando afirma que: “todos os

alunos participam das aulas de Educação Física”. O que se observou, é que na realidade isso não acontece, pois a maioria não fica nas aulas.

Com respeito às aulas mistas, argumenta que “as aulas mistas, são muito interessantes, as meninas jogam futebol com os meninos, os meninos dançam com as meninas”. Na entrevista mostra essa contradição ao dizer, “acho que as meninas deveriam se juntar mais com os meninos, elas quase não se misturam, não há integração com os rapazes, na dança participamos com as meninas no começo do ano, agora não acontece mais essa integração”.

Disse também que “o professor pretende formar um aluno competente, responsável, que vá atrás de seus objetivos”. Comenta ainda que ele desenvolve as aulas de forma mais democrática.

Após a realização dessa pesquisa-piloto com os alunos, percebi que existem algumas contradições nas colocações feitas, pois os alunos demonstram não terem conhecimento da Proposta Curricular de Santa Catarina.

2.2 - A escola pesquisada

Esta instituição foi escolhida não pela sua estrutura, mas porque o professor aceitou colaborar com o pesquisador, o que não aconteceu com outras escolas visitadas. Ela tem aproximadamente 25 anos de existência e fica situada num bairro não muito distante do centro da cidade de Lages. (aproximadamente 5 km), próximo do colégio em que realizei a pesquisa-piloto. Nela existe apenas o ensino fundamental, no período matutino e vespertino. A escola apresenta uma construção de alvenaria, tendo em torno de 20 salas de aulas, sendo considerada uma escola de pequeno porte. Existe uma professora de Educação Física, que trabalha somente com as séries iniciais, sem habilitação profissional, e um professor formado, com 25 anos de serviço, que trabalha de 5ª a 8ª série com turmas mistas. Atende crianças das camadas populares, pois faz parte de um bairro operário, onde a maioria das famílias enfrentam muitas dificuldades financeiras para sobreviver. O governo do estado mantém esta escola, pagando o salário dos docentes, funcionários e da direção administrativa, mas a verba para a manutenção não é suficiente.

Observou-se que alguns alunos vão à escola não só para estudar, mas também pela merenda, que muitas vezes é a única refeição do dia. Enfrentam

vários tipos de problemas, sendo um deles, a evasão escolar. Alguns alunos apresentam dificuldades de aprendizagem, muitas vezes por falta de uma alimentação adequada.

A escola fica localizada perto de alguns barracos, faz com que o prédio, às vezes, seja atingido pelos moradores com pedras, onde quebram lâmpadas, derrubam telas, para desfrutarem da quadra polivalente, pois gostam de praticar esportes, mas a encontram fechada, nos finais de semana. Às vezes, as drogas rondam o colégio, que cada vez mais está se protegendo contra a própria comunidade com grades e com policiais.

Para a prática da Educação Física, a escola dispõe de uma quadra de cimento que serve para jogar futebol de salão e handebol. Há também uma quadra de voleibol com um pouco de grama e um pouco de areia. Quando chove, os alunos ficam com pouca opção de trabalho, usam o pátio coberto da escola para a prática das atividades, que se apresenta cheio de desníveis, necessitando de uma boa limpeza. Isso parece demonstrar que existe uma acomodação por parte da direção, e de quem se utiliza dele. Não existe nenhuma árvore que possa abrigar os alunos nos dias de sol. O professor reclama muito da falta de estrutura e revela existir uma promessa de construção de um ginásio de esportes, talvez mais uma promessa de político em época de campanha.

2.3 - A participação do professor e dos alunos

Os nomes citados são todos fictícios com o objetivo de não expor os sujeitos, da pesquisa. Este profissional é formado em Educação Física no interior de São Paulo. Veio para Lages em busca de emprego, foi aprovado no concurso público estadual. Faz 25 anos que trabalha nesta cidade, onde acabou constituindo família. Ele revela que um dia pretende voltar para a terra natal, embora já tenha filhos estudando na faculdade. Não possui o hábito frequentar cursos de aperfeiçoamento, pois acha que o Estado não valoriza os seus profissionais e com o baixo salário que recebe precisa garantir o sustento da sua família. Aplica parte de seu ganho nos estudos da família, não sobrando recursos para adquirir novos conhecimentos.

Declara que se sente cansado e frustrado com a situação que os professores estaduais estão enfrentando e faz o seguinte comentário: "Estamos

com salários atrasados há dois anos, e fazem seis anos que não recebemos aumento. Não vejo a hora de me aposentar e cair fora”.

Pela fala deste professor nota-se que a situação que os educadores públicos estão passando não é das melhores. Suas condições de trabalho, como se pode verificar, são precárias. Assim, como os demais professores, está descontente com os salários irrisórios que recebe, e que não lhe permite levar uma vida decente. Aponta, desta forma, o processo de sucateamento progressivo que vem sofrendo a escola pública. Mesmo assim trabalha gratuitamente aos sábados pela manhã com os seus alunos, treinando as equipes de futebol de salão, porque espera que eles possam ter uma oportunidade de melhorar na vida através do esporte.

Segundo Würdig (1998:30),

O professor de Educação Física ao formar-se tem como parâmetro o ensino de habilidades técnico-esportivas e ao desenvolver as atividades de ensino na escola, tende a reproduzir esse modelo. O treinador tem a perspectiva do resultado, do rendimento, da organização de competições, do treinamento de equipes.

Tal citação ilustra o pensamento do professor Lúcio, que considera o esporte como um meio de sucesso social, desenvolvendo seu trabalho numa perspectiva claramente competitivista. Assim sendo, fica problemático para esse docente estender o benefício a todos os alunos, já que sua preocupação se restringe a “treinar os mais competentes”. Com pouco material disponível prefere trabalhar com o esporte, visto que teve uma formação voltada para essa área. Como foi atleta, entende que o esporte poderá dar uma oportunidade de sucesso aos alunos. O que faria com que seu trabalho aparecesse muito mais do que o feito na escola.

Segundo a Proposta Curricular, a Educação Física deve estar voltada para dar oportunidade de todos poderem participar, e os professores deverão ter essa consciência incluindo todos nesse processo. Recomenda que: “os educadores devem zelar pela inclusão e não pela exclusão”, (1998:15), zelando para que todos aprendam, não apenas os que tenham maior facilidade para tal, garantir que o conhecimento do qual o professor é portador seja efetivamente oportunizado a todos os alunos.

Com base nessa citação percebe-se que as aulas de Educação Física devem oportunizar a participação dos alunos e por isso os treinamentos deverão acontecer fora do horário normal de aula, pois assim o processo seletivo abre espaço para as igualdades de oportunidades, embora continue discriminando.

A aluna entrevistada Marta tem 15 anos, veio de uma cidade, localizada no sul do estado. Faz cinco meses que estuda nesta escola, reprovou na 3ª série, e se considera uma aluna comportada. Em nível de rendimento escolar avalia-se de nível médio. Demonstra não ter uma noção clara da Educação Física, considerando essa disciplina como um divertimento, onde ela pode participar e brincar. Gosta mais de jogar futebol e participa da seleção do colégio nas competições escolares da cidade. Critica a metodologia empregada pelo professor, pois não acha correto, ele “entregar a bola no início das aulas para jogarem e apenas recolher no final da aula”. Entende que o professor precisa participar junto com os alunos.

O aluno Antônio tem 15 anos e veio de uma escola estadual que fica distante de sua casa. Comenta que gostava muito de lá, onde estudou durante quatro anos, mas acha muito longe da sua casa e às vezes não tinha dinheiro para pagar o ônibus, razão por que veio estudar nessa escola. Reprovou na 6ª série porque faltava muito às aulas. Atualmente considera-se um aluno de nível médio nas outras disciplinas. Comenta que gosta muito de participar das atividades de Educação Física e o seu esporte predileto é o futebol. Passa a maior parte do seu tempo jogando e pensa no futuro ser um jogador dessa modalidade.

2.4 - Observações do professor Lúcio

As observações serviram para que eu pudesse perceber como esse professor realizava seu trabalho e se seus ensinamentos se aproximavam ou não dos conteúdos da Proposta Curricular.

As aulas de Educação Física eram ministradas em três dias alternados da semana. O número de alunos era pequeno, sendo vinte no total, seis garotos e

quatorze garotas. Nisto é bem diferente de outras escolas públicas em que o número ultrapassa de quarenta alunos.

Conta com uma quadra de cimento sem marcação utilizada para futebol de salão e uma quadra de voleibol de areia. Quando chove o professor utiliza o pátio interno, coberto, onde os alunos ficam durante o recreio.

Os alunos reproduziam as atividades mencionadas pelo professor, pois o mesmo não dava espaço para que os alunos pudessem desenvolver a qualquer criatividade. O docente comentou que as aulas de Educação Física mudaram muito e que não faz mais treinamento durante as aulas, mas na prática continua dando os treinos de futebol de salão, o que contraria seu discurso. Às vezes as meninas que gostam de futebol jogam com os rapazes. Demonstraram, porém não gostar muito desta atividade, pois os meninos procuram jogar mais entre si, discriminando-as. O professor comentou que existem alunas que não gostam de participar das aulas.

2.5 - A entrevista do professor Lúcio

Esse professor participou pela última vez de curso de aperfeiçoamento, sobre a Proposta Curricular de Santa Catarina em 1998. Essa proposta é de 1991 e muitos só tomaram conhecimento dela quase nove anos mais tarde.

No fim da década de 70, a Educação Física estava voltada para o esporte de competição nas aulas. Os professores preparavam suas equipes. Em uma sala de 5ª série, por exemplo, de quarenta alunos, (vinte meninas e vinte meninos), em média, havia um professor para os meninos e uma professora para as meninas. O trabalho era realizado visando às competições na cidade, promovidas pela Fundação Municipal de Esportes e pela extinta Divisão de Educação Física da Secretaria da Educação e do Desporto. Por questões econômicas, o governo estadual, reduziu o número de professores da área, sendo que para uma turma de 40 alunos, existe hoje apenas um docente, razão pela qual em alguns colégios começaram a juntar as turmas - em duas turmas de 5ª séries, um professor trabalha com os rapazes e uma professora trabalha com as meninas.

Segundo a Proposta Curricular, seria desejável que a grande maioria das escolas estaduais trabalhasse numa perspectiva de formar o cidadão, e não apenas de desenvolver o atleta. As aulas co-educativas sem dúvida oportunizam uma maior integração na turma, pois dificulta o esporte de competição, trabalhado pela maioria dos professores de Educação Física, que fica cada vez mais difícil de acontecer. O professor Lúcio, no entanto, ainda trabalha na perspectiva do esporte voltada para a competição.

Os papéis dos professores ainda não estão definidos. Existem aqueles que trabalham mais voltados para o esporte, o que corresponde ao papel de treinador, que contraria o recomendado pela maioria dos intelectuais transformadores. Parece que Lúcio não está muito preocupado em mudar a realidade da escola, oportunizando que os alunos possam refletir através das suas práticas.

A diferença da perspectiva esportivista mais antiga é que se passou do professor "instrutor" e do aluno "recruta" para o professor "treinador" e aluno "atleta". A formação do professor é marcada pela atividade esportiva, não havendo diferenciação entre os papéis do treinador e professor, porque os próprios cursos de Educação Física, não tinham uma identidade pedagógica definida.

A tendência tecnicista, na década de 70, período da ditadura militar, predominava no sistema educacional brasileiro, na área da Educação Física. Ela visava a melhorar a técnica esportiva através das repetições dos movimentos básicos existente no esporte. Hoje se nota que essa concepção ainda está muito presente nas escolas. Após as Olimpíadas deverá ser reforçada cada vez mais, principalmente se o Brasil não conquistar muitas medalhas em Sidney, como já está previsto. Os dirigentes esportivos aumentarão suas atenções na escola, porque consideram que nela está o atleta do futuro. Nessa perspectiva é que o professor Lúcio encaminha as aulas. Não trabalha de acordo com a Proposta Curricular, pois seus alunos desenvolvem as atividades visando principalmente ao rendimento esportivo. A escola tem uma função social, mas não se sabe até que ponto os professores estão comprometidos com ela. A situação parece ser anárquica, pois cada professor faz o que acha melhor. Não há interesse pela orientação contida na Proposta Curricular, nem existem cobranças nesse sentido. Por exemplo, se o professor gosta de futebol, o conteúdo priorizado sem dúvidas, será esse. A Proposta Curricular de Santa Catarina traz uma nova concepção de

Educação Física aos professores da rede pública estadual. Não sendo função da escola formar “atletas” durante as aulas de Educação Física, essas aulas, devem dar a oportunidade a todos, sem discriminar aqueles que não são bem dotados fisicamente. Em resumo, a Educação Física deveria trabalhar mais na perspectiva de oportunizar a participação de todos, contribuindo para formar os cidadãos.

Para Giroux (1987:37), “em geral os intelectuais adaptativos adota uma posição ideológica e um conjunto de práticas materiais que sustentam a sociedade dominante e os grupos de elite”.

Neste sentido esse professor se preocupa em valorizar apenas aqueles que se destacam no esporte, em detrimento dos menos dotados fisicamente, que são discriminados e excluídos.

Pode-se observar que esse docente parece não perceber que a escola pública não oferece as mesmas condições aos alunos para que possam competir em igualdade de condições com as escolas particulares.

Analisando sua entrevista, percebe-se que ele nem sempre consegue apoio da direção. Explicita que trabalha numa escola carente, onde os alunos não contribuem com a taxa “espontânea” da Associação de Pais e Professores (A.P.P.) Sem recursos, fica difícil adquirir os materiais necessários para a prática da Educação Física e a participação nas competições.

Referindo-se à Educação Física na escola, a qual não oferece as condições necessárias para que os discentes possam participar das competições, pondera que houve mudanças, pois hoje não vê mais objetivo em trabalhar as modalidades esportivas por bimestre. Parece apenas trabalhar o futebol de salão em grande parte das suas aulas, o que vem justificar a não presença de outras modalidades esportivas e uma falta de sintonia com a Proposta Curricular.

O docente cobra dos alunos as taxas de inscrições para que possam participar das competições. Ele explica que faz isso porque a escola não paga a inscrição para os discentes. Acha também que os alunos pagando, estarão valorizando o esporte. Isso na sua opinião é importante para que os alunos percebam, que é preciso batalhar bastante para conseguir seus objetivos e que hoje nada vem de graça. Ocorre, porém, que muitos querem participar, mas não tendo dinheiro, ficam fora das competições. Desta forma, os mais pobres acabam sempre sendo discriminados. Existe nesse discurso uma postura onde a meritocracia é claramente valorizada. Atribui ao esforço individual, à capacidade

de superar a falta de condições objetivas, o segredo do sucesso, pois entende que os alunos pagando, conseguirão sobrepujar suas dificuldades.

De acordo com Oliveira (1994:106), “os talentos surgem em função dos esforços individuais, sem levar em conta as condições de favorecimento para o desenvolvimento desses talentos. Os vencedores são os que se esforçam”.

A Educação Física escolar sofre os efeitos da discriminação promovida pela crença na igualdade de oportunidades. As escolas públicas são discriminadas pelos governantes, quase não recebem as verbas necessárias para oferecer ensino de qualidade, na área da Educação Física, as desigualdades são acentuadas, pois a estrutura da escola pública é precária. Mesmo com tais condições este professor defende a idéia que seus alunos, “podem vencer na vida através do esporte”.

É perceptível a contradição no seu discurso, ao mesmo tempo, que prega uma perspectiva meritocrática, evidencia, que a escola pública tem dificuldades para participar das competições, enquanto a escola particular tem todas as condições objetivas. Enfim, o resultado só pode ser muito desigual, mas ele parece acreditar no “poder” dos esforços individuais.

Com relação aos objetivos da escola, comenta que “é fazer com que o aluno aprenda a ter educação, aprenda a viver lá fora, por que lá tudo é cobrado”.

Na sua opinião, isso é importante para que os discentes vejam que eles precisam batalhar bastante para conseguir seus objetivos e que “hoje nada vem de graça”. Como se pode notar, confessa uma visão linear e adaptativista de educação, ou seja, cobra-se aqui porque lá fora tudo é cobrado.

Ao procurar saber como a Educação Física poderia contribuir para a formação do aluno, o professor afirmou: “se a gente pudesse realmente participar de competições em igualdades de condições, nossos alunos poderiam se sair melhor”.

Tal afirmação evidencia sua concepção voltada para a competição, pois considera o esporte como prática em que são adotadas regras de caráter oficial e competitiva. A divulgação pela mídia favorece a sua apreciação por diversos contingentes de grupos sociais e culturais, por exemplo, os Jogos Olímpicos, a Copa do mundo de Futebol, campeonatos de futebol são vistos e discutidos por um grande número de apreciadores e torcedores.

Lúcio acredita que a participação dos alunos em competições irá ajudá-los “a se socializarem” no sentido de “aprender a conviver e se integrar, numa perspectiva nitidamente adaptativista. Em suas palavras: “Os alunos vão notando o que é certo, o que é errado, aprendendo a ganhar ou a perder, a ser campeão, ou não ser campeão, a saberem os seus limites”, neste sentido as competições contribuem muito na formação dos alunos.

A linha que mais segue na Educação Física: “é fazer com que os alunos e os professores possam se respeitar mutuamente”.

Quanto ao planejamento, confessa que todo ano é feito, mas que é flexível devido às condições climáticas e ao precário espaço físico. Trabalha muito como o futebol de salão, às vezes um pouco de ginástica e atletismo.

Comenta que uma ex-aluna do colégio fez parte da Seleção Brasileira de futebol, e participou dos jogos Olímpicos de Sidney. Isso, segundo ele, serve de modelo para os outros que gostam de praticar esporte, pois pensam em um dia também poderem integrar a referida Seleção. Isso, de fato, é muito difícil de acontecer, e vem evidenciar concepção individualista, onde a exceção se transforma em regra: “Se fulana” conseguiu por que vocês não conseguirão? Ele reafirma assim o individualismo e o princípio da meritocracia.

Estas modalidades desenvolvidas em práticas desportivas podem apresentar implicações na aprendizagem se forem trabalhadas com fins imediatos de desempenho e não na sua verdadeira função instrumental no processo educativo, pois para se destacar no esporte, o aluno precisa dedicar muitas horas, deixando o estudo de lado.

Com relação às aulas teóricas, Lúcio comenta que trabalha as regras dos jogos. Parece que teoria para ele se reduz a “ficar na sala com os alunos estudando as regras dos esportes”. A respeito dessas regras, declarou que: “os alunos estão acostumados obedecerem às regras dos jogos e precisam tê-las na cabeça quando forem participar das competições”. Considera-as imutáveis, pois numa competição devem ser obedecidas. Com essa perspectiva não consegue oportunizar espaço das aulas de Educação Física para que os alunos aprendam criar as próprias regras e possam participar das transformações que ocorrem na escola e na sociedade. A perspectiva da Educação Física através da Proposta Curricular, entretanto, preconiza o incentivo da criatividade dos alunos, das

mudanças que podem ser trabalhadas em sala de aula, o que esse professor não oportuniza, em consequência da sua adoção de uma perspectiva competitivista.

A Proposta Curricular recomenda que se dê liberdade aos alunos para criarem novas regras, novos jogos, por preconizar uma Educação Física não só voltada para a competição, mas para a formação integral do ser humano. O esporte competitivo, pelo contrário, favorece os melhores, não oportunizando a participação de todos. Em sua concepção, porém, o professor parece entender que através do esporte todos terão oportunidade de vencer.

Quanto às aulas mistas, o entrevistado não as acha recomendáveis porque trazem problemas, pois entende que os meninos sempre têm “mais condições físicas” do que as meninas.

Afirma textualmente que:

Para mim não é bom, juntos dá problema, porque os meninos têm mais condições do que as meninas. Sempre tem um problema, de se “agarrarem” “ficar” e isso não deixa que a aula flua direito, mas eu gostaria que fosse “homem com homem” e “mulher com mulher”.

Demonstra, desta forma, uma postura preconceituosa com relação ao gênero feminino. Parece que ele ainda não entendeu os objetivos que a Proposta Curricular defende, ou seja, a de uma maior integração entre os sexos. As outras disciplinas não as separam, o recreio não é separado, as festas não são separadas, mas esse professor continua querendo separar. Na área da Educação Física ainda é comum esta visão, o que é justificável se ela estiver voltada apenas para o esporte de rendimento, todavia não entende o esporte como um meio de educar, mas como um fim a ser alcançado.

Sabe-se que na Universidade Federal de Santa Catarina a prática co-educativa passou por uma reformulação nos últimos anos, sendo submetida a um processo de crítica e superação. Essa prática vai além de juntar meninos e meninas numa quadra, fazer com que os alunos possam trabalhar com as mesmas possibilidades de oportunidades, respeitando-se mutuamente.

Com relação à avaliação dos alunos. Declara, “se os alunos captarem o que eu estou dizendo, e fizerem do jeito que é melhor, eu sinto que valeu a pena,

o que eu passei para eles deve ser executado de maneira correta. A participação do aluno é fundamental”.

O professor avalia seus alunos pela participação e ao mesmo tempo valoriza a execução correta dos movimentos: “todos participam, não ficando ninguém sem fazer nada”. Na realidade alguns alunos não participaram das aulas. Sua solução é, porém simplista, pois quem não pode fazer a aula fica como auxiliar dele e dos demais.

De acordo com o Coletivo de Autores (1992:103),

O sentido da avaliação do processo ensino-aprendizagem em Educação Física é o de fazer com que ela sirva de referência para a análise da aproximação ou distanciamento do eixo curricular que norteia o projeto pedagógico da escola.

Pelo que foi observado nas aulas do professor Lúcio, a escola parece não ter um plano político pedagógico definido, pois suas atitudes confirmam a inexistência de uma concepção democrática de educação.

É importante verificar como subestima a participação dos que não têm tendência para o esporte. No seu discurso deixa claro que quando um aluno não tem condições de participar das aulas práticas, ele dá um jogo de dominó, trilha, dama, ou pega para lhe ajudar. Exemplifica no salto, que o aluno pode: “Segurar a corda, para os outros saltarem. Parado ele não vai ficar”.

O professor demonstra uma clara falta de coerência em seu discurso, ao afirmar que nas suas aulas “todos participam” e que “ninguém fica sem participar”, mas quando questionei sobre as garotas que não estavam fazendo aula, declarou: “elas não querem nada com nada, uma delas vai reprovar”.

Além disso, usa da sua autoridade para reprovar, o que contraria as recomendações da Proposta Curricular, que orienta para a inclusão de todos nas atividades, “independentes de ser **mais** ou **menos** dotados”.

Perguntado sobre a Proposta Curricular, pediu que desligasse o gravador, pois queria fazer referências negativas à mesma, dizendo: “Acho essa Proposta muita teoria e pouca prática, não houve a nossa participação. Ela é feita por pessoas de gabinete, que não vivem o dia-a-dia da escola”.

Demonstrou também certa indignação no seu discurso, pois não concorda com a maneira que o processo foi conduzido para a elaboração da mesma. Segundo ele: “São decisões que vêm de cima para baixo e os de baixo têm que engolir é mais falatório. Fiz o curso sobre a Proposta Curricular porque fui obrigado pela diretora”.

Pelo que foi possível perceber, ele não aceita a Proposta Curricular e os seus ensinamentos, pois acha que não houve a participação da maioria dos professores e na prática essa Proposta prega uma filosofia distante da prática. Prefere trabalhar o esporte à sua maneira, declarando: “o que eu tenho para fazer eu faço, o que eu tenho para passar para os alunos, eu passo”.

Procurei saber se alguma coisa poderia ser mudada na Educação Física, ao que comentou:

Todo o profissional de Educação Física já sai da universidade, sabendo o que vai trabalhar. O objetivo do professor é levar o aluno para competir, a gente também ensina saber perder, saber ganhar, e participar.

Em seu discurso demonstra não ter acompanhado a evolução da Educação Física, pois entende que o objetivo do professor “é levar o aluno para competir”, enquanto, pela Proposta Curricular, a função do educador é propiciar ao aluno o acesso ao conhecimento.

O professor pensa em “levar o seu aluno para competir”, mas desconsidera que as condições são desiguais, existindo o fracasso esportivo das escolas públicas provocado pelo desequilíbrio econômico. Deste modo a escola continua como instituição reprodutora das desigualdades sociais. O professor pensa em educar um aluno ideal, aquele aluno que é capaz de dominar com facilidade os gestos motores, tendo todos os predicados de um bom atleta, esquecendo que educar ultrapassa as fronteiras do simples ato motor.

Quanto ao futuro da Educação Física, Lúcio acha que o esporte pode abrir muitas portas para os alunos, pois através das Olimpíadas, eles projetam seus sonhos em grandes atletas Olímpicos, e querem ser iguais a eles, “ganhar muito dinheiro, ter as suas mansões, carros”. Sabe-se, entretanto, que essa versão é ilusória, pois nem 10% da população ganha dinheiro praticando esporte, o que

evidencia uma postura mistificadora que alimenta sonhos praticamente impossíveis.

Em consonância com essas reflexões Steinhilber (1996:53), comenta:

O paradigma que Educação Física é o “**todo**” e o desporto “**parte**” desta, está ultrapassado, não tem consistência. Pode-se dizer que são duas manifestações distintas. O desporto pode fazer parte da Educação Física quando esta for disciplina escolar. No mais, o desporto é uma atividade definida, objetiva, estruturada, enquanto a Educação Física permanece na busca do seu objetivo, da delimitação da sua área e da sua identidade.

A Educação Física utiliza o esporte como um conteúdo a ser ministrado nas aulas de Educação Física, mas fora da escola o esporte tem uma estrutura própria.

Quanto à metodologia utilizada por Lúcio, observei que o mesmo centraliza as atividades em si, não dando espaço para os alunos usarem a criatividade. Sua metodologia é questionada na Proposta Curricular que tem como filosofia o trabalho, “a produção coletiva”. Seu trabalho está voltado basicamente para a reprodução dos movimentos. Nas observações verifiquei que os alunos tinham memorizado alguns exercícios, pois o professor falava apenas o nome dos exercícios e eles os reproduziam.

Por exemplo, o professor vê no futebol um evento de luta entre duas equipes, das quais uma será a ganhadora. Quase sempre a equipe que ganha é a mais forte, “tem mais garra”. Assim para o professor driblar, correr, chutar, devem ser executados sem erros, para que quando o aluno for participar dos campeonatos tenha êxito, isso justifica sua ênfase no treinamento dessas técnicas.

Foi possível identificar com clareza que o professor de Educação Física mantém relações autoritárias e formais com os alunos, e transmite o conteúdo como um produto acabado não, oportunizando a transformação da realidade.

De acordo com a Proposta Curricular (1998),

A metodologia adequada é aquela que interage com o conteúdo e coloca o professor como mediador no processo

do conhecimento, favorecendo a discussão das dificuldades e ou das sugestões para superá-las.

Segundo Piccolo (1993:108), “Nas 8^{as} séries, as atividades esportivas começam a aparecer como conteúdos mais específicos, sendo os valores educativos trabalhados através dessa estratégia”.

De acordo com a Proposta Curricular o esporte tem um fim educativo, que deve ser preservado dentro de uma ótica transformadora. A prática desenvolvida pelo professor entrevistado considera esta Proposta muito teórica, desenvolve suas atividades principalmente na concepção competitivista, citada por Ghiraldelli, pois procura preparar os alunos para competirem em vários eventos da cidade. A concepção higienista também está embutida nas suas aulas, pois os alunos desenvolvem os exercícios corporais visando melhorar a saúde. A concepção militarista citada por Ghiraldelli também comparece, pois não admite mudanças, não dando espaço para que os alunos possam criar suas próprias regras, mostrando preferência pelos “melhores”, principalmente por aqueles que participam das equipes esportivas da escola. Também exclui os mais “fracos”, principalmente se não gostam de esporte.

Para Giroux (1987:31), “os intelectuais transformadores visam desenvolver culturas e tradições democráticas”. Essa categoria de análise apontada por ele vai na perspectiva da Proposta Curricular, que não é desenvolvida por Lúcio. De acordo com esse autor, o entrevistado se enquadraria mais na “categoria dos intelectuais adaptados”, que em geral adotam práticas que sustentam a sociedade dominante.

2.6 - A entrevista com a aluna Marta

Esta entrevista foi realizada durante uma aula de Educação Física. Marta estuda no colégio há cinco meses e já reprovou um ano na 3^a série.

Define Educação Física como sendo: “um esporte que a gente pratica para campeonato”. Aprendeu essa concepção com seu professor, que comunga do mesmo pensamento. Uma parte dos alunos parece entender que, as aulas de Educação Física são um espaço para poderem treinar qualquer modalidade para

campeonatos. Isso ocorre porque muitos docentes trabalham apenas o esporte de competição em suas aulas.

Procurando saber como via a Educação Física em sua escola, fez algumas revelações surpreendentes: "Falta um pouco mais de atenção do professor. Às vezes ele não dá aula, só pega uma bola, dá a bola para a gente e manda que a gente se vire".

Essas colocações mostram que o professor deixa a turma sem orientação, o que evidencia uma contradição no seu discurso, pois disse que em suas aulas "todos participam, ninguém fica sem atividades". A entrevistada disse também que ela e suas colegas consideram a Educação Física como "um divertimento", não valorizando essa disciplina. Afirmou que: "os conteúdos ensinados nas aulas de Educação Física ajudam na formação dos alunos".

Mostra, no entanto, que Educação Física se resume ao futebol. Acha "chato" quando uma turma fica jogando futebol, enquanto a outra precisa esperar. Pior ainda quando, numa semana os rapazes jogam e as meninas ficam só assistindo, e na outra, os papéis são invertidos.

Comenta que as meninas preferem jogar entre si, porém não soube, responder de que modo isso ocorre. Dá a impressão que o professor não comenta muito com a turma sobre os benefícios da Educação Física.

A parte teórica dada na sala de aula parece se restringir a "conhecer as regras" dos esportes praticados, o que denota uma distância entre a prática e o processo pedagógico, já que a preocupação deste professor é formar suas equipes durante as aulas.

A turma tem como exemplo uma atleta da Seleção Brasileira de Futebol que estudou na escola, e que esse ano participou dos Jogos Olímpicos, já mencionado anteriormente.

Marta declarou que o professor não dá oportunidade para que mudem alguma coisa, e quando as regras do jogo não são cumpridas, ele pára o jogo e manda fazer tudo de novo.

Demonstra uma atitude que vai de encontro ao que sugere a Proposta Curricular. Investigando qual a avaliação dos alunos sobre o professor, Marta comentou:

O professor não é bom no ensinar o jogo. O professor é bom, porque entende o aluno. Ele está sempre presente nas atividades. E a maior dificuldade que os alunos encontram, segundo a entrevistada: É ter, que correr, porque cansa.

Segundo a discente, “os discentes não dão sugestões para mudar as aulas de Educação Física, pois quem manda é o professor”, que não dá oportunidade de mudarem as regras dos jogos e poderem criar novas regras. Aliás, o caráter rotineiro das atividades ministradas ficou claro, desde o primeiro dia de observação, quando o docente dizia o nome dos exercícios e os alunos apenas os reproduziam.

Segunda a entrevistada foi possível observar, que os professores estão acostumados ao jogo de futebol, não existindo um plano de curso bem definido. Declara que “quase toda aula é futebol”. Procurei saber sobre a participação dos alunos nas aulas. Marta respondeu: “No esporte participa quem gosta, os demais ficam por lá, conversando, assistindo o jogo”.

Indagada se algo mais era feito além dos esportes comentou: “Nós corremos, nós lemos, nós escrevemos”. Acrescenta, ainda, que as aulas de Educação Física são “mistas”, dizendo que o professor num dia coloca os rapazes para jogar e as meninas ficam assistindo e no dia seguinte inverte. Dessa maneira, percebe-se que as aulas não são “mistas”, co-educativas e que a aluna desconhece o verdadeiro significado dessa palavra.

Quando lhe perguntei sobre a participação nos campeonatos e como se sentem quando vão enfrentar um colégio particular, disse: “A gente se sente constrangida”. Retruquei então, por que vocês continuam participando dos torneios? Ela respondeu: “o professor coloca a gente, porque ele vê que a gente tem condição de se sair bem, ele quer dar uma oportunidade para a gente”.

Comenta também que o professor desenvolve as atividades de forma ativa, dando pouco tempo para descanso ou então, que ele parece não respeitar os limites de seus alunos. Tal fala entra em contradição com o que disse anteriormente, pois o professor em alguns momentos apenas largava a bola para jogarem e não aparecia.

Comenta que, “o que é mais trabalhado é a parte física do aluno”, o que sugere a existência de uma clara dualidade entre o corpo e a mente, o que mais uma vez o distancia da orientação da Proposta Curricular.

As sugestões que apresentou para melhorar a Educação Física foram apenas: "Melhorar o esporte, ter mais bolas, e mais alguns esportes para praticar". A impressão que fica é de que a parte pedagógica nesse caso está bem comprometida, pois este professor trabalha mais a parte física com os seus alunos, pois na maioria das vezes os alunos jogam futebol de salão. Eles não tiveram participação na elaboração do plano de curso, sendo o docente quem decidiu o que deveria ser dado.

Embora Marta colocasse que o professor procura inovar em suas aulas, através das observações e das entrevistas, foi possível notar que as aulas ocorrem da mesma maneira, voltadas sempre para o esporte, principalmente o futebol de salão.

Quanto à avaliação dos alunos comenta que: "o professor avalia pela participação e quem não participa, ele logo dá nota baixa".

Marta revela que o professor não está sendo coerente com seu discurso, pois comenta que "as notas baixas são para quem não participa das atividades esportivas". Na sua entrevista colocava que todos participavam e não poderiam existir notas baixas. Ele parece, porém, usar da sua autoridade para punir aqueles que não participam, se contradiz quando "coloca que nas suas aulas todos participam".

2.7 - A entrevista do aluno Antônio

O entrevistado tem quinze anos, já reprovou na 6ª série e estuda nesse colégio há seis meses, vindo transferido de outra escola.

Considera-se um bom aluno, dizendo: "não fico quieto na sala, mas faço tudo o que o professor manda". Em termo de notas, disse ser "regular", na Educação Física se considera um bom aluno procurando fazer o melhor. Acha que:

A Educação Física na sua escola não é muito boa porque falta uma cobertura na quadra, quando chove a gente não pode jogar, tem que ficar no salão(área coberta), correndo. A diretora tem que investir mais na Educação Física, pois falta bola, rede, e tudo o que precisamos.

Os alunos sentem a necessidade de um ginásio de esporte para poderem realizar suas atividades.

O entrevistado comenta que:

As aulas são uma forma de aprender a praticar os esportes. Além de uma aula normal, como qualquer outra, que ganha nota, perde nota, é uma forma de aprender a jogar futebol, voleibol.

Os alunos têm a idéia que nas aulas de Educação Física é só esporte, e que esporte é só futebol. Afinal o que é Educação Física? Educação Física é esporte? O lema Olímpico revela a busca do rendimento máximo com um objetivo primordial: "Citius", "Altius", "Fortius" ("o mais veloz", "mais alto", "mais forte").

Já a definição de Educação Física segundo a Fédération Internationale d'Phyisque FIEP 2000 (apud Conselho Federal de Educação Física (CONFEF) no boletim nº 5 de dezembro (2000:8), é a seguinte:

Art. 2 – A Educação Física, como direito de todas as pessoas, é um processo de Educação, seja por vias formais ou não formais que ao interagir com as influências culturais e naturais de cada região (...) que ao utilizar atividades físicas na forma de exercícios ginásticos, jogos, esportes, danças, atividades de aventura, relaxamento e outras opções de lazer ativo com propósitos educativos (...) devem levar à participação de caminhos sociais responsáveis e à busca da cidadania.

No entanto, a busca de campeões às vezes conduz à especialização prematura, inibindo o desenvolvimento do potencial psicomotor dos alunos, que possam a ser encarados como "futuros atletas". Nesse caso, os mais habilidosos serão os maiores beneficiários do esporte escolar, e os menos habilidosos serão os marginalizados. Segundo a Proposta Curricular, a Educação Física não deve propiciar essa discriminação.

O que se confirmou, a partir dos depoimentos de Antônio, é que o professor não aceita as sugestões dos alunos, nem dá a oportunidade deles interferirem nas suas aulas. Como participa com os alunos em alguns torneios de futebol de salão na cidade, utiliza as aulas para fazer os treinamentos. Os

discentes, na sua maioria, participam pela seleção da escola, e parecem aprovar a atitude do professor.

Algumas alunas que não pertencem à equipe da escola ficam excluídas deste processo. Observou-se que elas, às vezes permanecem na quadra de voleibol de areia, escrevendo no chão, ou sentadas conversando. Às vezes, o professor manda-as para a área coberta, onde podem usar jogos. Ele pensa que elas estão ocupando o seu tempo, mas pelo que verifiquei estavam sentadas, assistindo às aulas do primário.

Enquanto os alunos, que são em pequena quantidade, estão sempre participando, muitas das meninas, nem chegam a jogar, algumas vezes por falta de oportunidade.

Indagando sobre as aulas teóricas, o entrevistado ratificou que nelas “o professor trabalha as regras esportivas e nada mais”.

Durante as observações, notei, uma preocupação de Lúcio em relação às drogas. Antônio confirmou que o professor, de fato, fala muito sobre drogas, sobre amizade e sobre a união da turma.

Observei que existe um cadeado no portão de entrada para evitar que entrem pessoas estranhas. Provavelmente se trata de uma atitude preventiva contra as drogas.

O entrevistado comentou que o professor está presente nas atividades, mas ele e os seus colegas não o consideram atualizado. Procurei investigar se o docente introduz algumas inovações em suas aulas, ao que Antônio respondeu: “Se o tempo estiver bom, o professor entrega a bola, e pede para subirmos até a quadra, e começar o jogo de futebol”.

A maior dificuldade que os alunos apontam para fazer Educação Física é a falta de um lugar apropriado. Mesmo com frio e garoa, preferem ir para a quadra jogar futebol, pois não gostam de ficar na sala.

Quanto à avaliação, dos alunos, Antônio disse que o professor dá nota pela participação, ou seja, quem participa tem as melhores notas, quem não participa tem a nota diminuída.

Antônio tem uma concepção diferente da Marta quanto à Educação Física. Ele a define da seguinte maneira: “eu acho que é uma forma de aprender novas coisas - o esporte, o professor varia bastante os esportes, sempre a gente está aprendendo coisas novas”.

Analisando sua fala, percebo que Antônio tem afinidade com professor, pois nas aulas observadas ele centraliza suas atenções no futebol de salão, deixando a turma à vontade. A quadra não tem marcação de basquetebol, não tem tabelas e o handebol é pouco praticado.

O entrevistado não tem conhecimento da Proposta Curricular de Santa Catarina. Ele avalia o trabalho do professor como “ótimo”, ao comentar: “ele sabe desenvolver bem o esporte, começa num esporte e vai até o fim com aquele esporte”. Na sua fala percebe-se que o Lúcio tem um bom conceito na turma.

CAPÍTULO III

3 - A PESQUISA NO COLÉGIO PARTICULAR.

3.1 - O colégio

A procura pelo colégio particular sempre foi grande e hoje está se expandindo cada vez mais, em função dos altos índices de aprovação no vestibular, sinônimo de possibilidade de emprego no futuro. Esta escola foi uma das pioneiras na cidade, cultivando uma formação religiosa. Apresenta uma construção centenária, com uma arquitetura européia, e com uma boa estrutura física. Hoje, juntamente com outros colégios prepara os jovens para ingressarem nas universidades públicas e particulares.

Este estabelecimento oferece o ensino fundamental e médio. É freqüentado pelas camadas econômicas de classe média e alta em sua maioria. Seus professores têm cursos superiores, muitos com pós-graduação. O colégio valoriza seu quadro profissional, oferecendo um ensino considerado na cidade como de qualidade.

Na área esportiva conta com uma estrutura física muito boa para a prática da Educação Física: dois ginásios de esportes, campo de futebol, sala de ginástica e de xadrez. Dispõe de todo o material esportivo necessário para o bom andamento das aulas. O colégio tem sempre se destacado nos Jogos Escolares, conquistando a maioria das modalidades esportivas em disputa, através das suas "escolinhas" ⁶ Seu ponto forte é o voleibol. Hoje outras modalidades também têm conseguido bons resultados, como é o caso do handebol feminino, futebol de salão e, principalmente do xadrez feminino, participando de competições estaduais e nacionais, com o apoio da Fundação Municipal de Esportes. O trabalho realizado com as "escolinhas" tem apresentado bons resultados, e

⁶ "Escolinhas" para a professora Marisa são as equipes que participam dos treinamentos esportivos em diversas modalidades, que acontecem no colégio.

trabalho realizado com as “escolinhas” tem apresentado bons resultados, e parece que nas aulas de Educação Física os professores dão ênfase ao esporte de competição.

As aulas de Educação Física não são mistas, talvez por ser um colégio religioso. Nas demais disciplinas o processo é de co-educação.

Tem aproximadamente mil alunos, distribuídos no período matutino e vespertino, cursando o Ensino Fundamental e Médio. Nele também funciona o um curso pré-vestibular, no período noturno, o qual tem conseguido um bom índice de acesso dos vestibulares.

3.2 - A participação dos professores e dos alunos

Os sujeitos dessa pesquisa, não são os mesmos da pesquisa-piloto “qualquer semelhança é mera coincidência!” Foram pesquisados dois professores da rede particular de ensino, que trabalham na 8ª série do Ensino Fundamental e aceitaram participar livremente. As duas 8ªs séries têm aulas no mesmo horário, sendo que a professora Marisa trabalha com as garotas não tendo curso superior e o professor Mário trabalha com os garotos tendo o curso superior e pós-graduação. Também foram entrevistados uma aluna e um aluno que prontamente aceitaram o convite do pesquisador.

As entrevistas foram gravadas em um mini-cassete, transcritas e em seguida analisadas com o objetivo de verificar se havia ou não uma aproximação entre o trabalho dos professores de Educação Física com a Proposta Curricular de Santa Catarina. Na pesquisa-piloto, uma parte da entrevista foi filmada, mas se preferiu proteger mais a identidade dos participantes, apenas utilizando um gravador para realizar as entrevistas definitivas.

Marisa tem 49 anos de idade, trabalha no colégio há 27 anos. Não tem curso superior, mas apenas o curso normal de Educação Física que existia na cidade até alguns anos atrás. Ela não costuma participar de cursos de atualização. Em sua entrevista comenta que está deixando o colégio, mas não dá maiores detalhes sobre as razões de sua saída.

O professor Mário tem 29 anos, se formou na Universidade Federal de Santa Catarina em Florianópolis, está concluindo a pós-graduação na “Gestão na Qualidade em Educação”. Elaborou o plano de curso para ser seguido também

pela professora Marisa. Do que foi possível verificar, o plano está voltado mais para a área esportiva. Mário também trabalha com os treinamentos do voleibol masculino nas “escolinhas esportivas”. Nas suas aulas as atividades estão voltadas para o esporte.

A aluna Carla tem quatorze anos, foi escolhida pelo pesquisador por ser considerada uma aluna de rendimento regular, estuda no colégio desde o pré-escolar. Participou da entrevista, falando que existia um certo descontentamento das alunas com relação à professora. Ela não concorda com a metodologia adotada por ela e a considera desatualizada. Ela é favorável as aulas mistas, porque aconteceria uma união maior na turma.

O aluno Paulo tem 15 anos, se considera um aluno regular em todas as disciplinas. Gosta de jogar futebol e voleibol, pois participa dos treinos de voleibol. Em sua entrevista, demonstra não ter muita clareza da disciplina, mas suas respostas mostram a realidade das aulas de Educação Física.

3.3 - As observações das aulas da professora Marisa

Elas foram feitas antes da entrevista realizada com a professora. Durante duas semanas, estive no colégio observando a participação das alunas e a metodologia empregada.

As observações foram feitas seguindo um roteiro e registradas num diário de campo para as análises posteriores. Procurei verificar se as aulas desenvolvidas tinham ou não relação com a Proposta Curricular. Marisa não apresentou o planejamento, mas disse que o professor Mário, que trabalha com os meninos, o elaborou e ela procura seguir a seu modo.

Ela trabalha só com as meninas das duas 8^{as} séries “A” e “B” totalizando 36 garotas. Observei que existe uma rivalidade entre as mesmas. A professora desenvolve as atividades voltadas mais para o esporte. São apenas duas aulas semanais de educação física, sendo que a outra aula a que todos teriam direito, fica “facultativa” para quem quiser participar dos treinamentos desportivos oferecidos pelo colégio, no período vespertino e noturno. A maioria não participa desses treinamentos e ficam com uma aula a menos, na semana.

As suas aulas quase sempre seguem a mesma rotina, ou seja, um aquecimento, que constava de exercícios físicos e com bolas encerrando com um

torneio relâmpago. Segundo a professora, “quem perdesse duas vezes estaria fora”. As partidas eram super-rápidas, iam até cinco pontos no caso do voleibol ou até cinco minutos no caso das outras modalidades esportivas.

Conversei com algumas alunas, que reclamavam muito das suas colegas: “Quando a gente erra, elas brigam muito com a gente, a professora não muda nada, nós nunca escolhemos”. Observei que enquanto 12 alunas jogavam, as outras ficam conversando, sentadas em algum canto da quadra, visto que esse ginásio não tem arquibancadas.

A Educação Física competitivista fez parte das aulas observadas. Existia a valorização da equipe campeã. Algumas colocaram que não estavam muito contentes com a professora e comentaram:

A nossa aula é sempre a mesma. A professora não traz novidades para a gente... Sempre ela que controla tudo. A gente só pode apitar quando ela tem alguma reunião... Sempre as mais amigas dela que escolhem. Quando a gente erra, aquelas que participam das “escolinhas” reclamam. A professora não explica como se joga, apenas larga uma bola para a gente e “deixa o barco correr”.

Muitas das eliminadas passavam a conversar nos pequenos grupos, sentadas, num canto da quadra. Comentavam sobre diversos assuntos como a festa do pinhão, as paqueras, as boates, enfim, assuntos de adolescentes.

Percebeu-se, então, que a professora quem apitava todos os jogos e sua atenção estava sempre voltada para o torneio. Quando acabava uma partida, marcava o resultado e quem perdesse duas partidas não jogava mais. Com isso as “perdedoras” não mais se interessavam pelo torneio. Parecia que a professora estava mais preocupada com o resultado final do torneio do que com o ensino-aprendizagem propriamente dito. Dado o sinal para terminar a aula, ficou recolhendo o material e as alunas foram embora, não havendo comentário algum sobre as atividades realizadas.

3.4 - A entrevista com a professora Marisa

A entrevista com esta professora (ver anexo 4) foi realizada numa das salas da escola. Mencionou ter 49 anos de idade, 27 anos dedicados a esse

colégio. Já está aposentada, mas continua trabalhando. Tem o segundo grau de Educação Física, feito em uma escola pública da cidade e raramente faz cursos de atualização.

Sobre a Educação Física no colégio considera ótima a distribuição de turmas, ou seja, que são duas turmas por período. Comenta que tem um apoio bom da direção.

Quanto ao tipo de aluno que o colégio pretende formar, respondeu de forma vaga: "pretende formar para a vida". Com relação como a Educação Física poderá contribuir para a formação dos alunos, ponderou: "acho que dando um pouco mais de espaço para ele, de repente através do esporte, para que ele possa ter uma visão maior do mundo lá fora". Em seu discurso sempre defende que as aulas de Educação Física, não são "escolinhas", onde os melhores se destacam, mas considera as aulas um espaço onde todos devem participar.

Quanto à linha teórica que mais apreciava e seguia, disse: "as aulas estão mais direcionadas para a parte física do aluno".

Com relação ao planejamento, menciona que quase não tem participação ativa na elaboração do mesmo, o que pode ser verificado através de sua fala:

O planejamento foi feito pelo professor, ele me passou uma cópia, que eu estou seguindo, não dentro de uma "escolinha", desenvolvo as atividades como brincadeiras. O professor trouxe o plano feito me passou uma cópia, estou seguindo, mas, não rigorosamente, eu trabalho à minha maneira.

Comentou discretamente que o atletismo foi incluído no planejamento, não por falta do material, mas porque o clima frio da cidade não ajuda muito na prática do atletismo. O que se sabe, porém, é que o clima da cidade sempre foi favorável para à prática desta modalidade, e além disso, neste colégio, existem vários locais que poderiam ser utilizados.

As atividades em suas aulas estão basicamente voltadas para o desporto escolar, pois quase toda aula propõe um mini-torneio de voleibol, de basquetebol ou de futebol de salão. Usa poucas atividades recreativas que são aquelas que de fato não valorizam os vencedores. Ela mostra uma falta de coerência, pois declara não ser favorável à competição e, no entanto, coloca quase sempre as alunas para competirem.

Procurando saber quais são os conteúdos priorizados em suas aulas, respondeu: “trabalho mais a parte recreativa e a formação corporal”, o que não aconteceu durante as observações feitas. Argumenta que a aula de Educação Física não é uma competição, não se preocupa em ensinar as regras e as técnicas dos jogos, pois o colégio, segundo ela, tem “técnicos” para todas as modalidades.

Nesta escola existem apenas duas aulas de Educação Física, concentradas em um dia, quando deveriam ser três aulas semanais. Comenta que: “sempre funcionou assim, porque o esporte corresponde uma terceira aula de Educação Física, sendo opcional ao aluno”. Ocorre que só os “melhores” participam dessa terceira aula.

Na fala desta professora, foi possível observar que, o esporte está presente de uma maneira bastante acentuada. Parece haver um desencontro entre seu discurso e a sua prática, qual seja, relaxa as regras e a técnica, mas trabalha basicamente o desporto. Com isso, as alunas estão sempre jogando, sem dominar bem os fundamentos básicos dessas modalidades, o que reforça a afirmação de Perrenoud (1993:76),

Os alunos são colocados numa situação de competição permanente, a qual impede uma verdadeira solidariedade numa série de aspectos, tais como a avaliação, a quantidade de trabalho realizado na aula, o ritmo de progressão no programa, a ajuda dada pelo professor, as exigências escolares, o sistema disciplinar.

Em conversa informal com as discentes durante o jogo, notei que existe uma reclamação geral por não dominarem os fundamentos básicos das modalidades praticadas nas aulas. Desta maneira apenas aqueles que se destacam em alguma modalidade esportiva e que freqüentam as referidas “escolinhas”, conseguem destacar-se nas aulas.

Se a Educação Física, segundo a Proposta Curricular, “é um espaço onde todos têm o direito de participar”, há nesta postura um sério problema, qual seja os treinamentos oferecidos, que se destinam àqueles que são considerados “os melhores fisicamente”, acabam por discriminar os que apresentam com maior dificuldade, sendo uma postura discriminatória.

De acordo com a Proposta Curricular (1998:228), “A especialização, leva o aluno à prática de apenas uma modalidade esportiva, tendo como objetivo atingir o máximo rendimento físico”.

Essa Proposta oferece um leque de oportunidades para que os educandos possam desenvolver um número maior de experiências corporais, visando a uma melhor qualidade de vida.

De acordo com Gonçalves (1994:36), “A valorização excessiva do rendimento absorve o professor com medidas e avaliações e privilegia aqueles alunos que possuam melhores aptidões esportivas, incentivando a competição e a formação de elites”.

A Educação Física torna-se um veículo de transmissão de valores de uma sociedade pautada no individualismo e na competição.

A Proposta Curricular (1998:229), alerta que: “Existe um interesse muito grande por parte das instituições esportivas de utilizar a Educação Física Escolar com o objetivo de buscar talentos para o esporte de rendimento”.

Bracht (1997:22) declarou, no entanto, que “A escola é a base da pirâmide esportiva. É o local onde o talento esportivo vai ser descoberto.” Há escolas que se empenham para despertar no aluno o gosto pelo esporte, pois entendem o esporte como um meio de promoção social.

Foi constatado que as alunas que participam das “escolinhas” têm uma “performance” melhor do que àquelas que não participam das mesmas. As aulas são desenvolvidas sob a forma de mini-torneios, sempre apurando os vencedores e excluindo os perdedores.

De acordo com Gonçalves (1994:36), “A valorização excessiva do rendimento tem colaborado para a formação de classe dominante, discriminando os alunos com mais dificuldades de habilidades motoras”.

A valorização daqueles que se destacam é evidenciado na Educação Física competitivista e militarista (segundo Guiraldelli) e contraria a Proposta Curricular.

Algumas alunas comentaram que “sempre são as mesmas a escolher”, e que “são discriminadas por aquelas que participam dos treinamentos”. Percebe-se, pois, que existe uma rivalidade entre elas. Foi possível constatar que durante a escolha das equipes não existia uma integração entre as duas turmas (8ª “A” e 8ª “B” feminino) já que muitas preferiam as colegas da mesma sala.

O que realmente acontece é que a professora divide as equipes, e entrega-lhes a bola. Será que a Educação Física se resume a isso? Ou deveria oferecer oportunidade de todos participarem, embora o rendimento seja desigual.

Além das atividades desportivas, Marisa afirma: “eu faço aquecimento, eu faço mini-gincanas, jogos recreativos, eu utilizo as quatro modalidades, voleibol, basquetebol, handebol e futebol de salão”.

As aulas estão voltadas, portanto, para as atividades práticas, onde as alunas estão acostumadas a reproduzirem os exercícios feitos pela professora.

No relato das estudantes, entretanto, afirmaram que:

O handebol foi dado apenas uma vez, e ainda uma aluna do treino foi quem coordenou a aula, porque a professora não sabia. Tivemos poucas vezes gincana e não tivemos aulas teóricas, elas nunca existiram.

Elas evidenciam que existe falta de conhecimento por parte da professora dos conteúdos programados, e isso tem tornado as aulas repetitivas, e sem muita criatividade.

Indagada sobre a oportunidade de mudar alguma regra, enfatizou que orienta, mas não dá oportunidade das alunas mudarem nada. Isso é coerente com a escolha feita por ela ou pela escola de centralizar as aulas nas atividades desportivas.

Na prática observei que a professora parece concentrar todas as ações em si, estabelecendo os sistemas de chaves. Suas palavras confirmam: “eu formo o time, eu peço para quem estiver na frente escolher e equilibrar os times, para não ficar um muito forte e outro muito forte”.

Segundo a entrevistada, os jogos acontecem em sistema de eliminatória dupla, ou seja, “perdeu duas, está eliminado”. Fica claro e confirma que se trata de uma postura que valoriza o mais forte. Contraria mais uma vez seu discurso, quando diz que procura “equilibrar os times”.

A entrevistada foi clara ao dizer que: “quem participa das “escolinhas” entende mais, joga melhor e elas diminuem um pouco as outras.” Nessa colocação admite que aquelas que treinam, jogam melhor e humilham um pouco as demais. Solicita, no entanto, que “as que participam dos treinamentos não

devem usar todo o potencial durante as aulas”, o que na prática não tem condições de acontecer, pois o jogo é competitivo por excelência e os jogadores no afã de ganhar, dificilmente vão desistir de buscar a vitória. Se considerar que se trata de grupos de adolescentes, tal recomendação fica inócua. Ainda a respeito das reclamações daquelas que apresentam mais dificuldades na aprendizagem comentou:

Isso é direto, no voleibol que dá para ver a diferença de nível, converso com as meninas que fazem “escolinha”, conforme o time que vocês estiverem jogando, vocês deverão cortar fraco e não sacar por cima e, coloco que aqui não é competição.

Comenta a respeito da sua própria ambigüidade e fica num “beco sem saída”. Declara que a aula de Educação Física não deve ser encarada como uma competição, no entanto, nas suas aulas a competição está sempre presente. Sua fala parece contraditória, pois nega a competição, mas o que pude observar foi que costuma trabalhar nas suas aulas de forma basicamente competitiva.

Quanto às aulas mistas, parece não ter refletido sobre o tema, pois comentou: “Eu trabalho com duas turmas femininas e o professor com duas turmas masculinas. Sempre fui acostumada trabalhar com a turma separada”.

Segundo a Proposta Curricular, a Educação Física tem por objetivo, integrar todos os seus participantes, sem discriminar ninguém. Nota-se, porém que são poucas escolas desta cidade que trabalham dessa maneira, ou seja, as garotas separadas dos garotos. Se as outras disciplinas não discriminam dessa forma, por que a Educação Física ainda procura fazer isso?

Com relação à forma de avaliar o seu trabalho, Marisa considerou-o “bom”, uma vez que cumpre com o que é para ser dado. Comenta: “eu posso até não ter dado tudo aquilo que era para ser dado, porque a gente também encontra uma certa resistência por parte das alunas”.

Ela fala, porém que “cumpre com o que é para ser dado”, mas depois reconhece que pode até não ter dado tudo.

Marisa se refere às dificuldades de trabalhar com as alunas, porque aquelas que participam dos treinamentos esportivos, demonstram um

conhecimento mais técnico. Isso gera desentendimentos com a professora, que afirma: "o esporte deve ser praticado por aquelas que gostam".

Ao mesmo tempo, porém, declara que "a Educação Física deve ser praticada por todas". Tal conflito vem gerando polêmica. As garotas que participam dos treinamentos específicos não aceitam mais as aulas "participativas" orientadas pela professora, pois querem o "esporte competição".

Marisa abordou esta questão superficialmente durante a entrevista declarou que: "já tinha pedido a conta", ou seja, está se desligando do colégio, pois aconteceram alguns problemas em suas aulas, justamente com essa turma de 8ª série. Ela, entretanto, não quis esclarecer o motivo da sua saída, comentando ser: "é algo muito sério para colocar numa entrevista". Reconsidera, porém, dizendo que: "é hora de dar a oportunidade para outra pessoa mostrar a suas capacidades".

Comenta que aquelas que participam nas "escolinhas de treinamentos", continuam sobrepujando àquelas que não participam desses treinamentos. A maioria das meninas gostaria de saber jogar as modalidades esportivas oferecidas, mas como ela desenvolve o esporte pelo esporte, sem objetivos claros, quem sabe jogar participa e quem não sabe entra na quadra, mas quase não participa.

Nas aulas observadas, a professora coloca as alunas sentadas, faz a chamada e em seguida escolhem algumas para formarem as equipes que participarão dos torneios esportivos. Concentra as atividades na área esportiva e fica mais preocupada em colocá-las na quadra para jogar do que orientá-las para a importância da participação nas atividades coletivas.

A sua metodologia está voltada para o esporte de participação sem orientação. As alunas demonstram um descontentamento sobre as aulas, pois colocam que: "a professora não explica como se joga, apenas larga a bola para a gente e deixa o barco correr".

Um grupo de alunas relatou-me que as aulas são distribuídas da seguinte maneira, 50% de voleibol, 25% de futebol de salão, 20% de basquetebol, 1% de handebol e 4% de outras atividades. No plano de ensino apresentado pelo professor, que é o mesmo que a professora utiliza, a divisão das modalidades são iguais, sendo 20% para cada modalidade esportiva, porque foi incluído o atletismo.

Nos torneios relâmpagos das modalidades esportivas ficou claro que é ela quem apita as partidas, marca os resultados, enquanto 10 ou 12 alunas jogam e as demais ficam sem fazer nada. Alega depois que: “as perdedoras não mais se interessam pelo torneio”. A impressão que fica é que esta docente estava mais preocupada com o resultado final dos torneios do que com a aprendizagem das suas alunas.

As discentes que participam das “escolinhas” esportivas evidentemente sobressaem-se. Elas cobram as regras do jogo, entram em atrito com a professora, que parece não ter esse conhecimento ou não demonstra estar preocupada com as regras. Como ela não cobra as regras deixando por conta daquelas que jogam, a situação em quadra fica complicada, havendo muito discussão em função dos resultados.

A docente afirma que gostaria que todas tivessem as mesmas condições e pudessem participar, mas como algumas se beneficiam dos treinos e outras não, sempre existirão aquelas que sabem mais, que tendem a dominar as que sabem menos. Isso vem ao encontro de uma perspectiva meritocrática em que se valoriza o “mais esforçado”, o mais talentoso, ficando os demais jogados à sua própria sorte. Trata-se de um discurso de caráter ideológico demonstrando existir uma aparência de igualdade, de oportunidades que, de fato, não existe, pois as que participam das “escolinhas”, apresentam claras vantagens.

Segundo Oliveira, (1999:75),

O esporte tem suas raízes etimológicas no francês, “**desport**”, que os ingleses alteraram para “**sport**”. O termo tinha, a conotação de prazer, divertimento, descanso. E, apesar das diversas nuances que o esporte assumiu ao longo do século, as pessoas continuam fiéis ao seu sentido original.

Essa colocação do Oliveira contribui para entender porque a professora fala que dava esporte nas aulas, mas não cobrava as regras, talvez pretendesse trabalhar o esporte dentro de um enfoque lúdico, mas o que se observou foi efetivamente uma valorização dos resultados.

Indagando como Marisa avaliava os alunos nas aulas, sua resposta foi:

Eu avalio pela freqüência e pela participação. Eu não baixo nota da aluna que não consegue render, igual àquelas que participam das “escolinhas”. Eu tenho meninas que às vezes, a gente até tem que se controlar para dizer que não têm condições seja falta de interesse, ou de coordenação motora. Às vezes até dá vontade de dizer: “vão jogar xadrez”, mas como professora, eu não posso fazer isso.

Ela deixa transparecer claramente que as pessoas que jogam xadrez não praticam esporte, mas têm habilidades para outras atividades.

Ao comentar sobre a Proposta Curricular disse: “Não tenho conhecimento sobre esta Proposta”. Foi possível notar que existe um distanciamento grande entre a sua prática e os ensinamentos evidenciados nesta Proposta, que visam tornar a Educação mais democrática. Ela desenvolve seu trabalho mais numa perspectiva competitivista, realizando torneios em quase todas as aulas. Às vezes adota também uma postura mais militarista, pois concentra as decisões em si, não dando espaço para suas alunas. Em alguns momentos utiliza a concepção higienista, fazendo exercícios, que visam melhorar o desenvolvimento físico das alunas.

De acordo com Giroux (1987:30),

a concepção de Gramsci, segundo a qual os intelectuais representam uma categoria social, e não uma classe, levanta questões interessantes a respeito da forma como os educadores devem ser considerados nos diferentes níveis do sistema escolar, em termos de sua política, da natureza de seus discursos e das funções pedagógicas que desempenham.

É imperativo notar que as categorias típico-ideais, elaboradas por esse autor são: a categoria dos “Intelectuais Adaptados”, que adotam uma postura ideológica que sustenta a sociedade dominante. A categoria dos “Intelectuais Transformadores”, que Giroux aponta como desafio aos professores, visa desenvolver as culturas e tradições democráticas, dentro e fora das esferas públicas, fazendo parte da Proposta Curricular de Santa Catarina, mas não é desenvolvida pela professora Marisa.

É fundamental o diálogo com a Proposta Curricular e com autores que apontam como os docentes devem trabalhar para evitar a reprodução das suas práticas pedagógicas. De acordo com Giroux (1997:157), “a mudança educacional

apresenta aos professores tanto uma ameaça quanto um desafio (...) na educação”.

A professora encerra a entrevista com a seguinte frase: “Eu sempre trabalhei com Educação Física, é muito importante ver o desenvolvimento do aluno, principalmente eu que estou muitos anos no colégio. Acompanhar aquele desenvolvimento do aluno é gratificante para o professor”.

3.5 - As observações das aulas do professor Mário

O professor Mário leciona só para os rapazes, reunindo as duas 8^{as} séries existentes, totalizando aproximadamente 30 alunos. Observei suas aulas com o objetivo de verificar a metodologia empregada. No início ao me apresentar aos alunos, Mário fez a seguinte recomendação: “vamos ser educados, para que o professor leve uma boa impressão do colégio particular (...)”. Notei que o clima não era dos melhores, pois como o professor ficou afastado um mês das atividades e dos alunos, os professores substitutos deixaram a turma “à vontade”. Mário, no entanto, demonstrou uma postura diferente um pouco autoritária. No início das aulas usava o apito para fazer com que os alunos ficassem quietos.

Ele mostrou o planejamento das aulas, cuja teoria estava voltado para a concepção sócio-histórica prevista na Proposta Curricular, mas na prática desenvolvia as atividades voltadas para prática desportiva visando formar atletas em suas aulas. Ele planejou aula por aula, mas percebi que não segue o planejamento, pois algumas modalidades não foram realizadas como o caso do handebol e do atletismo. As aulas se resumiam a um aquecimento através de exercícios físicos, fundamentos básicos de iniciação esportiva, e em seguida um torneio esportivo de futebol de salão, voleibol ou basquetebol com o objetivo de apurar um vencedor. Ele apitava os jogos, coordenava todas as atividades sem dar a oportunidades dos discentes interferirem na elaboração das mesmas. A relação entre o professor com os alunos ficou prejudicada em função de ele ficar um mês afastado para tratamento de saúde. Pelo que percebi, ele parece ter problema de relacionamento com alguns alunos - sua atitude não é muito democrática e controla a turma o tempo todo. A relação dos alunos é fragmentada visto que não são da mesma sala.

3.6 - A entrevista com o professor Mário

Com 29 anos de idade, graduação universitária e com pós-graduação em Educação, Mário atua na área de Educação Física desde 1995, mas trabalha apenas há 4 meses nesse colégio.

Sua trajetória profissional está mais ligada ao treinamento, pois além de treinador de voleibol neste colégio, trabalha com natação e hidro-ginástica em uma academia. Todo ano procura fazer cursos de atualização, tendo participado recentemente de um Congresso Internacional de Educação Física.

Com relação ao colégio, disse que tem total apoio da direção e do coordenador de Educação Física, comenta que dispõe de uma boa estrutura física, com material suficiente. Na parte esportiva chega ter uma bola para cada dupla, o que é bem diferente da realidade das escolas públicas, onde muitas vezes há uma só bola para 40 alunos.

Quanto ao campo de trabalho na escola, afirmou: "As universidades direcionam o profissional para atuarem mais nas escolas, mas muitos vão trabalhar nas academias, com natação, hidro-ginástica, e muitas vezes sentem dificuldades para realizarem esse trabalho".

É importante registrar que mesmo com a perspectiva voltada mais para o trabalho pedagógico nas escolas, muitos profissionais procuram direcionar suas atenções para fora da escola. Algumas academias, clubes, universidades também têm se preocupado em formar seus alunos para o mercado de trabalho, que não está apenas voltado para a formação pedagógica.

Quanto à Educação Física na escola comenta:

Até o momento ela está tendo uma mudança bem significativa de anos anteriores, quando os alunos eram dispensados da Educação Física para fazerem atividades extra-classe. Eles podiam participar de academias, tinham notas na academia, podiam fazer hipismo, tinham notas no hipismo, tênis de campo e assim por diante. E esse ano foi feito uma mudança bem grande, não há mais dispensas. Agora todos os alunos participam das aulas de Educação Física, exceção feita para as dispensas médicas e dispensa de trabalho.

Pode-se observar que houve mudança no ensino da Educação Física, com um aumento significativo na frequência das aulas. A metodologia, porém não mudou, pois o esporte continua sendo o ponto alto na prática do professor.

Indagado sobre a existência de apenas duas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental falou:

Isso já é uma briga antiga, dos próprios professores de Educação Física. Com as mudanças de leis e de horário escolar, foram diminuindo algumas disciplinas, dentre elas, a Educação Física que está se acabando; realmente deveria ter no mínimo três aulas semanais.

A "LDB" propões três aulas semanais para o ensino fundamental, mas por questões econômicas essa escola optou por ter apenas duas, contrariando a lei federal. Os professores gostariam de mudar essa realidade, mas parece que não pretendem questionar a direção da escola, talvez com medo de perder o próprio emprego. Mário falou muito em mudanças, mas não conseguiu responder o porquê do colégio oferecer apenas duas aulas ao invés de três.

Questionado sobre o tipo de aluno que o colégio pretende formar, declarou: "Queremos estimular os alunos para que façam uma atividade física, tenham mais saúde e possam ter o seu tempo de lazer".

Essa preocupação passa também a ser a preocupação de Diecker, apud Moreira (1992:27), quando afirma:

O Brasil precisa de um novo tipo de Educação Física, cujo objetivo central não pode ser a produção para a comprovação de rendimentos, mas a motivação de todos os alunos para uma prática esportiva por toda a vida.

Mário não admite que nas aulas de Educação Física esteja havendo treinamento, o que é incoerente com seu discurso, pois da maneira que conduz suas aulas, os treinamentos estão acontecendo e os fundamentos esportivos são desenvolvidos ao nível de treinamento.

Quando lhe perguntei se os treinamentos aconteciam nas aulas de Educação Física, falou que: "anteriormente, as aulas eram voltadas mais para o treinamento de futebol de salão". Procurou acrescentar mais algumas

modalidades no plano de ensino, reforçando a idéia que essa disciplina não está voltada para o esporte, quando disse:

Nesse colégio a Educação Física não visa especialização específica. Nós abolimos o treinamento específico, não trabalhamos o aperfeiçoamento de uma modalidade específica. Trabalhamos com as cinco modalidades, dando ênfase, apenas para os fundamentos básicos de cada modalidade.

Procurando saber como a Educação Física poderá contribuir para a formação dos alunos, ponderou que acaba visando a troca de experiência daquele aluno que sabe mais, com aquele que sabe menos: "Essa é a intenção da atual Educação Física, priorizar que todos tenham o mesmo tratamento, que todos tenham a mesma forma de trabalho".

Ele prega em seu discurso, portanto, que todos os alunos devem ter o mesmo tratamento, mas o que foi observado é que quando alguém questiona ou chuta uma bola de voleibol, ele não gosta, perde o controle, leva o aluno para "castigo disciplinar"⁷ parece que usa da sua autoridade, não admitindo diálogo e controlando a turma o tempo todo não dá espaço o desenvolvimento da criatividade.

Observou-se que o professor usa do seu "poder" ao conduzir um aluno para o castigo disciplinar, por ter chutado uma bola de voleibol após encerrar a partida. Com isso o professor acha que resolveu o impasse criando, enquanto existe um discurso que prega: "a aula deve ser prazerosa para o aluno", contrariando seu discurso e a Proposta Curricular.

De acordo com Foucault (1984:160),

O castigo disciplinar, ao lado das punições copiadas ao modelo judiciário (multas, açoite, masmorra), os sistemas disciplinares privilegiam as punições que são da ordem do exército. A punição disciplinar é diretamente obtida pela mecânica de um castigo (...) O professor deve evitar, tanto quanto possível, usar o castigo; ao contrário, deve procurar tornar as recompensas mais freqüentes que as penas (...) quando o mestre for obrigado a usar de castigo, que ele

⁷ "O castigo disciplinar" é evidenciado na instituição escolar e visa punir os desvios de comportamento, onde os alunos conversam com a pessoa encarregada da disciplina e são advertido.

ganhe, se puder, o coração da criança (aluno), antes de aplicar-lhe o castigo (...).

Mário refere-se freqüentemente às mudanças que ocorreram em suas aulas, mas na prática isso não foi observado. No plano de ensino os objetivos estão bem elaborados e sua filosofia de trabalho é tornar as aulas agradáveis. Utiliza, porém o castigo disciplinar como forma de educação. Mostra estar distante dos seus objetivos e da Proposta Curricular que combate o autoritarismo.

O professor parece não seguir o planejamento, pois a modalidade de atletismo, incluída no planejamento, pelo menos durante o tempo de coleta de dados, não foi explorada. As aulas são pré-estabelecidas e voltadas predominantemente para o esporte, ou seja, algumas modalidades de quadra consistindo em um aquecimento, alguns exercícios com bolas e o jogo.

O espaço que os alunos têm para as mudanças é pouco, pois observei que existiam cinco equipes, e aquela que perde fica esperando até novamente chegar sua vez. Quem ganhava ficava na quadra e essa equipe ia jogando, com uma equipe, depois com outra, e assim sucessivamente. Conseqüentemente enquanto estiver ganhando continuava.

Na verdade as aulas co-educativas contribuem para diminuir a ênfase no esporte competitivo. Nelas, no entanto, o professor precisa estar bem atualizado para poder trabalhar com todo o grupo. Separando os meninos das meninas torna-se mais fácil poder selecionar os melhores para os treinamentos, o que leva o colégio a um "destaque" esportivo. Segundo Mário, essa separação existe em função da filosofia do colégio. Ele declarou-se favorável às aulas co-educativas, argumentando: "elas dariam outra conotação para as aulas de Educação Física". No entanto, não encontra respaldo da direção.

Do que foi possível observar, o entrevistado controla muito, os exercícios que são apenas reproduzidos. Os alunos não têm liberdade para criar exercícios diferentes, dando a impressão que estão sendo educados para obedecer. Ele reforça essa idéia quando disse que espera que: "todos tenham a mesma forma de trabalho". Nesse sentido aproxima-se da concepção militarista apontada por Ghiraldelli e combatida na Proposta Curricular.

Os exercícios são padronizados e não permitem que os discentes desenvolvam sua criatividade. No seu discurso, porém ponderou: "nós não vamos

padronizar e nem podar “n” movimentos que o aluno possa executar”. Na realidade os exercícios já vêm pré-estabelecidos.

Indagado sobre a concepção de trabalho que adota, demonstra não ter clareza teórica, pois explica: “Eu pego um pouco de cada teoria. Um pouco da Tradicional, um pouco da Nova, um pouco da Crítica e, vou construindo a própria atividade”.

Os conteúdos utilizados em suas aulas parecem estar voltados para o esporte que valoriza o mais forte. Parece não ter uma linha de trabalho definida, fazendo uma mistura das concepções de Educação Física. Mistura aspectos da concepção Militarista com outras da concepção competitivista, trabalha um pouco dentro da perspectiva higienista, mas prega um discurso mais do tipo progressista, que privilegia a ludicidade, a solidariedade, na construção de uma sociedade mais justa e mais democrática.

Comenta: “tenho um planejamento a seguir, preparei aula por aula, cada dia é uma modalidade diferente, para que sejam trabalhadas todas as modalidades”. Na elaboração do planejamento relata: “o planejamento eu fiz sozinho, os demais estão adotando e tentando seguir a mesma metodologia”. O trabalho coletivo parece não ser muito utilizado por ele, o que, novamente vai de encontro com sua declaração: “tenho como objetivo o trabalho em grupo”.

O entrevistado adota o seguinte critério: “Quem ganha continua”. Dessa forma “quem vence continua”. Isso faz com que os mais dotados fisicamente sempre levem vantagens. Sobre as aulas teóricas, Mário comentou que não as realiza, mas que os alunos fazem trabalhos por escritos sobre as modalidades esportivas.

Ao nível do discurso declara trabalhar as aulas de Educação Física dentro de um enfoque pedagógico que visa a formação integral do aluno. A prática observada, no entanto, parece não confirmar essa impressão, pois foi possível verificar que existem muitas repetições dos movimentos, o que indica o uso de uma prática pedagógica reprodutivista, contrária à Proposta Curricular.

Perguntado sobre as aulas mistas, respondeu: “Não trabalhamos essas aulas co-educativas”. Coloca isso como um problema, mas pondera que a direção do colégio não aceita essa orientação.

Avaliando o seu trabalho, considera-o “bom”. Parece que o entrevistado está procurando mudar a metodologia de trabalho no colégio, mas permanece

praticamente isolado, pois os demais professores não concordam com a forma adotada por não terem participado na elaboração do plano de ensino.

A metodologia adotada consiste em iniciar com um aquecimento de 15 minutos para todos, deslocamentos, corridas, exercícios de velocidade, exercícios com bolas, tendo uma bola para cada dupla, encerrava com um torneio.

Do que observei o relaxamento não aconteceu. Logo que termina a aula o professor recolhe o material e os alunos vão embora, sem ao menos fazerem uma avaliação do que ocorreu na aula.

Segundo as observações, este professor trabalha numa linha mais autoritária, controla a turma o tempo todo, procura seguir as regras rigorosamente e exclui os mais fracos, pois quem perde fica fora.

Segundo Oliveira (1999:72):

Por intermédio do jogo as pessoas aprendem a se relacionar utilizando normas que emanam do próprio convívio, identificando espontânea e democraticamente a necessidade da elaboração de um código de direitos e deveres.

A metodologia adotada por este professor está centralizada na obediência às regras esportivas e na prática esportiva. Sua intenção é fazer que os alunos desenvolvam uma atividade física, não só durante as aulas de Educação Física, mas que adquiram o hábito de estar sempre em atividade para obterem uma saúde melhor e que possam aproveitar suas horas de lazer com o esporte ou com uma atividade física.

O colégio desenvolve suas equipes de “treinamentos esportivos” e as aulas de Educação Física servem como um meio do professor selecionar os futuros atletas, pois aqueles que apresentam uma boa performance serão convidados integrar a seleção do colégio em várias modalidades esportivas.

Mário encerra dizendo que:

A Educação Física deveria ser mais reconhecida como as demais disciplinas da grade curricular, assim como tem o congresso na Educação, deveria ter mais congressos na área esportiva, na parte pedagógica da Educação Física escolar.

Fazendo uma rápida análise do trabalho realizado por esse professor, verificou-se que não existe uma aproximação da sua prática pedagógica com a Proposta Curricular de Santa Catarina, estando suas atividades mais voltadas para a reprodução dos movimentos do que para a formação integral do aluno. Ele trabalha mais preparando seus alunos para integrar a seleção do colégio, impõe normas, controla a turma o tempo todo, e não admite mudanças.

As categorias de análises apresentadas por Giroux, (1987:31), apontam “os intelectuais transformadores” que visam a uma educação mais democrática evidenciada na Proposta Curricular, mas não desenvolvida por parte de um colégio de elite, pois nele só estuda quem tem uma boa situação econômica.

3.7 - A entrevista com a aluna Carla

A entrevista com essa aluna (ver anexo 5) foi realizada em uma das salas de aula do colégio. Ela tem 14 anos e estuda neste colégio desde o pré-escolar. É considerada pelos professores e por ela mesmo como uma aluna de nível médio, em todas as disciplinas.

Comenta que procura se esforçar bastante nas aulas. Sobre a Educação Física faz algumas considerações, tais como:

A Educação Física está boa, mas pode melhorar, ter mais atividades, menos rivalidade entre as alunas, mais equilíbrio entre os jogos, e poderia ter um pouco mais de teoria, a Educação Física poderia ser melhor e a professora também.

Em consonância com o que disse, nota-se que algumas alunas não estão satisfeitas com o desempenho da professora. Parece que a sua preocupação é realizar os mini-torneios em todas as aulas, favorecendo sempre quem participa das ditas “escolinhas”, que nada mais são do que os treinamentos desportivos, em várias modalidades.

Segundo a entrevistada por falta de um curso superior essa docente vem desenvolvendo as suas aulas já há muito tempo dentro da mesma metodologia. Isso indica a suposição de que a formação superior ofereceria melhores recursos de trabalho para essa professora.

É visível a existência de uma rivalidade entre as duas turmas, femininas, pois reclama que na hora das escolhas, são quase sempre as mesmas que escolhem. Aponta ainda que 90% das escolhidas são da mesma sala, o que não favorece maior integração entre o grupo.

Segundo Carla, “deveria existir um melhor equilíbrio entre as equipes”. Isso, no entanto, parece que nunca foi preocupação da professora porque, após fazer as escolhas aponta um vencedor no final da aula, e aquelas equipes que perdem ficam excluídas da competição. Para ela, a professora apenas fica apitando os jogos e marcando o nome das equipes vencedoras, não existindo mais motivação para quem já perdeu.

Perguntada sobre o que estava faltando nas aulas de Educação Física, disse:

Mais atividades, mais incentivo, mais atividades para aquelas que perdem e ficam sem saber o que fazer, porque as aulas já se tornaram rotina, pois desde a 5ª série é a mesma coisa.

Ela entende que a professora precisa se atualizar mais. Comenta que sai faz cursos, mas parece que os mesmos são mais voltados para a prática desportiva.

A entrevistada disse também que: “as aulas de Educação Física são importantes, mas que não são bem dadas”. Isso reflete um descontentamento geral que parece haver muito grande na turma. Aquelas que participam dos treinamentos cobram da professora um pouco mais os fundamentos básicos das modalidades e as regras do jogo. Marisa, no entanto, argumenta que as aulas de Educação Física não são aulas de treinamento.

Carla mostra que: “a maioria das alunas não gostam das aulas de Educação Física por causa da professora”, pois quem sabe jogar está levando vantagem sobre aquelas que não sabem. Elas gostam de esporte, mas da maneira que está sendo desenvolvido não funciona bem.

Segunda ela, pouca coisa vem sendo desenvolvida e as alunas gostariam que não fosse assim. Quando dão sugestões para melhorar as aulas pedem para a coordenação tirar a professora do colégio: “dizem que vão pensar, só que nunca pensam”. Fica claro, portanto, que as alunas várias vezes solicitaram a troca da professora, mas o pedido não foi atendido. Como a docente, no entanto, relatou

que está saindo da escola, a impressão é que ela não está mais agüentando a pressão das discentes que solicitam algo diferente nas aulas.

Carla comentou que:

Nas aulas de Educação Física a maioria gosta de jogar voleibol, e quando termina o jogo, algumas aproveitam o som ligado e dão uma dançada. Gostariam, porém, de fazer outras atividades, já que as aulas se resumem a torneios.

As alunas estão acostumadas a jogar voleibol com o som ligado para terem a oportunidade de dançar, mas prefeririam um local próprio para ficarem mais à vontade.

Procurei saber que atividades são essas. Ela comentou:

A gente poderia jogar xadrez, dançar, ocupar outros espaços, ficar fazendo atividades em pequenos grupos, como dando toques com a bola de voleibol, atividades recreativas, seria interessante a professora ocupar mais o grupo, aproveitar mais o tempo, pois pagamos caro para estudar.

Carla dá algumas sugestões bem interessantes, mas a professora não aceita a colaboração da turma.

Segundo a entrevistada, não há aulas teóricas e gostariam de saber um pouco mais sobre os esportes, fazer algumas pesquisas, e saber o que está acontecendo com a Educação Física em geral. Parece que realizam as atividades, mas muitas vezes sem saber o seu real significado. Ela considera ainda que a Educação Física é importante para melhorar a saúde.

Como foi possível observar, as aulas de Educação Física estão voltadas mais para a parte física, não há espaço para as discentes desenvolverem a sua criatividade e a sua liberdade de expressão, não podem alterar as regras do jogo, enfim não podem mudar nada, pois tudo é centralizado pela professora.

Comentou, que muitas vezes as regras dos jogos não são cumpridas e a professora "finge que não vê". Pondera que é importante seguir as regras do jogo, para que não existam injustiças. Comentou ainda que: "a professora dá oportunidade delas falarem, mas o que elas falam não é cumprido".

Declara também que: "a professora só pensa o que é importante para ela, só que ninguém está satisfeito com o que está sendo dado". E acrescenta: "é importante ter a participação, que a gente tenha opinião, que a gente possa mudar, se sentir mais feliz".

Os depoimentos desta entrevistada revelam que a professora desenvolve as aulas numa perspectiva mais militarista, não dando espaço para que elas possam emitir suas idéias.

Com respeito à Proposta Curricular, comenta que a professora nunca falou sobre a sua importância e declara não ter conhecimento da mesma.

Quanto às aulas mistas, declara que: "seria bom ter a participação dos meninos". Considera importante essa união, pois "a gente apreende mais, é mais divertido". Ela não soube, entretanto, responder qual o motivo da separação entre os meninos e as meninas, e aponta também alguns benefícios nas aulas mistas: "Não teria aquela separação dos meninos e das meninas, eu acho que é importante para ter aquele relacionamento, a gente apreende mais, é mais divertido".

Declara que têm vontade de ver o que os rapazes fazem. "Gostaria de ver como os rapazes realizam as suas atividades, quando ficam em ginásios diferentes". Mencionou também: "A professora muitas vezes sai, diz que tem que resolver um problema e, deixa a gente sozinha".

Considera que as maiores dificuldades que as alunas encontram nas aulas de Educação Física são:

Situar-se no jogo, jogar mais. Não saber jogar direito. Se sentir excluída. Só aquele "grupinho" das melhores que jogam, daí as outras não conseguem jogar, não têm animo para continuar jogando.

Marisa poderia intervir para mudar essa realidade, mas como o trabalho está voltado para linha da reprodução do conhecimento e não com a possibilidade de transformar essa realidade, como sugere a Proposta Curricular, e alguns autores progressistas.

Com respeito ao plano de curso comenta: "a professora não discute nada com a gente, não ficamos sabendo de nada. A coisa que a gente faz é fazer aquecimento e ir direto para o jogo, a gente está com ela desde a 5ª série".

Por fim Carla registra as suas sugestões:

A professora precisava pensar mais na gente, e ver se a gente está feliz na Educação Física. Que tivesse jogos extras, que a gente teria mais incentivo de fazer as coisas, as atividades porque, tem gente que faz sem ânimo nenhum, se sente excluída, não sabem jogar, tem umas que não respeitam as regras, daí já ficam revoltadas. Acho que isso precisa mudar, seria melhor para a gente.

3.8 - A entrevista com o aluno Paulo

A entrevista foi realizada no último dia de aula de Educação Física, antes das férias. Paulo estuda no colégio desde a 4ª série. Considera-se um aluno “regular” nos estudos e na área de Educação Física se avalia como “bom”, participando das atividades e dos treinamentos de voleibol. Considera que a Educação Física no colégio é boa, tem bastante material e uma boa estrutura física.

Acha a Educação Física importante porque influencia no crescimento e ajuda no relacionamento. Ponderou que os colegas não gostam muito da Educação Física porque são “vadios”.

Define Educação Física como sendo: “ter mais respeito com os seus amigos, se entrosar mais com os seus amigos”.

O entrevistado disse, que os colegas não dão sugestões para melhorar as aulas. O professor define a forma de trabalho e eles simplesmente executam. Como o grupo é grande, acha que deveria ter mais atividades que envolvessem todos ao mesmo tempo, pois quando 10 ou 12 ficam jogando na quadra, os demais ficam sem terem o que fazer. Às vezes ficam assistindo ou conversando.

Quanto às regras dos jogos, as considera importantes. Comenta que: “O professor é quem as dita e quando mudam alguma coisa, sem sua autorização, anota na prancheta, e depois desconta na nota”.

Considera ainda que “o professor exige muito, é autoritário”, não sendo esse o tratamento desejado por eles. Comparando as aulas desse ano, com as do ano passado comenta: “o professor do ano passado não era tão rígido deixando mais à vontade”.

Com relação às aulas mistas, que não existe no colégio o entrevistado opinou: “jogar com as meninas, é ruim porque dá aquela avacalhação”. Tal separação é própria de um colégio religioso que não se coaduna com a recomendação da co-educação que consta na Proposta Curricular.

Para Saraiva (1999:30):

A rejeição às aulas mistas é vista a partir da corrente tradicionalista, que concebe a Educação Física (e o estudo do movimento humano) no paradigma tecnicista-higienista do esporte de rendimento e da atividade física como saúde, e que tende a adotar pontos de vista biológicos para explicar a diferenciação física e comportamental de homens e mulheres.

A corrente tradicional da Educação Física tem construído uma imagem de homem e sociedade atrelada aos princípios do rendimento.

Paulo propõe, como sugestão para melhorar as aulas de Educação Física e torná-las mais atraentes que: “as aulas mistas, apresentam como vantagem maior comunicação com as meninas, e como desvantagem, a falta de respeito para com elas”. Com referência ao plano anual de curso, disse que o professor comentou com eles sobre os seus objetivos dizendo: “às vezes, conversa com a gente sobre as atividades feitas, desenvolvemos mais o corpo, para ir melhorando mais a nossa vida”.

Encerrando a sua participação disse: “espero que o voleibol masculino seja mais considerado no colégio”. Reconhece que o futebol de salão é o esporte mais praticado no colégio, depois vem o voleibol, o handebol, o basquetebol e os exercícios físicos. Acrescentou ainda que “o atletismo ainda não foi trabalhado esse ano com a gente”.

CAPÍTULO IV

4 - ANÁLISE DOS DADOS

Tendo em vista o que foi observado, todos os professores desta pesquisa trabalham numa linha voltada para o esporte, em função da formação que tiveram ou pela importância que é atribuída ao esporte na escola e principalmente, fora dela através da mídia.

Levantando a literatura sobre a Educação Física, no entanto, nota-se que alguns pensadores entendem que essa área não pode ficar restrita apenas ao esporte em si, mas deve incluir um enfoque pedagógico, indicado pela Proposta Curricular (1998:15), que tem como eixos fundamentais “uma concepção de homem e uma concepção de aprendizagem”.

Na escola pública, o professor Lúcio demonstrou estar insatisfeito com a situação em que se encontra o magistério estadual, por causa dos salários atrasados desde 1998 e de baixa remuneração que recebe, sem reposição salarial há seis anos. Entende que houve uma mudança na área pedagógica da Educação Física, através da Proposta Curricular, mas se mostra mais ligado ao esporte de competição. Prefere continuar como na década de 70, onde essa era a orientação.

O entrevistado parece não ter clareza sobre a Proposta Curricular de Santa Catarina, pois a considera “teórica e pouco prática”. Justifica isso, dizendo: “quem participou da sua elaboração não vive o dia-a-dia da escola, provavelmente trabalhava em serviços burocráticos distantes da realidade escolar”. Com isso denuncia um afastamento entre planejadores e executores, não previsto pela Proposta Curricular.

Seu planejamento está voltado para as modalidades esportivas, possíveis de realizar na escola como futebol de salão; voleibol e um pouco de atletismo. Em suas aulas disse que costumava trabalhar o aquecimento, alongamento,

exercícios físicos e depois a modalidade esportiva. Do que foi observado, demonstra pouca opção de trabalho, parece não seguir seu planejamento, concentrando as atividades mais no futebol de salão, com o objetivo de preparar uma equipe para participar dos jogos de SESC e dos jogos escolares da cidade.

Centraliza o seu discurso no esporte realçando a participação de uma ex-aluna que esteve nos Jogos Olímpicos de Sidney. Utiliza esse exemplo para motivar os alunos a se dedicarem cada vez mais ao esporte, enfatizando que assim poderão ter oportunidade de obter sucesso na vida. Não se dá conta que essa atleta foi a única da cidade a participar das Olimpíadas e uma das poucas do estado catarinense.

Refere-se à Educação Física como sendo um meio de sucesso profissional, o que ficou bem claro no discurso dos seus alunos: “com a prática do esporte quero ganhar bastante dinheiro, ter mansão e carro importado”.

Com esse pensamento acaba por mascarar as desigualdades sociais, pois coloca que todos têm possibilidades de sucesso através do esporte, quando sabemos que na vida real, poucos são bem sucedidos.

Embora tenha dito que nas aulas todos participavam, quem não estava no jogo ficava apenas assistindo ou ia embora. Demonstra não trabalhar de acordo com a Proposta Curricular, pois evidencia a exclusão, discriminando aqueles que não se enquadram num padrão de habilidades esportivas. Além disso, em momento nenhum demonstrou preocupar-se em criticar a realidade existente, injusta e desigual.

O professor Lúcio desenvolve suas aulas voltadas mais para o esporte, onde os melhores são destacados e a valorização do atleta que consegue o **podium** é evidenciada. Esta concepção, segundo Ghiraldelli, fica reduzida à competição esportiva, valoriza o mais forte, estimula a idéia de “conquistar um lugar ao sol pelo esforço próprio”, sendo ilustrada o momento todo, com os ídolos esportivos principalmente com aqueles provenientes dos lares mais pobres.

Esse professor tem freqüentemente uma postura autoritária, pois não admite mudanças em suas aulas, desenvolve as atividades seguindo as regras dos esportes. Não dá espaço nem oportunidade de mudá-las, de produzir novos jogos e atividades que favoreceriam a produção coletiva, a convivência com as diferenças e os interesses dos participantes. Mais uma vez sua postura é contrária à da Proposta Curricular de Santa Catarina.

A categoria dos “Intelectuais Adaptados” apontada por Giroux,(1987:37), aproxima-se do trabalho deste professor, pois adota uma posição ideológica e um conjunto de práticas materiais que sustentam a sociedade dominante.

Na entrevista, Antônio, por exemplo, comenta que ele aproveita os dias de chuva, para ensinar “um pouco de teoria” ou seja, discutir as regras do jogo.

Segundo Marta, o professor desenvolve suas atividades voltadas mais para a área esportiva, não aceitando sugestões para mudar as aulas. Dando a impressão que ele, centraliza em si as decisões tomadas nas aulas, contrariando novamente a Proposta Curricular, onde a democracia e a participação coletiva são prioritárias. Além disso, elabora o plano de ensino sem ao menos dialogar com os alunos sobre a importância da Educação Física.

Marisa esforça-se num discurso diferente, declarando que a sua intenção “não é trabalhar o esporte”, afirmando que “a aula de Educação Física não é uma competição” e que nela “todo mundo tem chance de participar”. Restringe-se, porém, ao uso de jogos, acabando por reduzir suas atividades à prática desportiva.

Ela não participou na elaboração do plano de curso, recebeu-o feito pelo professor Mário. Aparentemente aceitou tal situação de forma passiva. Observa-se, no entanto, uma resistência ao declarar que não o segue rigorosamente - “trabalho à minha maneira”. Isso evidencia como as mudanças ocorrem na teoria, no papel, mas não altera a forma de agir dos docentes no seu dia-a-dia.

Essa professora também se aproxima da categoria dos “Intelectuais Adaptados”, definido por Giroux (1987:37), para quem, “esses intelectuais funcionam principalmente para produzir e mediar, acriticamente, idéias e práticas sociais que servem para reproduzir o “**status quo**”. Adota também a perspectiva competitivista que valoriza o “melhor” o “vencedor”, o que não vai de encontro à Proposta Curricular, que procura trabalhar o esporte dentro de um enfoque pedagógico.

Além de não seguir o planejamento estabelecido, não ensina as regras do jogo, mas, contraditoriamente, as cobra. Observando suas aulas verifiquei que coloca as meninas que participam dos treinamentos junto com àquelas que têm mais dificuldade, pedindo-lhes que “não saquem forte”, o que evidentemente, não funciona, pois quem sabe “mais” continua tirando vantagem sobre quem tem “dificuldade”.

Declara que explica as regras, só que não as cobra. No entanto, atuava na arbitragem dos jogos realizados com a turma, através de um sistema de chaves eliminatórias, onde valorizava as mais fortes e eliminava, as mais fracas.

Observei que eram as discentes que organizavam as equipes e quase sempre essas eram formadas por alunas da mesma sala, não existindo uma integração no grupo. As reclamações são, obviamente, as mesmas, pois algumas equipes ficavam mais fortes e a professora não interfere nisso.

Parece haver um clima de descontentamento entre Marisa e sua turma. Declarou estar encontrando dificuldades, pois “querem se impor na minha aula, eu não admito, isso é um dos motivos que estou deixando o colégio”.

Segundo a Proposta Curricular, a Educação Física deveria estar voltada ao processo pedagógico, utilizando o esporte dentro dessa perspectiva. Deve ser enfatizado que se joga “com” e “não contra”, e que vitória e derrota fazem parte da vida. A Proposta Curricular (1998:227), afirma textualmente: “se quisermos uma sociedade igualitária, produzida no coletivo, devemos trabalhar a questão de “vencer”, e do “perder”, e não o princípio de sobrepujança”.

De acordo com Bregolato (1994:24),

A crise de identidade levou à busca de uma reflexão sobre as relações entre a Educação Física e Sociedade, mais especificamente a uma tentativa de justificar a utilidade social da Educação Física e seu papel nas transformações sociais. Esta reflexão foi bastante influenciada pelas idéias de Gadotti (1983), e Saviani (1984) e suas concepções dialético-críticas da educação, que buscam identificar a contribuição da Educação, do educador, e da escola no processo de transformação da sociedade.

Quanto à aluna Carla, levanta aspectos como o **caráter rotineiro das aulas** dizendo que: “A professora não se atualiza, se fecha só nas atividades de voleibol, basquetebol, e futebol”. Comenta ainda que: “as aulas não são bem dadas, faltam mais atividades, mais incentivo. Pelo que a gente pega tem que ter outras coisas. Seria interessante a professora ocupar o grupo, o tempo todo”.

Ela se ressentia também da falta de aspectos mais históricos quando declara: “eu acho importante saber onde surgiu o esporte, pesquisar sobre ele, ficar por dentro, saber o que acontece”.

As colocações de Carla evidenciam que a Proposta Curricular não chega até os alunos, pois a falta de conhecimento por parte da professora não garante as mudanças previstas nela.

As aulas estão voltadas mais para o desenvolvimento da parte física, dando a impressão de manter uma clara separação entre corpo e mente. Oliveira (1985:49), em seu texto aponta nesta direção:

A aprendizagem significativa talvez seja, entre todos, o princípio mais desprezado pela Educação Física escolar, portanto as tarefas que pretendam promover uma aprendizagem realmente significativa para o aluno devem levá-lo a uma atitude consciente e relacionada com sua própria realidade, de modo a incorporar-se ao conjunto de seus conhecimentos.

Alguns professores de Educação Física não dão o devido valor ao conhecimento dos alunos, pois estão acostumados, apenas a ensinarem os gestos motores. A Proposta Curricular (1998:16), valorizava a dimensão do conhecimento ao declarar:

Há uma relação do conhecimento com o poder. Assim, quando mais esse conhecimento estiver concentrado nas mãos de poucos, maior é a possibilidade desses poucos controlarem pacificamente a maioria, quanto mais, esse conhecimento for socializado, maior a possibilidade de conquista ou controle do poder pela maioria.

Gramsci, apud Mochcovitch (1988:7), chama atenção para a necessidade das camadas populares terem acesso aos conhecimentos próprios da camada dominante da sociedade para se tornarem governantes. A apropriação da riqueza intelectual abre caminhos para a ação política das camadas populares, capacitando-as para criarem alternativas sociais de maior distribuição da riqueza material.

Um ponto importante observado nessa pesquisa diz respeito à falta de conhecimento da Proposta Curricular por parte da professora. Com isso o que foi observado nas aulas de Educação Física foi uma postura tradicional e vertical, isto é, centralizada no professor e no esporte competitivo.

Quanto ao professor Mário da escola particular, também apresentou um planejamento voltado para o esporte. Sua intenção era que os alunos criassem o hábito de fazer atividade física, para melhorar a saúde durante a vida toda. Hoje, os médicos e especialistas recomendam que se faça atividade física de três a cinco vezes por semana, visando prevenir futuras doenças e melhorar a qualidade de vida. De acordo com Hahas (1999:49), “A atividade física regular é importante na prevenção de diversas doenças e representa um fator fundamental para a manutenção ou redução do peso corporal”.

Mário leciona uma vez por semana, concentrando as duas aulas no mesmo dia. Não reclama da falta da terceira aula que poderia ser dada para todos e que acabou sendo “facultativa”, utilizada como treinamento para poucos. Declarou que “deixa tudo como está” para não perder o emprego. Fez uma crítica aos demais profissionais, por trabalharem mais voltados ao esporte, mas acaba fazendo o mesmo.

Afirmou que não tem uma linha específica de trabalho, quando declara: “eu pego um pouco de cada, da tradicional, da nova, da crítica, e vou construindo a própria atividade”. Pela observação e pelo seu discurso percebe-se que ele mistura as várias tendências, não tendo, portanto uma linha definida de trabalho. Na prática, entretanto, apresenta mais uma linha autoritária, pois controla a turma o tempo todo, quase não admite mudanças, seguindo as regras rigidamente.

O professor volta-se apenas para o esporte, uma vez que trabalha com o treinamento desportivo, visando a garimpar talentos esportivos. Apresentou um planejamento, cujos objetivos eram voltados para parte pedagógica, mas na prática desenvolve apenas atividades esportivas, visando garimpar atletas, o que contraria os objetivos propostos no seu plano de ensino.

Segundo a Proposta Curricular, a Educação Física deveria estar preocupada com a área pedagógica, mas isso parece não ser a realidade destas duas escolas, que trabalham visando o esporte de competição e não o esporte recreativo que envolve a participação de todos.

Com o fracasso do Brasil nos Jogos Olímpicos de Sidney, existe uma proposta no Congresso Nacional que tem como objetivo intensificar o esporte nas escolas. Isso contraria os objetivos da Proposta Curricular, fazendo com que ela se pareça obsoleta frente à realidade globalizada que se impõe cada vez. Ela propõe uma Educação Física voltada para mudanças, apontando a necessidade

de um maior intercâmbio entre o saber produzido nas universidades e o saber que é utilizado nas escolas particulares, estaduais, e municipais.

Constatou-se nesta pesquisa que a Proposta Curricular de Santa Catarina não é conhecida de forma aprofundada pelos docentes de Educação Física. Das 26 coordenadorias regionais de Ensino existentes no estado, apenas 6 participaram na sua última elaboração. Em razão disso, muitos professores não tomaram conhecimento do conteúdo existente nela, pois não participaram da sua discussão.

Da região do Planalto não houve a participação de nenhum professor na versão de 1998 na área de Educação Física. Ela não foi amplamente discutida nem divulgada entre os professores, tendo sido elaborada à distância da realidade cotidiana das escolas. Teoricamente tem como objetivo "incluir a participação de todos", mas na prática acabou excluindo a grande maioria dos docentes de sua elaboração. Em suma parece que não foi coerente com suas próprias recomendações.

Isso já foi apontado por Andaló (1995:70), em seu estudo sobre os cursos de aperfeiçoamento para docente. Diz a autora:

(...) Muitas professores reclamam da imposição de orientação e metodologias, por parte dos órgãos oficiais, que desconsideram completamente seus problemas e modos de atuar, muitas vezes alterados arbitrariamente e à sua revelia.

Mário declara ter conhecimento da Proposta Curricular, mas através da sua prática pedagógica foi possível notar que não demonstra muita clareza a esse respeito quando coloca: "ela é uma proposta ampla, mas pouco utilizada nas escolas, principalmente pelo poder aquisitivo que essas escolas têm".

Utilizando as categorias de análises apontadas por Giroux (1987:31), Mário se aproxima do modelo "Intelectual Adaptado", que para esse autor: "adota uma posição ideológica e um conjunto de práticas materiais que sustentam a sociedade dominante e os grupos de elites".

Ao nível do discurso sugere ser transformador, democrático, mas na prática revela-se autoritário, contribuindo para a situação tal como está.

Os três professores trabalham numa linha competitivista voltada para o esporte. Não aceitam, não utilizam e nem se apropriaram da Proposta Curricular.

Enfatizam a reprodução das regras e dos movimentos, desestimulando a criatividade e a transformação.

Eles se aproximam do modelo estabelecidos por Giroux, os “Intelectuais Adaptados”, pois adotam uma posição ideológica e um conjunto de práticas que contribuem para manter a sociedade dominante e o grupo de elite.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da pesquisa feita uma das constatações feitas é que a Proposta Curricular e suas diretrizes não contemplam as duas realidades investigadas, porque os três professores, tanto da escola particular como o da escola pública trabalham numa linha esportiva, visando à formação de atletas dentro da escola. Isso, aliás, está em acordo com as novas orientações do Ministério da Educação e do Desporto, qual seja, "tornar a prática esportiva obrigatória nas escolas do país", decisão tomada em função do fracasso nas últimas olimpíadas.

Os professores estão de acordo com a "nova tendência" da Educação Física, proposta pelo ministro dos esportes, que na verdade de nova não tem nada, pois visa tornar obrigatória a prática esportiva nas escolas, o que vem acontecendo desde a década de 70, onde a Educação Física competitivista era a tendência do momento. Hoje com o apoio do Mec, indica que provavelmente a obrigatoriedade da prática desportiva nas escolas, não foi bem aceita pelos professores desta pesquisa e pela maioria dos professores que trabalham nas escolas, mais do que a Proposta Curricular, que nem sequer passou por eles, ou seja, nem foi assimilada. E já está surgindo "outra proposta", voltando a Educação Física (competitivista) com o objetivo de reforçar o esporte nas escolas.

Atualmente os professores de Educação Física do estado se organizaram e formaram o Conselho Regional, filiado ao Conselho Federal de Educação Física, (CONFED), e estão trabalhando na perspectiva de fazer com que os alunos do curso noturno, possam ter novamente o direito de frequentar as aulas de Educação Física.

De acordo com o Conselho Federal de Educação Física, no boletim nº 4 de outubro de (2000:8), a Educação Física escolar começa a conquistar novamente o seu espaço nas escolas, pois a declaração do Ministro dos Esportes e Turismo, Carlos Mello, confirma isso, "a Educação Física voltará a ser obrigatória nas escolas, foi um erro tornar essa matéria facultativa, pois é fundamental para a massificação do esporte".

Ele que revelou ainda que já conversou com o Presidente da República, com o Ministro da Educação, com o General Alberto Cardoso, da Secretaria Anti-Drogas, que manifestaram total apoio à iniciativa.

Segundo Melles (apud CONFEF 2000:8).

Nós queremos que esta obrigatoriedade já esteja em vigor em 2001. É uma questão de educação, de saúde de nossos jovens. A Educação Física jamais deveria ter deixado de ser praticada nas escolas.

Existem projetos do governo para incentivar novamente o esporte nas escolas, oferecendo melhor infra-estrutura e com liberação de recursos para a construção de quadras esportivas e ginásios de esportes, de forma que os professores possam formar equipes e participar de competições esportivas.

No dia 9 de janeiro de 2001, assisti a uma reportagem na rede Globo de televisão, no programa Globo Esporte, onde o repórter Renato Ribeiro fez a seguinte colocação:

Hoje, 36 milhões de crianças entre 7 e 14 anos estão nas escolas, e esse é o maior patrimônio para o futuro do esporte brasileiro, por isso o governo federal através do ministro Carlos Melles tomou uma decisão: "a partir de 3 de fevereiro numa parceria com ministério da Educação, está voltando a obrigatoriedade da prática desportiva nos bancos escolares.

Para esse repórter, "hoje, a Educação Física é o primo pobre das disciplinas". Já o professor, Valdir Ramos, diretor da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na mesma reportagem afirmou: "A Educação Física Escolar, hoje desde o início, desde o pré-escolar é relegada a um 2º nível".

O repórter Renato Ribeiro continuou dizendo:

O pior é que o professor de Educação Física é mal remunerado nas escolas, ganhando de R\$ 400,00 a R\$ 600,00 (reais). Com isso acaba trabalhando nas academias, onde o salário é de R\$ 1.000,00 a R\$ 2.000,00. Enquanto as escolas não ganham "força", os clubes vão tentando fazer esse papel e devem continuar fazendo isso até o Brasil

descobrir que Educação Física e esportes são como irmãos, na vida de um atleta, caminham juntos desde os primeiros passos até o alto do **podium**.

Durante essa entrevista, foram mostradas muitas imagens de atletas que se destacaram no mundo esportivo, como o brasileiro Joaquim Cruz, campeão dos 800 metros na olimpíada de Los Angeles em 1984, a americana Marion Jones campeã na prova dos 100 e 200 metros na olimpíada de Sidney ano passado, o americano Maikon Jordan, o grande fenômeno do basquetebol e outros destaques esportivos que mostram a "força do esporte" como **marketing**. Existe nisso a intenção tornar a Educação Física escolar em prática esportiva.

Desta forma, novamente o esporte poderá contribuir para desviar as atenções das crises internas existente no país, como a situação econômica, a pobreza, o desemprego, a violência, as drogas, e as doenças. Se os professores souberem encontrar um ponto de equilíbrio entre o esporte escolar e a educação, usando-o como um meio educacional e de lazer e não como uma forma apenas de superação, a Educação Física poderá contribuir efetivamente para desenvolver o ser humano na sua totalidade.

De acordo com Santin (1987:52):

A Educação Física pode adotar uma filosofia que tenha como princípios o rendimento, a competição e o confronto, onde a meta única é vencer para proclamar sua superioridade; ou, desenvolver uma filosofia através da qual as atividades corporais são vividas como lazer, gesto, harmonia arte e espetáculo.

Faz-se necessário, ainda, que a Secretaria da Educação coloque em prática as sugestões contidas na Proposta Curricular, pois sendo favorável à capacitação dos professores recomenda a "inclusão" e não a 'exclusão.' A Secretaria da Educação não liberou novos pedidos de afastamento para cursos de Mestrado na área da Educação Física. Ela acata uma proposta democrática, mas, no entanto, não aceita a eleição para diretores de escolas, cargos considerados "políticos. Anuncia a valorização do magistério, mas, não tem definido um quadro de cargos e salários. É necessário que os professores de Educação Física conheçam a Proposta Curricular de Santa Catarina e juntamente

com a Secretaria da Educação possam colocá-la em prática, de modo a oportunizar uma melhoria na qualidade de ensino.

Como consideração final, entendo que a Proposta Curricular aponta uma perspectiva democrática e a Secretaria Estadual da Educação adota uma postura autoritária e de exclusão. Se a prioridade dessa Secretaria é a Educação, chegou também o momento de rever seus critérios.

A conclusão que se chega a partir dessa pesquisa é que a Proposta Curricular estaria obsoleta em termos da realidade que está sendo imposta pela economia globalizada. Em parte talvez isso tenha ocorrido porque ela também foi elaborada à revelia da realidade das escolas, não sendo amplamente discutida.

De acordo com a sua última versão (1998:231), apenas um grupo de nove "intelectuais", na área de Educação Física a elaborou, durante o governo do Paulo Afonso Vieira (1994-1998). Sua perspectiva é sócio-histórica, e tenta dar ênfase aos aspectos pedagógicos, à formação da cidadania, na perspectiva de uma disciplina que iria contribuir para a transformação da realidade escolar e para a redução do fracasso escolar. Essa Proposta, no entanto, embora muito boa não foi incrementada, pelo menos ao nível da realidade investigada, o que talvez possa ter acontecido com muitas outras escolas do estado.

Os professores em geral mantêm uma concepção competitivista, calcada no esporte, onde teoria se resume a ensinar regras dos jogos, tais como elas devem ser no esporte de competição. Com isso não abrem nenhuma possibilidade para a criatividade ou para a participação dos alunos na elaboração da aula.

Um outro aspecto importante a mencionar é que a escola pública vem sofrendo um processo cada vez mais perverso de sucateamento, onde quase não há infra-estrutura física, (ginásios, quadras de esporte e às vezes nem bolas suficientes) e os professores são mal remunerados, com salários atrasados e congelados há seis anos. Ainda assim o professor Lúcio insiste em garimpar atletas e fazê-los concorrer em condições de pseudo "igualdade" com os alunos das escolas particulares, que têm à sua disposição uma bola para cada aluno, técnicos desportivos, ginásios.

Trata-se de uma competição "desigual" que, de uma maneira grave, alimenta ilusões infundadas, pois isso é mostrado como uma possibilidade de ascensão social. O caso da uma atleta lageana que foi para as olimpíadas de

Sidney vem sendo usado por ele numa perspectiva meritocrática. (se os outros se esforçarem poderão chegar ao mesmo sucesso), mistificadora que se constitui num engodo, numa farsa em que condições “desiguais” são escamoteadas e negadas.

Segundo Andaló (1995:188):

Muitos dos estudos críticos sobre a educação identificam os professores como “agentes reprodutores” da ideologia dominante e levam a uma postura pessimista com relação às possibilidades de mudanças.

A única entrevistada que apresentou algum vislumbre de conflito foi a professora Marisa, pois os professores Lúcio e Mário, não mostram a menor dúvida que é “aquilo” mesmo o que devem fazer, ou seja, desenvolver o esporte competitivo. Marisa apresenta alguma dúvida, ela quer mudar, mas não consegue, sendo esse um dos motivos que decretou a sua saída, pois não se adaptou à parte esportiva da escola. Por isso procede da mesma maneira que o professor Mário, ou seja, desenvolve o esporte de competição em suas aulas.

Marisa “fazia de conta” que as regras não eram importantes, mas trabalhava o esporte onde obviamente as regras são fundamentais. Permitia assim que as alunas se discriminassem a si próprias, ao deixar se organizarem em equipes, pois acabava tendo uma equipe “forte” da mesma turma, daquelas que freqüentavam as “escolinhas”. Apelava para a boa vontade das adolescentes para não usarem toda a sua “força”, que é uma postura totalmente absurda, especialmente nessa faixa etária diante de uma ação competitiva.

Dentro da categoria utilizada de análise foi constatado que todos os educadores entrevistados se aproximam da categoria que Giroux chama de “Intelectuais Adaptados”. Mesmo não conscientemente estão contribuindo para reforçar as diferenças sociais e engrossar o caldo do fracasso escolar.

Todos eles apresentam uma postura centralizadora onde levam as aulas prontas, não discutem com o grupo os conteúdos, não contemplam as diferenças entre os alunos e tendem a “excluir” aqueles que não se encaixam dentro do modelo do atleta vitorioso, ou seja, atuam como na história do grego Procusto, narrada por Walkenstein (1980:15):

Conta-nos uma lenda que um homem rico e poderoso, obsequioso e cortês, gostava de convidar estranhos para seu palácio, onde lhes propiciava vinhos e iguarias mais requintadas e oferecia-lhes um leito suntuoso para o descanso. O único problema que se apresentava para o convidado era que ele tinha de encaixar-se perfeitamente no leito. Se houvesse a menor discrepância entre o tamanho do convidado e o leito, suas pernas eram cortadas ou esticadas até que ele se ajustasse às proporções devidas e nesse processo o incauto quase sempre acabava por morrer. Somente aqueles raros convidados cujas proporções coincidiam com as da cama tinham suas vidas poupadas e alcançavam a velhice. Na Grécia antiga esse homem prestimoso e gentil recebeu o nome de Procusto”.

Parafraçando Walkenstein, nos dias de hoje, o Procusto agora pode se chamar especificamente “Educação Física” pois só os eleitos, os privilegiados que se enquadram dentro das medidas padrões exigidas é que podem chegar ao “podium”.

Da mesma forma, no mundo da excelência o mercado de trabalho, reforça a ideologia dominante, num quadro econômico de capitalismo global, onde somente alguns poucos, que têm condições, são os que serão vitoriosos, terão toda cobertura da mídia e servirão como modelos numa perspectiva claramente individualista, meritocrática e capitalista. Como por exemplo, pode-se citar Guga, Romário, Pelé, Ronaldinho e outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDALÓ, Carmen Sílvia Arruda de. **Fala professora ! Repensando Aperfeiçoamento docente.** Petrópolis: Vozes, 1995.
- BARBOSA, Cláudio L. de Alvarenga. **Educação Física Escolar - da a alienação à libertação.** Petrópolis: Vozes, 1999.
- BORGES, Cecília Maria Ferreira. **O professor de Educação Física e a construção do saber.** Campinas: Papirus, 1998.
- BRACHT, Valter. **Educação Física e Aprendizagem Social.** Porto Alegre: Magister, 1997.
- _____, **Educação Física e ciência, cenas de um casamento (in) feliz.** Ijuí: Unijuí, 1999.
- BREGOLATO, Roseli Aparecida. **Textos de Educação Física para a sala de aula.** São Paulo: Editora Educativa, 1994.
- BRITO, Carmem Lúcia de. **Consciência Corporal . Repensando a Educação Educação Física.** Rio de Janeiro: Sprint, 1996.
- CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia.** São Paulo: Brasiliense, 2000.
- COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DO ESPORTE. **Educação Física Escolar Escolar frente à LDB e aos PCNs: Profissionais analisam renovações, modismo e interesses.** Ijuí: Medigraf, 1997.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992.
- _____, **Didática da Educação Física.** Ijuí: Unijuí, 1998.
- COSTA, Lamartine da. **Formação Profissional em Educação Física, Esporte e Lazer no Brasil.** Blumenau: Furb, 1999.
- DAOLIO, Jocimar. **Educação Física brasileira: autores e atores da década de 1980.** Campinas: Papirus, 1998.
- FILHO, Lino Castellani . **Educação Física no Brasil - A história que não se conta.** Campinas: Papirus, 1991.

FOUCAULT, Michel. **História da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1984.

GEBARA, Ademir et al. **Educação Física & Esportes – Perspectivas para o século XXI**. Campinas: Papyrus, 1992.

GHIRALDELLI, Paulo. **Educação Física Progressista . A Pedagogia Crítico-Social dos conteúdos e a Educação Física Brasileira**. São Paulo: Loyola, 1988.

GIROUX, Henry. **Escola Crítica e Política Cultural**. São Paulo: Cortez, 1987.

_____, **Os professores como intelectuais. Rumo a uma teoria crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, Pensar, Agir: Corporeidade e educação**. Campinas: Papyrus, 1994.

GRIFFI, Giampiero. **História da Educação Física e do Esporte**. Porto Alegre: Luzzatto, 1989.

KIRSCH, August et al. **Antologia do atletismo - metodologia para iniciação em escolar e clubes**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983.

KUNZ, Elenor. **Educação Física - ensino e mudanças**. Ijuí: Unijuí, 1991.

MELLO, Alexandre Moraes. **Psicomotricidade, Educação Física, Jogos infantis**. São Paulo: Ibrasa, 1989.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTO. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

MOCHCOVITCH, Luna Galeno. **Gramsci e a Escola**. São Paulo: Ática, 1988.

NAHAS, Markus. **Obseidade. Controle de Peso e Atividade Física**. Londrina: Midiograf, 1999.

OLIVEIRA, Vitor Marinho. **Educação Física Humanista**. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1985.

_____, **Consenso e conflito da Educação Física brasileira**. Campinas, SP. Papyrus, 1994.

_____, **O que é Educação Física**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **Educação Física de 5ª a 8ª série**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1998.

PERRENOUD, Philippe. **Práticas pedagógicas, profissão docente formação, perspectivas sociológicas.** Lisboa: Dom Quixote, 1993.

PICCOLO, Vilma. **Educação Física escolar: ser... ou não ter.** Campinas: Unicamp, 1993.

POLITZER, Georges. **Princípios fundamentais de filosofia.** São Paulo: Hemus, 1954.

PROPOSTA CURRICULAR DE SANTA CATARINA. **Educação Infantil. Ensino Fundamental e Médio.** Florianópolis: Secretaria de Estado da Educação e do Ensino, 1998.

SANTIN, Silvino. **Educação Física, uma abordagem filosófica da corporeidade.** Ijuí: Unijuí, 1987.

SARAIVA, Maria do Carmo. **Co-Educação Física e Esportes. Quando a Diferença é Mito.** Ijuí: Unijuí, 1999.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia.** São Paulo: Autores Associados, 1993.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. **Considerações sobre: Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs – Proposta Curricular de Santa Catarina.** PC/SC. Florianópolis: IOESC, 2000.

STEINHILBER, Jorge. **Profissional de Educação Física... existe ?** Rio de Janeiro: Sprint, 1996.

TOLKMIIT, Valda Marcelino. **Educação Física. Uma Produção Cultural Do Processo de Humanização à Robotização.** Curitiba: Módulo, 1993.

VASCONCELLOS, Celso. **Planejamento, plano de ensino-aprendizagem e projeto educativo.** São Paulo: Libertad, 1995.

WALKENSTEIN, Eileen. **Bitolando pela Psiquiatria - a desumanização na terapia.** São Paulo: Brasiliense, 1980.

WÜRDIG, R. Costa. **Dissertação de Mestrado. Dos bancos Universitários aos pátios escolares: da formação inicial à prática pedagógica dos professores de Educação Física.** Florianópolis: UFSC, 1998.

ANEXOS

ANEXO 1 - O roteiro de observações das aulas.

a) As observações das aulas serão feitas pelo pesquisador e registradas num diário de campo.

b) Será observado o empenho dos professores:

c) O planejamento das aulas.

d) A metodologia utilizada pelos mesmos.

e) A relação aluno x aluno.

f) A relação professor x alunos: (autoritária, democrática ou anárquica.)

1. Autoritária:

Se o professor impõe normas.

Controla a turma o tempo todo.

Não admite mudanças.

Segue as regras rigidamente.

Mostra preferência pelos bons.

Ironiza os fracos.

Discrimina as meninas ou os meninos.

Exclui os mais fracos.

2. Democrática:

Discute o planejamento.

Contempla sugestões.

Estimula a participação.

Estimula a criatividade.

Integra os não participantes.

3. Anárquica:

Se ausenta com freqüência.

Não coordena as atividades.

Não estar comprometido com a aprendizagem dos alunos.

g) Tentar-se-á identificar as concepções de Educação Física realizadas pelos professores.

h) Será observada como as aulas teóricas.

i) Será observado se os professores trabalham de acordo com a Proposta Curricular de Santa Catarina.

ANEXO 2 - O roteiro de entrevistas com os professores

1. Qual é o seu nome?
2. Qual é a sua idade?
3. Quanto tempo você tem de magistério?
4. Qual é a sua formação?
5. Onde você se formou ?
6. Quanto tempo faz que você trabalha nesse colégio?
7. Qual foi a sua trajetória profissional?
8. Costuma freqüentar cursos de atualização?
9. Quais os últimos que você freqüentou?
10. Existe apoio da direção para a realização do seu trabalho?
11. Como você vê o campo de trabalho na área de Educação Física?
12. Como você vê a Educação Física neste colégio?
13. Como está a Educação Física no momento atual?
14. Quais as diferenças que você observa, entre as aulas de Educação Física nas escolas particulares e nas públicas?
15. Que tipo de aluno esta escola pretende formar?
16. Como a Educação Física poderá contribuir para a formação deste aluno?
17. Qual é a linha que você mais aprecia e segue na Educação Física?
18. Qual é a sua carga de trabalho semanal?
19. Você segue algum planejamento nas aulas? Qual?
20. Como as suas aulas são planejadas?
21. Quais os conteúdos priorizados? Por quê?
22. Como são desenvolvidas as aulas teóricas?
23. De que maneira você desenvolve as aulas práticas?
24. Na prática esportiva, os alunos estão acostumados a obedecer às regras do jogo. Você acha importante isso? Por quê?
25. O que acontece quando elas alteram as regras do jogo?
26. Você acha que existem benefícios nessas mudanças? Quais?
27. As aulas são mistas? O que você acha disso?
28. Quais são as maiores dificuldades que você encontra para realizar o seu trabalho?

29. De que maneira avalia o seu trabalho?
30. De que maneira avalia os seus alunos nas aulas de Educação Física?
31. Você tem conhecimento da Proposta Curricular de Santa Catarina? O que você mais aprecia nela?
32. Você acha que alguma coisa precisa ser mudada nas aulas de Educação Física?
33. O espaço está livre para as suas considerações finais.

ANEXO 3 - O roteiro de entrevistas com os alunos

1. Qual é o seu nome?
2. Qual é a sua idade?
3. Quanto tempo faz que você estuda neste colégio?
4. Como você é como aluno em geral?
5. Como você é na Educação Física?
6. Como você vê a Educação Física na sua Escola?
7. O que representam as aulas de Educação Física para você?
8. De modo geral, como os seus colegas avaliam a Educação Física na escola?
9. O que é Educação Física?
10. Como são desenvolvidas as aulas de Educação Física?
11. O que os alunos dão sugestões para melhorar as aulas?
12. O que os alunos mais gostam de fazer nas aulas de Educação Física?
13. O que você acha quando 10 alunos jogam e mais de 20 ficam só assistindo?
14. Você acha que os conteúdos ensinados nas aulas de Educação Física contribuem para a sua formação?
15. Quais os temas que são desenvolvidos nas aulas teóricas?
16. Como acontecem as aulas práticas?
17. Como acontece a divisão das equipes?
18. O que vocês mais desenvolvem nas aulas?
19. Além dos esportes, o que vocês mais fazem nas aulas de Educação Física?
20. Você acha que as regras dos jogos são importantes?
21. Quando as regras dos jogos não são cumpridas pelos alunos, o que o professor faz?
22. O professor dá oportunidade aos alunos de mudarem as regras do jogo?
23. Você acha que o colégio é um espaço para os alunos começarem a praticar mudanças?
24. Vocês têm conhecimento da Proposta Curricular de Santa Catarina?
25. Você considera importante as aulas mistas de Educação Física?
26. O professor está sempre presente na atividades com os alunos?
27. Quais as maiores dificuldades que os alunos encontram nas aulas de Educação Física?

28. A professora discute com vocês o plano anual de curso?
 29. Esse ano as aulas de Educação Física, são melhores do que as aulas do ano passado ?
 30. Quais as sugestões que vocês têm para melhorar as aulas de Educação Física e torná-las mais atraentes?
- P- Deixo o espaço livre para suas considerações finais.

ANEXO 4 - Entrevista com a Professora Marisa a título de ilustração

1.P- Qual é o seu nome?

E- Marisa.

2. P- Qual é a sua idade?

E- 49 anos.

3. P- Quanto tempo você tem de magistério?

E- 28 anos.

4. P- Qual é a sua formação?

E- 2º grau completo.

5. P- Onde você se formou?

E- No Centro Educacional Vidal Ramos Junior, onde fiz o curso normal de Educação Física.

6. P- Quanto tempo faz que você trabalha neste colégio?

E- 27 anos.

7. P- Qual foi a sua trajetória profissional?

E- Trabalhei no colégio estadual Melvin Jones e colégio estadual Aristiliano Ramos.

8. P- Você costuma freqüentar cursos de atualização?

E- Não muito.

9. P- Quais os últimos cursos que você freqüentou?

E- Eu fiz o mês passado um curso em Curitiba (abril/2000) em ginástica, dança e desporto escolar.

10. P- Existe apoio da direção do seu colégio para a realização do seu trabalho?

E- Existe.

11. P- De que maneira você vê o campo de trabalho na área da Educação Física?

E- É difícil para falar sobre isso, porque trabalho exclusivamente com as aulas de Educação Física, esta pergunta teria que ser feita para alguém técnico, que participa de campeonatos, competições fora da escola, não participo dessas competições.

12. P- Como você vê a Educação Física neste colégio?

E- Eu acho ótima a nossa distribuição de turmas, é muito boa, eu não tenho queixa alguma.

P- Como é feita essa distribuição?

E- São duas turmas por período, o feminino comigo e o masculino com o professor.

13. P- Como está a Educação Física no momento atual?

E- Eu acho que está havendo um aproveitamento melhor por parte das alunas, por que apesar de não ser "escolinha", na aula de Educação Física, a gente dá mais noções básicas de todas as modalidades.

14. P- Quais as diferenças que você nota nas aulas de Educação Física na escola particular e na escola pública?

E- Eu já trabalhei, já faz bastante tempo, acho que não posso te responder.

15. P- Que tipo de aluno a escola pretende formar?

E- Formar para a vida.

16. P- Como a Educação Física poderá contribuir para a formação deste aluno?

E- Acho, que dando um pouco mais de espaço para ele, de repente através do esporte, para que ele possa ter uma visão maior do mundo lá fora.

17. P- Qual é a linha que você mais aprecia e segue na Educação Física?

E- Direcionando mais para a parte física do aluno, preparo físico.

18. P- Qual é a sua carga de trabalho semanal?

E- Terça e quinta pela manhã e, terça feira à tarde.

19. P- Você segue algum planejamento nas aulas?

E- Olha, foi feito este ano o planejamento, principalmente, até foi feito pelo professor, ele me passou uma cópia e eu procurei seguir, não dentro de uma "escolinha de esporte" e sim, dentro da Educação Física, as atividades como brincadeiras.

20. P- Como as suas aulas são planejadas?

E- Ele trouxe esse plano, até estranhei, ele chegou com o plano feito, ele me passou o plano. Estou seguindo, mas não estou seguindo rigorosamente, eu trabalho à minha maneira.

P- Visto que você não teve participação na elaboração desse plano, quais as mudanças que você achou importante fazer?

E- Eu incluí o atletismo nas aulas de Educação Física, que inclusive nós nunca demos, porque não tínhamos material e esse ano foi comprado o material de atletismo, só que nem eu, nem o professor, trabalhamos essa parte até agora.

P- Por quê?

E- Olha, de repente eu vou ser franca contigo, é uma coisa que eles estão trabalhando no pátio e no campo, fazendo um estacionamento. O nosso clima também não ajuda muito, de repente a partir do próximo semestre, possa trabalhar essa modalidade.

21. P- Quais os conteúdos priorizados nas aulas? Por quê?

E- Eu trabalho mais a parte recreativa com elas, e a formação corporal.

P- Por que esses conteúdos?

E- Porque eu acho que a aula de Educação Física não é uma competição, então eu não tenho porque me preocupar em dar regras e, técnicas de determinada modalidade, se nós temos técnicos para todas as modalidades, que no caso funciona como "escolinha". No colégio eu dou a noção da modalidade e elas

procuram o técnico da referida modalidade, se quiserem se aperfeiçoar, de acordo com o interesse da modalidade.

P- Por que duas aulas de Educação Física, ao invés de três? Teria uma razão?

E- Olha, sempre funcionou assim, porque o esporte corresponde uma terceira aula de Educação Física, que o aluno tem, mas opcional.

22. P- Como são desenvolvidas as aulas teóricas?

E- Quando eu comecei a trabalhar aqui, tínhamos duas aulas práticas e uma teórica, inclusive eu organizava com elas os planos de aula e, cobrava o caderno de anotação e tal. Só que foi mudando e acabando as aulas teóricas.

23. P- De que maneira você desenvolve as aulas práticas?

E- Eu explico a modalidade, como que se joga, as regras, só que eu não cobro totalmente, porque eu acho conforme você observou ali, tenho 30 a 40 alunas por turma, então eu acho que para a gente moldar “direitinho” o atleta, precisaria ter ao mais aulas.

P- Quais as modalidades que são desenvolvidas?

E- O futebol, o voleibol e o basquetebol através de brincadeiras, eu comecei o handebol esse ano com elas, porque eu não tinha material, nem de basquetebol nem de handebol.

P- E, além disso, o que você faz?

E- Eu faço aquecimento, eu faço mini gincanas, eu faço jogos recreativos com elas, tudo através de brincadeiras, eu utilizo as quatro modalidades.

24. Na prática esportiva, as alunas estão acostumadas a obedecerem as regras do jogo?

E- Eu acho que numa aula de Educação Física não, porque aqui é uma coisa mais recreativa, que elas saibam, eu acho importante. De minha parte eu sou honesta em te dizer, eu não cobro tudo como é numa competição.

25. P- O que acontece quando elas alteram as regras do jogo?

E- Eu que oriento.

26. P- Você acha que existe benefícios nessas mudanças?

E- Eu geralmente coloco o que vai ser dado e elas participam. Algumas não muito e outras com interesse maior.

P- O que acontece com aquelas que não participam das aulas?

E- Olha, eu faço sistema de chave, não sei se você observou ali, eu formo time, eu coloco conforme o número de equipes que vai dar, eu coloco o número de meninas para formar as chaves, então eu não obrigo a participar de um time que não queira participar, elas por si só se organizam, só que eu sempre peço para quem está na frente para equilibrar os times, para não ficar um time muito forte e um muito fraco. Conforme você observou, eu estava desenvolvendo duas chaves, uma de basquetebol e outra de futebol de salão.

P- O que você espera do resultado?

E- chegar ao final. Alguém vai ganhar, sistema de chave, não sei se você sabe, sistema de eliminatória dupla, perdeu duas está eliminado, geralmente não chega ao final das chaves pelo número de alunas. Eu faço aquecimento, faço exercícios, alongamento, exercícios corporais, antes da aula, mas geralmente não consigo terminar, só se for uma chave única.

P- Quando não termina em uma aula, volta em outra?

E- Não, porque a gente perde muito tempo, aí tem time que já caiu fora, se eu fizer isso, essa equipe não joga na aula seguinte, então eu faço uma nova chave, elas já sabem.

P- Como você observa aquelas meninas que apresentam mais dificuldades de participar ou são mais inibidas?

E- Eu observo da seguinte forma: Nós temos as "escolinhas" aqui no colégio, aquelas meninas que não participam das "escolinhas" quer queira ou quer não, apresentam mais dificuldade. O pessoal que participa das "escolinhas" é lógico, entendem mais, jogam melhor e elas diminuem um pouco as outras, elas ficam com medo de participar e não saber. Só que eu estou sempre colocando que a aula de Educação Física não é "escolinha" e que todo mundo têm chance de participar. Eu não costumo chamar essas alunas, mas não deixo sem participarem das aulas de Educação Física, da modalidade que está sendo dada.

P- Você costuma receber alguma reclamação das alunas que por ventura têm mais dificuldades.

E- Isso é direto, no voleibol que dá mais para você ver a diferença de nível, eu já conversei com as meninas que fazem "escolinha". Olha, conforme o time que vocês estiverem jogando, vocês deverão cortar mais fraco, e não sacar por cima. Coloco que aqui não é competição. Isso até você pode ver com as próprias alunas, toda a modalidade que eu dou, eu coloco isso para elas.

P- Que resultado você espera dessas chaves?

E- Lá em baixo (no outro ginásio), geralmente a gente fecha o sistema de chave e depois eu faço um competição, mini voleibol, uma coisa assim, uma série contra a outra.

27. P- As aulas aqui são mistas? O que você acha disso?

E- Não, eu trabalho com duas turmas feminina e, o professor com duas turmas masculinas, no mesmo horário, as duas 8^{as} séries, as duas 7^{as}, as duas 6^{as} e as duas 5^{as}.

P- O que você acha? É mais fácil o seu trabalho?

E- Eu acho que sim, eu sempre fui acostumada assim. De repente se eu tiver que trabalhar com a turma mista, posso encontrar um pouco de dificuldade, porque nunca foi o ritmo do colégio.

P- Tem uma razão para isso?

E - Você sabe que o primário já está funcionando a turma mista, a professora já trabalha, mas não era assim. Agora a professora está com todo o primário.

P- Você acha que existe algum benefício com as turmas mistas?

E- Olha, se fosse para ser misto, vindo desde o primário tendo uma seqüência na 5^a, na 6^a, 7^a e 8^a, acho que se misturar agora é mais difícil porque não estão acostumados.

P- Essa separação vem desde quando?

E- Não sei te contar, sempre funcionou assim.

28. P- Quais são as maiores dificuldades que você encontra para realizar o seu trabalho?

E- Nós tínhamos até o ano passado o problema do material. Eu já coloquei para você, tinha uma bola de futebol de salão e as bolas de voleibol, que eram do professor, enquanto tinha material, a gente trabalhava, depois, cada técnico

recolheu o seu material e a Educação Física andou ficando sem o material de handebol, sem o material de basquetebol. Esse ano foi providenciado todo o material necessário para se praticar as quatro modalidades e mais o material para o atletismo. Quanto ao material está realmente ótimo.

P- Existia um privilégio para quem treinava?

E- Não sei se era privilégio, porque eles (os treinadores) que conseguiam com os próprios alunos esse material. O privilégio existia, pequeno mas existia.

29. P- De que maneira você avalia o seu trabalho?

E- Olha, eu avalio como “bom” o meu trabalho de repente eu posso até não ter dado tudo aquilo que era para ser dado, porque a gente também encontra uma certa resistência por parte das alunas, eu dentro daquilo que é a minha aula de Educação Física, estou tranquila porque cumpro com o que é para ser dado.

P- Do que mais as alunas reclamam?

E- Elas reclamam de não existir uma cobrança das regras do jogo. Eu coloco para elas que não é “escolinha” porque quero que aquelas que não freqüentam as “escolinhas” aprendam e possam participar das aulas. Estou encontrando dificuldade diante disso, inclusive com o pessoal do basquetebol porque eu não sei o que está acontecendo: elas vêm das “escolinhas” se achando importantes, aí querem se impor na minha aula e eu não admito, pois aqui é uma aula não é uma competição, isso é um dos motivos pelo qual estou pedindo minha demissão.

30. P- De que maneira você avalia os seus alunos nas aulas de Educação Física?

E- Eu avalio pela freqüência e pela participação em aula. Eu não baixo nota da aluna que não consegue render igual aquela que participa de “escolinha”, eu não possa julgar uma aluna que não faz “escolinha” com aquela que faz. Têm alunas mais tímidas e, você sabe disso, que algumas não conseguem realmente. Olha, eu tenho meninas que às vezes, a gente até tem que se controlar mas, algumas não têm condições, ou seja falta interesse, e às vezes até dá de vontade de dizer: “vão para o xadrez” mas, como professora, eu não posso fazer isso, de maneira nenhuma.

P- Quais as modalidades que são oferecidas para treinamento?

E- Olha, no período matutino elas têm opção de jogar xadrez, mas apenas os alunos do 2º grau ficam dispensados das aulas de Educação Física se fizerem alguma "escolinha".

P- O que você acha da não participação deles?

E- Eu acho que o esporte é para ser praticado por aqueles que gostam, não impedindo que façam. Eu acho que a Educação Física é uma disciplina que teria que ter a participação de todos mas, o método adotado é diferente.

P- De onde parte essa liberação dos alunos das aulas de Educação Física?

E- Parte da coordenação da Educação Física e da direção do colégio.

31. P- Você tem conhecimento da Proposta Curricular de Santa Catarina? O que mais você aprecia nela?

E- Não tenho conhecimento.

32. P- Você acha que alguma coisa precisa ser mudada nas aulas de Educação Física?

E- Olha, eu acho que as aulas mistas, de repente, seriam uma tentativa de melhorar as aulas.

P- Existe uma perspectiva de mudança?

E- Eu já coloquei para você, a semana passada. Eu estou saindo, eu pedi a conta, andou acontecendo um problema, justamente com essas 8ªs séries.

P- Professora, essa sua saída é motivada também pelo descontentamento enfrentado com as alunas, ou por que você acha que já é a hora de parar?

E- Olha, eu acho que isso é uma coisa muito particular para colocar numa entrevista. É hora de parar e de repente, dar a oportunidade para outra pessoa desempenhar o seu trabalho, mostrar a sua capacidade.

P- O espaço está livre para suas colocações finais.

E- Olha, eu acho a Educação Física uma área maravilhosa, é incrível a gente trabalhar, eu sempre trabalhei com Educação Física, é muito importante ver o desenvolvimento do aluno, principalmente eu que estou muitos anos nesse colégio, acompanhar o desenvolvimento do aluno é "gratificante" para o professores.

ANEXO 5 - A entrevista com a aluna Carla a título de ilustração.

Esta entrevista foi realizada com uma aluna de uma escola particular de Lages, que apresenta um desempenho regular em todas as outras disciplinas. A entrevista foi realizada em uma das salas da escola e gravada em mini cassete.

1. P- Qual é o seu nome?

E- Carla.

2. P- Qual é a sua idade?

E- 14 anos.

3. P- Quanto tempo faz que você estuda neste colégio?

E - Desde o pré.

4. P- Como você é como aluna em geral?

E- Eu procuro me esforçar, eu não me considero destaque, mas também não sou fraca, sou intermediária.

5. P- Como você é na Educação Física?

E- Também procuro me esforçar, sou intermediária.

6. P- Como você vê as aulas de Educação Física na sua escola?

Está boa, mas pode melhorar, ter mais atividades, menos rivalidades entre as alunas, mais equilíbrio entre os jogos, e poderia ter um pouco de teoria. A Educação Física poderia ser melhor e a professora também.

P- O que falta por parte da professora?

E- Ela não se atualiza, se fecha só nas atividades de voleibol, basquetebol, e futebol.

7. P- O que representam as aulas de Educação Física para você?

E- É importante, mas ela não é bem dada. Falta mais atividades, mais incentivo, para a gente pensar que é ótimo e ir para frente.

8. P- De modo geral como os seus colegas avaliam as aulas de Educação Física na escola?

E- Pelo que eu sei, a maioria não gosta muito. Está totalmente errada.

P- Por quê?

E- A maioria deveria gostar. Porque é uma atividade que a gente se diverte, pratica esporte, e a maioria gosta dos esportes.

9. P- O que é Educação Física ?

E- Para mim desenvolve a saúde, pois estou em fase de crescimento.

10. P- Como são desenvolvidas as aulas de Educação Física?

E- É pouca coisa, só aqueles esportes, tem que ter mais atividades diferentes.

11. P- Os alunos dão sugestões para melhorar as aulas?

E- Dão, a gente faz os pedidos, só que muitas vezes a gente vai lá na orientação e fala, “queremos tirar a professora do colégio”, mas dizem que vão pensar, só que nunca pensam.

12. P- O que os alunos mais gostam de fazer nas aulas de Educação Física?

E- A maioria gosta de jogar voleibol, e quando acaba o jogo, dançar.

P- Vocês entendem que Educação Física resume em voleibol e dançar?

E- A maioria quer outras coisas, mas só tem isso no nosso colégio, acho que pelo que a gente paga teria que ter outras coisas.

P- Que outras coisas, por exemplo?

E- Tipo, vai lá e joga, e quando não tem nada para fazer, não quer escutar música, vai lá e joga xadrez, gosto de jogar xadrez invés de dançar, aquele campo lá fora não é ocupado, poderíamos fazer um “grupinho” de voleibol ir jogar lá.

13. P- O que você acha quando apenas 10 alunos jogam e mais de 20 ficam só assistindo?

E- É errado, por exemplo, se eu não gosto de jogar voleibol, então que tivesse outras atividades propostas para que eu pudesse participar e não ficar parado. Seria interessante a professora ocupar mais o grupo, o tempo todo.

P- O que acontece com quem perde ?

E- Tem chave que quem perde uma vez cai fora, ou perde duas cai fora.

P- Ficam fazendo o quê?

E- Nada, parado.

P- Você acha certo isso?

E- Totalmente errado.

14. P- Você acha que os conteúdos ensinados nas aulas de Educação Física, contribuem para a sua formação ?

P- Contribui, mas tinha que ser dado de maneira correta.

15. P- Quais os temas que são desenvolvidos nas aulas teóricas?

E- A gente não tem aula teórica.

P- Por quê?

E- Nunca foi falado para a gente, nem colocado sobre aula teórica.

P- Você acha importante?

E- Eu acho importante saber onde surgiram os esporte, pesquisar sobre eles, ficar por dentro, saber o que acontece no mundo.

16. P- Como acontecem as aulas práticas?

E- Não é muito bem praticado, perdeu cai fora, com isso fica parado sem ter o que fazer, teria que ocupar mais o nosso tempo.

17. P- Como acontece a divisão das equipes?

E- A professora pergunta: "quem quer escolher?", daí algumas se manifestam, vão lá e escolhem, só que muitas escolhem as amigas, ficando um time bem "forte", contra um time bem "fraco".

18. P- O que vocês mais valorizam nas aulas?

E- O cuidado com o corpo. Só a parte física.

19. P- Além dos esportes, o que vocês mais fazem nas aulas de Educação Física?

E- Além dos esportes, a gente escute música num rádio gravador com CD onde algumas vão dançar e outras ficam só escutando.

P- Dançam aonde?

E- No espaço vazio, fora da quadra, dentro do ginásio. Enquanto umas jogam, o rádio gravador fica ligado bem alto para a gente escutar.

20. P- Você acha que as regras dos jogos são importantes?

E- São importante para serem seguidas, por exemplo, para não cometer injustiça. É fundamental no jogo seguir as regras.

21. P- Quando as regras dos jogos não são cumpridas pelos alunos, o que a professora faz?

E- Finge que não vê.

22. P- A professora dá oportunidade das alunas mudarem as regras do jogo?

E- Oportunidade de falar ela dá, mas não é cumprido o que a gente fala, nunca é mudado.

P- Você acha que ela concentra em si todas as atividades?

Só que ninguém está satisfeito com o que está sendo dado.

23. P- Você acha que o colégio é um espaço para os alunos começarem a praticar algumas mudanças?

E- É importante ter a nossa participação, a gente paga para ficarmos satisfeitas, é preciso que a gente manifeste nossa opinião, que possa mudar, e possa se sentir mais feliz dentro do esporte.

24. P- Você tem conhecimento da Proposta Curricular de Santa Catarina?

E- Não.

P- A professora nunca falou sobre ela?

E- Não.

25. P- Você acha importante as aulas de Educação Física serem mistas?

E- E- Até que seria, mas pelo pouco tempo que a gente tem, não ia dar em nada, a maioria não ia jogar.

P- Mesmo sendo apenas uma turma, por exemplo, só a 8^aA” masculino e feminino?

E- Seria muita gente para fazer as “chaves dos jogos”, teria muitos times e ficaria pouco tempo para se jogar.

P- Além disso você vê outros benefícios nas aulas?

E- Não deveria ter aquela separação entre meninos e meninas, às vezes os meninos são mais fortes, mas eu acho importante termos um bom relacionamento com eles.

P- Você acha importante essa união também na sala de aula?

E- Eu acho importante.

P- E essa separação, em que parte que você acha prejudicial?

E- A gente tem mais experiência, apreende mais, fica mais divertido, pelo menos acho assim.

P- Quando vocês ficam num ginásio e os rapazes em outro ginásio, vocês teriam curiosidade de assistir as aulas deles?

E- A gente sente vontade de ver o que eles ficam fazendo, como que é a atividade deles.

P- Qual é o motivo da separação ainda nesse colégio?

E- Ainda não sei.

26. P- A professora está sempre presente, nas atividades com as alunas?

E- Não, às vezes ela diz que tem que resolver um problema e deixa a gente sozinha.

27. P- Quais as maiores dificuldades que as alunas encontram nas aulas de Educação Física?

E- Se situar no jogo, jogar mais, não saber jogar direito, se sentir excluída, só aquele “grupinho” das melhores que jogam, daí as outras não conseguem jogar e não têm ânimo para continuar jogando.

28. P- A professora discute com vocês o plano de curso?

E- Não discute nada.

29. P- Esse ano as aulas de Educação Física são melhores do que as do ano passado?

E- A gente está com ela desde a 5ª série é sempre a mesma coisa.

30. P- Quais as sugestões que vocês têm para melhorar as aulas de Educação Física ou torná-la mais atraente?

E- Tinha que ter mais atividades de incentivo, quando uma equipe terminar o jogo, poderia fazer outra atividade, se eu não gosto de tal coisa, que eu vá fazer uma coisa que eu goste dentro das atividades previstas.

31. P- Deixo o espaço livre para suas considerações finais.

E- A professora precisava pensar mais na gente, e ver se a gente está feliz ou não nas aulas de Educação Física, e que tivesse jogos extras, para que tivéssemos mais incentivo para fazer as coisas. Têm gente que faz sem ânimo nenhum, se sente "excluída", não sabe jogar e tem umas que não respeitam as regras, daí já ficam revoltadas com isso e então, acho que isso tem que mudar, seria bem melhor para a gente.

P- Agradeço a sua participação.

ANEXO - AS 26 Coordenadorias regionais de Ensino de Santa Catarina

- 1ª CRE - Florianópolis.
- 2ª CRE - Tubarão.
- 3ª CRE - Criciúma.
- 4ª CRE - Blumenau
- 5ª CRE - Joinville.
- 6ª CRE - Rio do Sul.
- 7ª CRE - Lages.
- 8ª CRE - Mafra.
- 9ª CRE - Joaçaba.
- 10ª CRE - Concórdia.
- 11ª CRE - Chapecó.
- 12ª CRE - São Miguel D'oeste.
- 13ª CRE - Itajaí.
- 14ª CRE - Caçador.
- 15ª CRE - Araranguá.
- 16ª CRE - Brusque.
- 17ª CRE - Xanxerê.
- 18ª CRE - Canoinhas
- 19ª CRE - Jaraguá do Sul.
- 20ª CRE - Laguna.
- 21ª CRE - Ituporanga.
- 22ª CRE - São Bento do Sul.
- 23ª CRE - Maravilha.
- 24ª CRE - Curitibanos.
- 25ª CRE - Ibirama.
- 26ª CRE - São José.